



A Inclusão de Migrantes e Refugiados: O Papel das Organizações Culturais

Maria Vlachou (coord.)

Na capa:
Countepoints Arts,
exposição *Adopting Britain*.
Foto: Nana Varveropoulou

Ficha Técnica

Título: A Inclusão de Migrantes e Refugiados:

O Papel das Organizações Culturais

Coordenação: Maria Vlachou

Entrevistas: Ana Carvalho, Maria Vlachou

Tradução do inglês do manual *Museus,*

Migração e Diversidade Cultural:

Recomendações para Museus:

Ana Braga, Hugo Sousa

Pesquisa de contactos e referências:

Hugo Sousa, Maria Vlachou

Edição: Acesso Cultura, 2017

Design: Rui Belo

ISBN: 978-989-20-7580-8



Acesso Cultura, Associação Cultural
geral@acessocultura.org
acessocultura.org

Com o apoio



Esta licença permite que faça o *download* deste trabalho e o compartilhe desde que sejam atribuídos os devidos créditos, mas sem que possa alterá-lo de nenhuma forma ou utilizá-los para fins comerciais.

Notas

Entrevistas por Ana Carvalho: Associação Renovar a Mouraria (PT), Migration Museum Project (UK), National Museums Liverpool (UK), Refugiacto/Conselho Português para os Refugiados (PT), Rotterdam Museum (NL).

Entrevistas por Maria Vlachou: Counterpoints Arts (UK), Institute of Canadian Citizenship (CA), Noesis (GR), Roskilde Libraries (DK), TODOS Caminhada de Culturas (PT)

Museus, Migração e Diversidade Cultural: Recomendações para Museus é uma publicação original da Deutscher Museumsbund (Fevereiro 2015), posteriormente adaptada para inglês pela NEMO – Network of European Museum Organisations (Maio 2016).

Todos os textos seguem as regras da antiga ortografia.

Agradecimentos

À Fundação Calouste Gulbenkian | Desenvolvimento Humano, pelo bom acolhimento da ideia e por ter financiado a realização do projecto.

A todos os entrevistados: Almir Koldzic, Athanassios Kontonikolaou, Charlie Foran (via Julie Phillips), David Fleming, Filipa Bolotinha, Isabel Galvão, Melanie Holst, Miguel Abreu, Nicole van Dijk, Sofia Cabrita, Sophie Henderson.

A Deutscher Museumsbund e NEMO – Network of European Museums Organisations, pela permissão para traduzir a publicação *Museus, Migração e Diversidade Cultural: Recomendações para Museus* para português.

A Anna Chiara Cimoli, Cristina Santinho

Notas biográficas

Ana Braga é Museóloga. É membro da Direcção da Acesso Cultura, desde 2014, porque acredita que a participação cultural é um direito fundamental e essencial para todos os cidadãos. Colabora com o Centro de Arqueologia de Almada (CAA) desde 2014, porque acredita que o património é absolutamente indispensável no nosso presente e futuro. Concebeu projectos de mediação entre o património e as pessoas, como o *Dias do Pão*, que com o património local ajudam a reflectir sobre problemas globais. Fez o Mestrado em Museologia, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, porque tem a firme convicção que os museus têm a capacidade de inspirar e contribuir para a construção de sociedades informadas, atentas e plurais e de ir muito mais além que a salvaguarda e valorização das memórias coletivas.

Ana Carvalho é museóloga. Com um percurso de mestrado e doutoramento na área da Museologia, actualmente é investigadora de pós-doutoramento no Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS) da Universidade de Évora. Publicou *Os Museus e o Património Cultural Imaterial: Estratégias para o Desenvolvimento de Boas Práticas* (Colibri, 2011), *Museus e Diversidade Cultural: Da Representação aos Públicos* (Caleidoscópio, 2016) e organizou a publicação digital *Participação: Partilhando a Responsabilidade* (Acesso Cultura, 2016). Autora do blogue No Mundo dos Museus e editora do boletim do ICOM Portugal. É uma das fundadoras da revista MIDAS – *Museus e Estudos Interdisciplinares*.

Hugo Sousa é licenciado em Geografia pela Universidade de Lisboa (2002). Estudou Gestão e Produção das Artes do Espectáculo no Forum Dança (2004) e tem pós-graduações em Culturas e Discursos Emergentes (2008) e Ciências da Comunicação (2012) pela Universidade Nova de Lisboa. Tem trabalhado principalmente nas áreas da Cultura e da Comunicação, bem como do Desenvolvimento Territorial. Actualmente, colabora com o Polo Cultural Gaivotas – Boavista, com o 23 Milhas e em projectos na área de usabilidade. É membro da Acesso Cultura.

Maria Vlachou é a coordenadora desta publicação. Consultora em Gestão e Comunicação Cultural. Directora Executiva da Acesso Cultura. Autora do *blog* *Musing on Culture* (e do livro homónimo). Co-gestora do *blog* *Museums and Migration*. Foi Directora de Comunicação do São Luiz Teatro Municipal (2006-2012) e Responsável de Comunicação do Pavilhão do Conhecimento – Ciência Viva (2001-2006). Membro dos corpos gerentes do ICOM Portugal e editora do seu boletim (2005-2014). Foi consultora do Museu Arpad Szenes – Vieira da Silva e da Comissão Cultural da Marinha. Colaborou com os programas *Descobrir* e *Próximo Futuro* da Fundação Calouste Gulbenkian. Aluna do DeVos Institute of Arts Management at the Kennedy Center for the Performing Arts (Washington, 2011-2013); Mestre em Museologia (University College London (1994); Licenciada em História e Arqueologia (Universidade de Ioannina, 1992).

Índice

Introdução 7

Parte I 10

Entrevistas

Parte II 80

**Museus, Migração
e Diversidade**

Cultural:

**Recomendações
para Museus**

Parte III 113

Contactos úteis

Parte IV 118

**Referências
bibliográficas
e outras**

Por onde começar?



Museu Real de Ontario, projecto *Ahlan*. Foto: ICC/Alyssa K. Faoro

Introdução

O contexto

A migração não é um fenómeno novo, no entanto, a actual crise dos refugiados veio chamar a atenção para uma situação de proporções maiores do que aquelas que conhecíamos até agora, e que se apresenta complexa e urgente. A União Europeia procurou formas de lidar com esta situação. A sua reflexão e planeamento, no entanto, raramente ou nunca envolveu o sector cultural.

Neste contexto, muitos profissionais do sector cultural têm vindo a manifestar a sua preocupação e inquietação em relação a esta situação. Têm estado, igualmente, a questionar o seu papel como profissionais e o das organizações culturais em que trabalham no esforço da sociedade para a inclusão das pessoas que se vêem obrigadas a migrar ou forçadas a procurar asilo fora e longe dos seus países. Quem trabalha na área da cultura acredita no seu poder em transformar vidas e contribuir para a inclusão e para a coesão social, promovendo o conhecimento, o diálogo, a tolerância e o respeito. Por essa razão, quem trabalha neste sector não consegue imaginar de que forma este processo de inclusão poderá acontecer sem a Cultura.

Por onde começar? O que é preciso saber? O que fazer e como? Estas são perguntas frequentes entre os profissionais interessados em dar o seu contributo para a inclusão dos migrantes e dos refugiados nas nossas sociedades. É preciso ter acesso a conhecimentos e a ferramentas que permitam reflectir sobre a situação que enfrentamos actualmente e desenvolver programas e acções que possam dar resposta às preocupações e necessidades da sociedade e dos recém-chegados.

Com esta publicação, a Acesso Cultura pretende contribuir para colmatar algumas destas necessidades.

A publicação

Por onde começar? Por quem já tem experiência e quer partilhá-la connosco. A Parte I apresenta dez entrevistas, realizadas por Ana Carvalho e Maria Vlachou, com profissionais e estruturas com diversos níveis de experiência e envolvimento, que nos falam da sua visão, de projectos concretos e dos seus resultados, do que aprenderam com eles. Trata-se de três casos de estudo portugueses e seis internacionais, na área dos museus, das bibliotecas e das artes performativas. Incluem

testemunhos tanto de quem trabalha há muito estas questões como de quem sentiu que tinha que reagir com urgência a uma situação nunca vivida antes, mas perante a qual não poderia permanecer indiferente. A secção das entrevistas encerra com uma entrevista com o Instituto para a Cidadania Canadana (Institute for Canadian Citizenship), uma entidade que procura cumprir a sua missão de promover a inclusão, de criar oportunidades de contacto e de incentivar a cidadania activa através de projectos e programas que incluem fortes parcerias com organizações culturais. Os leitores poderão encontrar no início de cada entrevista o endereço de email dos nossos entrevistados, caso queiram entrar em contacto directo com eles.

Há uma visão partilhada por todos os entrevistados: aquela que diz respeito ao “poder” da Cultura. O poder de criar espaços de encontro, espaços livres, abertos e não ameaçadores, que promovem o conhecimento, que dão a conhecer o “Outro” e a sua humanidade, que ajudam a criar laços e que podem construir uma imagem diferente daquela apresentada muitas vezes por políticos e meios de comunicação, “tornar visível e dar voz ao que muitas vezes permanece invisível ou silencioso”, nas palavras de Almir Koldzic (Counterpoints Arts).

Quando pedimos para partilharem connosco algumas das suas aprendizagens, também houve pontos comuns: ser honesto sobre as razões porque se quer envolver; ser honesto com as pessoas com quem se vai trabalhar; saber ouvir; conhecer o contexto e os que trabalham neste mesmo meio; estar preparado para ajustar ou alterar objectivos inicialmente traçados; criar proximidade e construir relações.

A Parte II desta publicação é um manual produzido pela Deutscher Museumsbund, intitulado *Museus, Migração e Diversidade Cultural: Recomendações para Museus*, e traduzido para português por Ana Braga e Hugo Sousa. Apesar de se relacionar concretamente com o trabalho desenvolvido em museus, considerámos útil incluí-lo na nossa publicação por levantar questões, partilhar reflexões e apontar para possíveis acções que são relevantes para qualquer tipo de organização cultural.

As Partes III e IV incluem informações úteis e recursos: contactos de organizações governamentais, do sector cultural, do sector social e da Academia; referências bibliográficas e outras. O objectivo é ajudar os profissionais que queiram pensar projectos nesta área a construir melhor as suas ideias, a inspirar-se e a criar ligações e parcerias com outras pessoas e entidades que actuam nesta área.

Questões que persistem

Recentes desenvolvimentos políticos na Europa e nos EUA (nomeadamente o referendo do Brexit e as eleições presidenciais americanas e francesas) vieram lembrar quão rapidamente o nacionalismo (por oposição ao patriotismo) se pode tornar numa ideologia dominante, levando a sociedade – certos cidadãos – a uma transformação radicalmente negativa. A campanha é quase invariavelmente feita através da exploração do medo e do desconhecimento e da culpabilização do “Outro”.

Quando se fala no papel da Cultura neste contexto, fala-se de inclusão, tolerância, diálogo. Fala-se ainda do respeito pelos Direitos Humanos. Fala-se de valores comuns, do muito que nos une. Mas, e o que nos separa? É possível vivermos num espaço comum considerando que há valores e práticas culturais que não partilhamos e que, ao mesmo tempo, existem conceitos diferentes em relação ao que constitui um “direito humano”? O nosso discurso raramente inclui os factores que não nos unem, no entanto, estes existem.

O inquérito *Canadians on Citizenship* (2012) mostrou, entre outras coisas, que a maioria das pessoas pensa que ser um bom cidadão é aceitar outras pessoas, que são diferentes, mas também partilhar os valores canadianos. “Não será isto uma contradição? O que são os valores canadianos?”, perguntámos ao Institute for Canadian Citizenship.

Um estudo mais recente do Public Religion Research Institute e do jornal *The Atlantic*, intitulado *Beyond Economics: Fears of Cultural Displacement Pushed the White Working Class to Trump* (2017), indica que, ao contrário do que se pensa, foi o medo das mudanças culturais, mais do que a pressão económica, que fez com que eleitores desempregados brancos sem estudos universitários tenham votado maioritariamente em Donald Trump. O estudo refere ainda que 68% dos eleitores da classe trabalhadora branca disseram que o estilo de vida americano precisa de ser protegido da influência estrangeira e quase 50% concordaram com a afirmação “as coisas mudaram tanto que muitas vezes sinto-me como um estranho no meu próprio país.”

O que é que isto nos diz sobre o papel das organizações culturais? Que é preciso ouvir melhor, ver melhor e não classificar, simplesmente e sumariamente, uma pessoa com medo como uma pessoa ignorante. Neste processo, é preciso reconhecer também a humanidade de quem se sente preocupado e desconfortável por ver o mundo à sua volta mudar. É preciso reconhecer ainda as diferenças, não apenas como factores que enriquecem as nossas vidas, mas também como factores que nos separam e criam tensões.

O conhecimento, o diálogo, a tolerância, a vida em comum, de uma forma geral, são um exercício diário, um exercício de cultura. Desejamos que os conteúdos reunidos nesta publicação possam servir de base para uma maior reflexão e uma prática mais sustentada pelas organizações culturais e pelos seus profissionais.

Maria Vlachou, Maio 2017

Parte I

Entrevistas

Counterpoints Arts

Reino Unido

Associação Renovar a Mouraria

Portugal

Bibliotecas de Roskilde

Roskilde Bibliotekerne, Dinamarca

TODOS – Caminhada de Culturas

Portugal

NOESIS – Centro de Ciência e

Museu de Tecnologia de Salónica

ΝΟΗΣΙΣ, Grécia

Conselho Português para os Refugiados

Portugal

Museus Nacionais Liverpool

National Museums Liverpool, Reino Unido

Museu Roterdão

Museum Rotterdam, Holanda

Projecto Museu da Migração

Museum Migration Project, Reino Unido

Instituto para a Cidadania Canadiana

Institute for Canadian Citizenship, Canadá

Counterpoints Arts (Reino Unido)

O envolvimento com experiências de refugiados e migrantes

Almir Koldzic

Co-director



Counterpoints Arts, exposição *Adopting Britain*. Foto: Nana Varveropoulou

Almir Koldzic é co-fundador e co-director de Counterpoints Arts. Trabalhou durante mais de 12 anos no desenvolvimento de estratégias criativas para a inclusão das experiências dos refugiados e dos migrantes, que levaram, igualmente, ao desenvolvimento de uma estratégia e de uma identidade nacionais para a Semana dos Refugiados no Reino Unido. Desenvolveu o projecto da rede Plataforma. Comissariou e produziu uma grande variedade de eventos, exposições e encomendas relacionadas com o deslocamento. É licenciado em Literatura Inglesa, Mestre em Antropologia e estudou Escrita Criativa. Almir Koldzic é actualmente *fellow* do programa Clore 2017. Email: almir@counterpointsarts.org.uk

A convicção de que as artes inspiram a mudança social e reforçam a inclusão e a integração cultural de refugiados e migrantes é central na missão da Counterpoints Arts. Como é que as artes fazem isso?

O nosso ponto de partida é que a arte delicia, move e surpreende-nos, mas também desempenha um papel único em questionar e imaginar maneiras diferentes de como podemos viver juntos. Os artistas e criativos com quem trabalhamos exploram de muitas maneiras diferentes as experiências, os desafios, as histórias, as aspirações e os sonhos diários das pessoas, ajudando a tornar visível e a dar voz ao que muitas vezes permanece invisível ou silencioso nas políticas implementadas e igualmente inacessível por meio da consulta comunitária. Ajuda também a ir além das abstrações políticas que tendem a dominar o debate sobre a migração no Reino Unido.

Ao dizer isso, percebemos que os artistas não podem e não devem agir sozinhos para resolver problemas sociais profundamente enraizados ou desafios relacionados com as políticas implementadas – sejam eles a integração, a desigualdade ou o racismo. Mas o que a arte pode fazer, na nossa opinião, é fornecer um quadro para as pessoas se reunirem, ampliarem os seus horizontes e participarem em actividades comuns. É dentro desse quadro, – esperamos, não-ameaçador e não-didáctico; vagamente definido pela criatividade, igualdade e respeito pela diferença – que gostaríamos de ver de que forma pode ser negociada e desenvolvida a ideia de integração cultural.

Como devemos entender o termo “integração cultural”?

Não deve ser confundido com assimilação ou homogeneização. Não se trata de dizer às pessoas que precisam de desistir da sua língua e cultura para se encaixarem aqui. Londres é um grande exemplo de uma cidade que permaneceu aberta e que, como resultado, tem beneficiado enormemente das capacidades e dos contributos de uma ampla gama de comunidades que têm chegado aqui nos últimos 70 anos, e muito antes até – cujos contributos fazem parte do próprio tecido desta sociedade e são, às

vezes, esquecidos. Uma das nossas iniciativas recentes que aborda, suavemente, este assunto é *The Traces Project* – uma plataforma online que conta uma história nunca antes contada de contributos para as artes e a cultura de homens e mulheres que procuraram no Reino Unido um lugar seguro de conflitos e perseguições.

Um outro bom ponto de partida para considerar possíveis modelos de integração cultural é reconhecer que alguns grupos recém-chegados precisam de ser apoiados nos seus esforços para ajustar e reconstruir as suas vidas nessa nova sociedade e cultura – seja por meio da língua, oportunidades de educação, desenvolvimento de capacidades, acesso às artes e à cultura ou através de simples actos de acolhimento e bondade entre vizinhos.

Em que é que a vossa missão se traduz exactamente? Pode falar-nos um pouco sobre as vossas iniciativas?

A nossa missão é apoiar, produzir e promover as artes pelos e sobre os migrantes e os refugiados, procurando assegurar que os seus contributos sejam reconhecidos e bem-vindos dentro das artes, da história e da cultura britânicas. Desenvolvemos, por isso, projectos criativos e abordagens para representar as histórias e as experiências de refugiados e migrantes e fazemo-lo em três vertentes – Capacitando, Produzindo e Aprendendo – que se cruzam de diversas maneiras.

Principalmente, a vertente da Capacitação é sobre a construção de infra-estruturas e redes em todo o país que podem criar caminhos para talentos emergentes e apoiar novos projectos neste campo. A vertente Produção procura mostrar e tornar *mainstream* alguns desses trabalhos; e a Aprendizagem é sobre a criação de espaços para uma aprendizagem partilhada e para melhorar a prática. Tudo isso é feito com uma grande variedade de parceiros em todo o país.

Exemplos das nossas iniciativas que se enquadram nestas três vertentes – como *Refugee Week*, *Learning Lab*, *Who Are We?*, *Everyday on Canalside* – podem ser encontrados no nosso website.

Maurice Wren, CEO do UK Refugee Council, um dos vossos parceiros, disse que a Counterpoints Arts procura combater as simples mentiras do discurso político e mediático dominante, vazio de contexto e compaixão. Como é que uma organização como a Counterpoints Arts pode competir com meios de comunicação social que têm um alcance tão grande? Quão significativo é o impacto de vosso trabalho ao lidar com um Golias?

Dado o contexto actual e os muitos e sérios desafios que vamos enfrentar nos próximos tempos, é evidente que todos nós teremos de fazer muito e o esforço terá que ser colectivo.

A maior iniciativa pública que temos, e à qual o Maurice se está em parte a referir, é a *Refugee Week*, que estamos a realizar a nível nacional em colaboração com 14 organizações nacionais e internacionais. Ao longo dos anos, a *Refugee Week* tornou-se no maior festival de artes e cultura no Reino Unido, que reúne várias comunidades. Envolve centenas de organizações, grupos e comunidades e tornou-se num bom veículo para gerar histórias diferentes e mais compassivas nos meios de comunicação social (locais e nacionais) sobre as experiências de refugiados. No ano passado, mais de 100 mil pessoas participaram nos eventos e mais de sete milhões encontraram uma história sobre a *Refugee Week* nos meios de comunicação social ou nas redes sociais. Então, diria que, como um esforço colectivo, a *Refugee Week* tem um impacto significativo no Reino Unido.

Considerando a forma rápida e fácil como o discurso de ódio e as atitudes racistas reapareceram assim que políticos dos dois lados do Atlântico fizeram as pessoas sentir que estes eram toleráveis, como avalia o poder das artes em trazer uma verdadeira mudança social e promover o conhecimento e a tolerância? Não é isso que as organizações culturais sempre alegaram estar a fazer? Devemos concluir que falharam?

Eu sou da ex-Jugoslávia e esses desenvolvimentos recentes evocaram todo o tipo de memórias dos anos 1990, quando o nacionalismo se tornou rapidamente numa ideologia dominante. A partir dessa perspectiva jugoslava, parece-me que, por várias razões, as sociedades tornam-se frágeis em certos momentos da sua história e isso pode levar a uma transformação radicalmente negativa - invariavelmente envolvendo demagogos nacionalistas e o culpar de certos grupos de "Outros". Essa transformação pode acontecer de forma incrivelmente rápida e irreversível.

Assim, o que aconteceu nos dois lados do Atlântico é chocante, perigoso e uma grande chamada de atenção, certamente, para as nossas comunidades artísticas, mas também para todos os outros grupos e comunidades que partilham os valores da diversidade e da igualdade. No entanto, não é preciso muita análise para ver que por detrás destes desenvolvimentos há uma crescente desigualdade ligada à crise financeira e às políticas de austeridade; mercados laborais e financeiros desregulamentados; classes médias que se sentem cada vez mais precárias; campanhas

implacáveis a culpar os migrantes, promovidas por certos meios de comunicação social e assim por diante. Estes são todos os problemas que não serão resolvidos durante a noite e, certamente, não apenas através de iniciativas artísticas.

Mas há, certamente, coisas que podemos fazer. Recentemente, organizámos um *Retiro Artes e Mudança Social*, envolvendo 50 pessoas dos sectores das artes, da cultura, da advocacia, da filantropia e da educação, que se reuniram durante três dias para pensar e imaginar possíveis formas de responder às crescentes fracturas culturais e divisões nas comunidades do Reino Unido. O resultado foi um claro consenso sobre a urgência de trabalhar de forma mais coerente e estratégica entre organizações, estruturas e regiões. Falámos sobre a necessidade de haver projectos locais mais inovadores; da necessidade das artes e da cultura estarem mais ligadas à advocacia e ao desenho de políticas; de narrativas mais unificadas; de abordagens mais ousadas nas encomendas artísticas e no apoio a artistas e activistas culturais que trabalham em várias localidades, etc. Podem ver alguns destaques desta sessão sob a forma de notas visuais.



Counterpoints Arts, exposição *Adopting Britain*. Foto: Nana Varveropoulou

No caso específico do Reino Unido e dos incidentes que se seguiram ao voto Brexit, o que é que pensa sobre o multiculturalismo na sociedade britânica?

A explosão de crimes de ódio, racismo e xenofobia na Grã-Bretanha, após o referendo, foi profundamente inquietante. Mas não estou inteiramente certo de que isso aponte para a ideia de que a Grã-Bretanha falhou como uma sociedade multicultural e diversificada. A mim, pareceu-me mais ser o culminar de uma campanha sórdida, onde um pequeno (mas muito perceptível) grupo de racistas e de pessoas que odeiam os outros se sentiu (e ainda se sente) encorajado pelo resultado e pelo apoio político dado aos seus pontos de vista por demagogos, que apresentam os migrantes como a razão de qualquer doença social. Penso que a Grã-Bretanha, sendo já um país enormemente diverso, vai resistir e lutar contra esta insanidade.

A diversidade não deve ser vista como um fardo ou um défice, mas como uma força progressiva que, se nos comprometermos com ela, torna as nossas sociedades mais fortes. É um processo que precisa de incluir a vontade de questionar e expandir as nossas ideias sobre o que constitui a cultura “dominante”. Como diz Andrea Levy, uma romancista inglesa de origem jamaicana, “Se ser inglesa não me define, então redefinamos o que significa ser inglês”.

A minha reflexão sobre o multiculturalismo baseia-se nas minhas experiências de viver e trabalhar no Reino Unido. O meu filho vai para uma escola na zona oriental de Londres, onde crianças de diferentes origens já estão a aprender a ser sensíveis à diferença, muitas delas a crescer com duas ou três línguas e com ligações e conhecimento de outras partes do mundo. Para mim, elas representam um futuro polifónico imensamente promissor, que está ainda a ser construído e que precisa de ser fortemente defendido contra os mitos nacionalistas e monoculturais.

Penso que as artes (começando com artistas de diferentes origens e que negoceiam múltiplas perspectivas) têm um papel importante a desempenhar na argumentação a favor da diversidade. Recentemente, co-comissariámos com o Southbank Center uma exposição chamada *Adopting Britain. 70 Years of Migration*, que explorou as histórias das muitas e diferentes comunidades que fizeram da Grã-Bretanha a sua casa, daqueles que escolheram vir para cá por trabalho ou por amor, daqueles que procuraram asilo, fugindo da perseguição ou da guerra nos seus próprios países. A exposição ofereceu um retrato da migração que incluiu desde as campanhas britânicas de recrutamento nas Caraíbas nos anos 1950 à migração europeia mais recente.

A Counterpoints Arts apoia, produz e promove as artes pelos e sobre os migrantes e refugiados. O que teria a dizer a outros profissionais da cultura

que desejam envolver-se e criar os seus próprios projectos? O que é que devem ter em atenção quando começam a lidar com pessoas deslocadas e traumatizadas?

O outro lado da história dos actuais acontecimentos políticos e das agitações que estamos a viver é que um número sem precedente de pessoas (jovens) e de organizações quer fazer algo em relação aos refugiados e aos migrantes. O que é extremamente positivo e promissor, e levanta questões sobre a forma como esta energia, entusiasmo e novos recursos podem ser melhor utilizados e sustentados.

É difícil dar aqui orientações muito úteis para aqueles que são novos neste campo. Um bom ponto de partida pode ser serem honestos sobre o porquê de quererem envolver-se e partilhar isso com as pessoas que serão supostamente envolvidas por esse projecto.

Estarem cientes do contexto em que o projecto irá ocorrer e ter algum conhecimento em relação ao que mais se está a fazer e quem mais já está a operar neste campo, a fim de evitar a criação de estruturas paralelas e a duplicação.

Encontrar bons colaboradores, especialmente aqueles que têm alguma experiência, redes relevantes ou acesso a populações locais ou mais amplas, pode fazer toda a diferença.

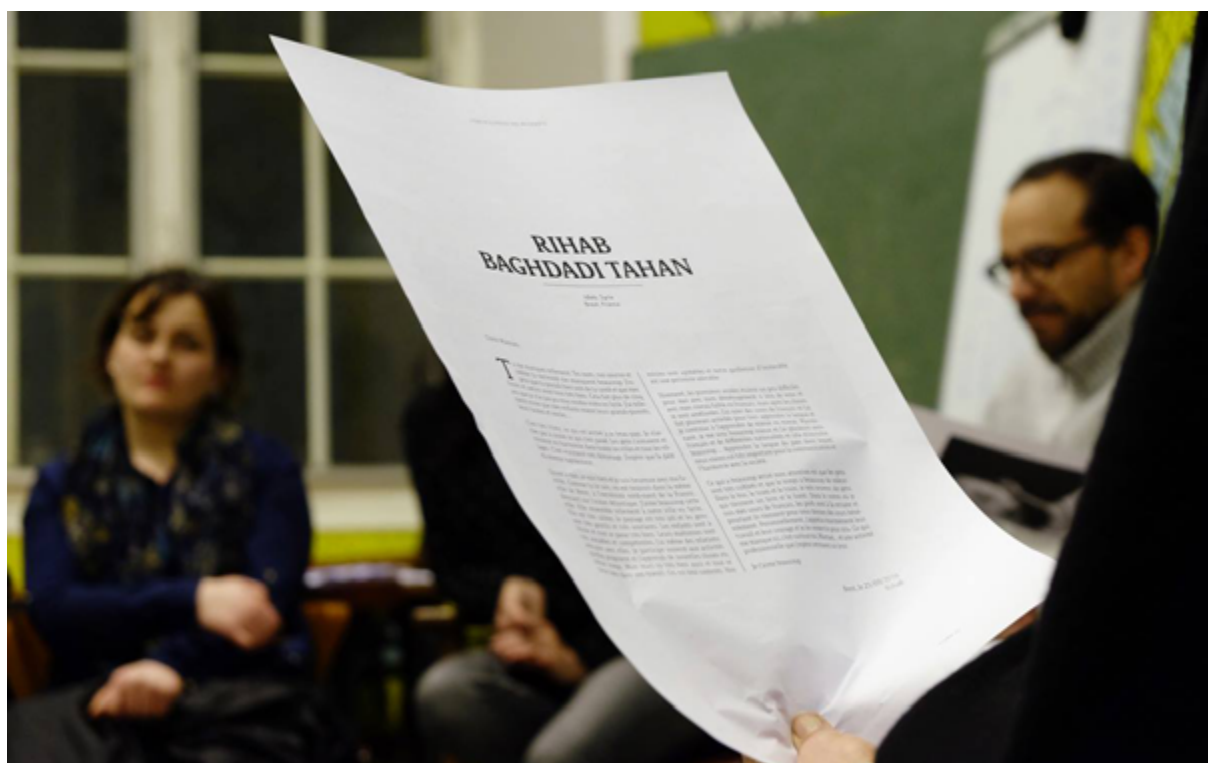
E, finalmente, não generalizar e identificar os refugiados apenas como vítimas traumatizadas ou mesmo assumir que o deslocamento é uma experiência puramente negativa e prejudicial.

Como afirmou Edward Said, o deslocamento também pode ser criativamente poderoso e uma experiência transformadora; permitindo aos “exilados” desenvolver uma perspectiva dupla (de contraponto) que pode fazer emergir expressões extremamente criativas e novos ângulos de visão.

Associação Renovar a Mouraria (Portugal)

Enciclopédia dos Migrantes: o lado intimista e individual das histórias **Filipa Bolotinha**

Coordenadora do projecto



Enciclopédia dos Migrantes. Foto Bertrand Cousseau - L'âge de la Tortue

Filipa Bolotinha reside na Mouraria, em Lisboa. Nasceu em 1975 e é natural de Portimão. Licenciada em Economia pela Universidade Nova de Lisboa, é actualmente uma das coordenadoras da associação Renovar a Mouraria, sendo responsável pela área de Desenvolvimento Local e Empreendedorismo Social. Depois de dez anos a trabalhar em Marketing e Gestão comercial na área cultural encontrou, em 2010, na associação Renovar a Mouraria mais do que um desafio profissional, um projecto de vida. Email: filipa.bolotinha@renovaramouraria.pt

Como surgiu o projecto *Enciclopédia dos Migrantes* e com que objectivos?

A *Enciclopédia dos Migrantes* é um projecto internacional (2014-2017) apoiado pelo programa Erasmus+. Tem por base uma rede de cidades parceiras da costa atlântica (Brest, Rennes, Nantes, Gijón, Porto, Lisboa, Cádiz e Gibraltar), mobilizando oito parceiros com diferentes perfis (associações, universidades, museus, etc.) em França, Espanha, Portugal e Gibraltar. O projecto é coordenado pela organização francesa L'âge de la Tortue, que realiza trabalho no âmbito das artes visuais. É uma iniciativa de carácter artístico e experimental, concebida originalmente por Paloma Fernández Sobrinho, com vista à produção de uma enciclopédia em papel e em versão digital com cerca de 400 testemunhos de migrantes.

O formato da Enciclopédia (um livro monumental, em vários volumes e com encadernação em pele) foi pensado na óptica de divulgar um saber não científico, mas proveniente de experiências de vida, com toda a subjectividade que isso envolve. O princípio foi o de reunir diversos testemunhos de migrantes que fossem a fonte de um novo saber, com base no íntimo e no individual. Em 2017, publicar um conteúdo sensível sob a forma de uma enciclopédia, através de um empreendimento popular e contributivo, é um acto artístico e político.

No geral, a produção da *Enciclopédia dos Migrantes* envolveu 700 pessoas, 103 países representados, 74 línguas maternas e foi publicada em quatro línguas: francês, espanhol, português e inglês.

A Associação Renovar a Mouraria participa neste projecto como parceiro na cidade de Lisboa, devido ao trabalho que já realizava com migrantes. Que projectos têm realizado neste âmbito?

Renovar a Mouraria é uma associação sem fins lucrativos que foi criada em 2008 com o objectivo de revitalizar o bairro histórico da Mouraria (Lisboa), a nível social, cultural, económico e turístico. A Associação é responsável por uma programação

cultural variada, que vai desde concertos de música do mundo, passando por jantares de gastronomia do mundo confeccionados por amigos e vizinhos – os *jantares atravessados* – e ciclos de cinema sobre temáticas relacionadas com as migrações e com as diferenças culturais – o *Mouradoc*; para além disso, tem promovido projectos multidisciplinares que contribuem para a promoção da interculturalidade, para o combate de estereótipos, contribuindo para a integração das comunidades migrantes. Entre os projectos que desenvolvemos, destaca-se o jornal *Rosa Maria*, publicação comunitária e de distribuição gratuita, que pretende ser um reflexo do bairro, e o *Migrantour – Rotas Urbanas Interculturais*, que convida os visitantes a conhecerem a Mouraria multicultural, através do olhar de um guia local, ele próprio migrante, que partilha na primeira pessoa a sua perspectiva sobre o bairro.



Enciclopedia dos Migrantes. Foto Bertrand Cousseau – L'âge de la Tortue

No caso da *Enciclopédia dos Migrantes* os testemunhos de migrantes têm a particularidade de assumir um formato específico. Cada protagonista escreveu uma carta íntima e pessoal dirigida a alguém que deixou no país de origem. De certa forma, entra-se na esfera pessoal, introspectiva e

expositiva da vida destas pessoas. Como foi desenvolvido o processo de recolha?

A Associação foi responsável pela recolha de 50 testemunhos de migrantes que vivem em Lisboa. Desde o primeiro momento e em todas as cidades parceiras, a intenção foi ter uma amostra o mais diversificada possível, tanto em termos de nacionalidades, como em termos de proveniências, nível de qualificações, idade, profissão e motivações para a migração. Em Lisboa, dos testemunhos recolhidos resultou um conjunto equilibrado em termos de género, com 25 nacionalidades representadas, com um intervalo etário dos 25 aos 69 anos (sendo a faixa entre os 30 e os 45 a predominante) e muito diverso em termos de profissões, de níveis de escolaridade e de estratos sociais.

O processo de recolha teve a duração de três meses e foi conduzido por um interlocutor no terreno e por dois fotógrafos profissionais, método que foi aplicado por todos os parceiros do projecto. Esta recolha exigiu vários contactos com base numa abordagem informal de modo a que os participantes se sentissem confortáveis e confiantes, tanto para a partilha da sua história pessoal, espelhada na carta que escreveram, como para a realização da fotografia que acompanha a carta. O local onde decorreram os encontros e as fotografias foram sempre escolhidos por cada participante.

Como foram as reacções dos participantes?

A taxa de resposta ao convite para participar foi bastante positiva e elevada. Todos os participantes sentiram orgulho quando perceberam que queríamos ouvir a sua história e que esta poderia contribuir para mudar a forma como a generalidade das pessoas vê a imigração.

Só através de uma relação de confiança, de proximidade e de envolvimento com os participantes foi possível obter cartas como as que constituem a enciclopédia, cartas nas quais são feitas confissões, reconciliações e onde, por vezes, se revelam mágoas. Outras são cartas de saudade e de esperança, de balanço de uma vida, de partilha, de amizade e de amor. A dimensão intimista e diversificada do teor destas cartas pode ser exemplificado nos seguintes excertos:

“Tens visto os outros? Às vezes pergunto-me, será que sou mesmo eu? Lembras-te quando éramos crianças, com todos aqueles nossos sonhos? Parecem-me impossíveis de realizar, sobretudo para mim. Tu pelo menos estás a viver o teu sonho, casar, ter uma família, ter filhos e uma mulher que amas. Isso é muito bom, pedir mais para quê” (excerto da carta de Lumbala Kimbuku, do Congo)

“Eu, ‘binacional’, eterno 5.ª coluna, tenho mais do que um sonho, tenho um projecto para 2017... Proponho a criação de uma república binacional. Uma

república onde os cidadãos com dupla nacionalidade sejam basicamente cidadãos como os outros. Além disso, na ‘minha’ república, os tri-nacionais, os quadri-nacionais, e até mesmo os penta-nacionais seriam convidados a serem tão iguais quanto todos os outros. Eles são poucos, eu sei, mas isso não seria razão para não o fazer.

Nesta ‘minha’ república, irei ainda mais longe e atrevo-me a convidar todos os ‘mono-nacionais’, os que possuem apenas uma nacionalidade, os pobres! Afinal, a culpa não é deles, é apenas da sua genealogia.” (excerto da carta de Mourad Ghanem que assina assim: *Argelino, Francês, Espanhol, Português, na alma, na carreira e nas lutas, Mourad Ghanem continua a actuar no terreno*).

Paloma Fernández Sobrino, criadora e directora artística do projecto, disse que não se pretendeu fazer um retrato miserabilista da imigração, que se tratou de um projecto artístico com um projecto social implícito. Como é que estas duas dimensões se cruzaram?

Paloma Fernández Sobrino é também migrante e contribuiu para a Enciclopédia. Muito embora Sobrino não corresponda ao estereótipo do migrante económico, assume a sua condição de imigrante ao viver as dificuldades de estar longe do seu país de origem e da sua família, e de viver num país com uma cultura diferente. No fundo é esta a premissa da Enciclopédia: ser um retrato real dos movimentos migratórios que constituem a Europa e não um retrato da migração económica com todas as ideias pré-concebidas que lhe estão associadas. Trata-se de um projecto social porque tem vários impactos, tais como: a alteração de mentalidades, a promoção da multiculturalidade e o reforço da identidade e da auto-estima dos participantes. Neste projecto a abordagem artística esteve aliada à temática social, da mesma forma que a dimensão íntima e individual esteve ligada ao conhecimento colectivo de dimensão sociológica e histórica.

Em jeito de balanço, o que aprendeu com este projecto?

Correndo o risco de usar um lugar comum, a *Enciclopédia dos Migrantes* foi uma lição de vida e, acima de tudo, de resiliência. É um projecto que demonstra que a implementação, quando bem feita, pode permitir a descoberta de impactos que não estão directamente relacionados com o objectivo inicial, mas que podem ampliar os resultados previstos. Por exemplo, no processo de recolha dos testemunhos sentimos que a participação dos migrantes lhes permitiu ter disponibilidade

para um momento de reflexão, de balanço e de análise da sua vida e até de reconciliação com o seu passado. Sentir que podemos ser o motor para a resolução de um antigo conflito de família ou a desculpa para se voltar a escrever a alguém que se deixou num mundo que já não parece o nosso e que temos medo de revistar pelos sentimentos controversos que nos proporciona é muito gratificante e empoderador.

Acima de tudo aprendemos que os factores que nos movem, enquanto seres humanos, são os mesmos – amor, família, aceitação, segurança e saúde –, independentemente do local de nascimento, do contexto social e cultural que nos rodeia, do nosso estrato económico ou social, ou qualquer outro factor de diferenciação. Este projecto veio confirmar o sentido do nosso trabalho, aquilo em que acreditamos, ou seja, a motivação e a premissa de que podemos contribuir para a construção de um mundo melhor, onde todos temos de facto as mesmas oportunidades e onde reconhecemos no “Outro” um ser humano igual a nós.

Ficámos com a percepção clara que a *Enciclopédia dos Migrantes* constitui um documento que ajuda a compreender as migrações na Europa e pode, efectivamente, contribuir para o reconhecimento do importante papel dos movimentos migratórios e das comunidades migrantes na construção da Europa onde vivemos.

Ainda não foi possível aferir o acolhimento da Enciclopédia por parte do público, no entanto, consideramos que a recolha dos testemunhos e das fotografias permitiu às organizações envolvidas reforçarem a sua relação com as comunidades migrantes locais com as quais já trabalhavam em outros âmbitos (ex. ensino da língua nacional a migrantes, apoio jurídico e social, eventos culturais, etc.). De certa forma, permitiu-nos uma maior compreensão desta realidade, a criação de novas pontes e de novas abordagens de intervenção.

Regressando à pergunta, o processo tem corrido muito bem, o que se deve também à escolha de uma metodologia de trabalho que foi desenhada de forma participativa e multidisciplinar. A relação com os parceiros e a ligação entre as cidades também tem sido um ponto positivo do projecto, bem como a capacidade de despertar nos participantes a consciência de que podem ser o veículo principal da sua própria causa, encontrarem em si e na sua história a relevância capaz de criar impacto no “Outro” e abalar a sua confortável posição de cidadão nascido no lado “certo” da Europa. Os participantes não se limitaram a partilhar a sua história, mas têm estado presentes em vários momentos do projecto, nomeadamente nas sessões que foram sendo dinamizadas em torno das temáticas ligadas às migrações (sessões de apresentação do projecto, leitura de cartas, etc.).

Um outro aspecto importante a sublinhar é a interligação entre a dimensão artística e a intervenção social em cooperação com a investigação. Não só foram incluídos na Enciclopédia 16 textos de investigadores na área das migrações e das ciências linguísticas, como estes investigadores estiveram presentes e activos, quer como

membros de um grupo de reflexão, quer como parceiros durante as várias fases do projecto (implementação, coordenação e avaliação).

A partir desta experiência, que conselhos daria a outros profissionais que pretendam envolver-se mais com o tema da migração e criar iniciativas culturais nesta área?

Apenas um conselho, baseado unicamente na nossa experiência: para que os projectos sejam geradores de impactos reais nas comunidades que pretendemos abordar, a proximidade e a construção de relações são dimensões obrigatórias. Muitas vezes, nos projectos de intervenção social e cultural algumas ideias pré-concebidas levam-nos a assumir que sabemos quais são as necessidades do público-alvo e as melhores soluções a implementar. Quando trabalhamos no terreno, em diferentes locais e com diferentes pessoas, percebemos que isto não é bem assim. É preciso saber ouvir o “Outro”, desenvolver metodologias de trabalho que permitam aferir as reais necessidades sentidas e trabalhar directamente com os participantes na procura das melhores estratégias de intervenção.

Bibliotecas de Roskilde
(Roskilde Bibliotekerne, Dinamarca)

Abertas e livres para todos, centradas no conhecimento e nas relações entre as pessoas

Melanie Holst

Consultora de Desenvolvimento e Gestora de Projecto



Bibliotecas de Roskilde, projecto *CulturalCases*. Foto: Roskilde Libraries

Melanie Holst é especialista em integração, formada em Ciências Educacionais e Pedagogia. Através do seu trabalho, ganhou muita experiência e compreensão das relações sociais e culturais que constituem a base do desenvolvimento humano. Como gestora de projectos e criadora de conceitos em vários projectos de integração, conseguiu colocar em prática ideias inovadoras, envolvendo migrantes e refugiados a nível local, nacional e internacional. Roskilde forneceu-lhe uma plataforma e uma oportunidade únicas para desenvolver novas ideias e colaborações com uma vasta gama de parceiros, tanto a nível sectorial como intersectorial, alargando, assim, o alcance e o impacto dos projectos. A força motriz por trás do seu trabalho é proporcionar aos migrantes, refugiados e outros grupos minoritários o acesso a uma visão de possibilidade para as suas vidas e oferecer a oportunidade de verem as suas culturas e recursos descobertos, acabando com as generalizações e promovendo maior compreensão. Email: melanieh@roskilde.dk

Na sua opinião, qual é o papel de uma biblioteca na sociedade, em geral, e no que se refere à integração de migrantes e refugiados, em particular?

Na minha opinião, o papel principal de uma biblioteca é promover o conhecimento, a democracia e a cidadania activa através da criação de um ambiente aberto e livre, que forneça informação e que inspire todos os cidadãos a enriquecerem as suas vidas e a participarem na comunidade. No que diz respeito à integração de migrantes e refugiados, creio que o papel da biblioteca é abrir-se ela própria a esta tarefa e incentivar também a comunidade envolvente, promovendo a inclusão social e a partilha de informação e cultura como um processo de duas vias que inclui todos os cidadãos.

As políticas governamentais não têm sido muito amigáveis para com os migrantes e refugiados nos últimos meses. O que é que isto significa para a vossa organização? Como é que limita ou reforça o vosso trabalho?

O papel de nossa biblioteca não é directamente influenciado por políticas específicas relacionadas com os migrantes e os refugiados e ligadas a diferentes agendas políticas. Somos uma instituição cultural cujo principal papel é proporcionar um espaço livre e aberto para que todos os cidadãos possam procurar informações, se envolvam na comunidade e, assim, enriqueçam as suas vidas. No entanto, como organização, somos vistos como um recurso a este respeito, em parte como resultado do foco político sobre o assunto. Um exemplo disto é o lançamento do nosso mais recente projecto, *A Million Stories*, co-financiado pela UE, que promove

a inclusão social de migrantes e refugiados através da cultura, para o qual recebemos muito apoio da nossa comunidade local e dos nossos colaboradores.

Registámos também uma grande participação e envolvimento da comunidade local em algumas das nossas outras actividades e projectos relacionados com migrantes e refugiados. Por exemplo, uma das voluntárias nos nossos cafés da biblioteca disse numa entrevista que achava que a biblioteca pode ser usada como um representante da sociedade de bem-estar humanitário, de uma forma que dá aos cidadãos a oportunidade de oferecer, apresentando uma alternativa ao discurso que a sociedade em geral considera um tanto hostil em relação aos migrantes e aos refugiados. Ela disse que considera que sua participação é “uma reacção activa contra a tendência de que os refugiados não sejam bem-vindos. Queremos mostrar que não somos todos contra os refugiados”. Isto reforça o nosso trabalho, no sentido de que, em geral, há um grande apoio para promovermos o nosso papel na inclusão e na cidadania activa, tanto entre os cidadãos locais como em relação às actividades do município que promovem a integração.



Bibliotecas de Roskilde, projecto *CulturalCases*. Foto: Dorrit Birklund

As Bibliotecas de Roskilde desenvolveram recentemente uma série de projectos destinados às comunidades de migrantes e refugiados. Houve exposições, cafés de bibliotecas, aconselhamento local envolvendo refugiados e dinamarqueses, trabalho com jardins de infância, actividades de família e de cidadania activa, etc. Quer falar-nos um pouco mais sobre eles? Quais são os seus objectivos específicos e qual a avaliação que faz até agora?

Os objectivos gerais dos nossos projectos e actividades estão relacionados com o nosso papel como bibliotecas em geral, como acabei de descrever. Proporcionar um ambiente aberto e livre, que inclua todos os cidadãos, para fornecer e espalhar conhecimentos e informações que enriqueçam vidas e inspirem os cidadãos a participar activamente na sociedade. Estes objectivos exigem abordagens diferentes para diferentes grupos-alvo, o que é uma das razões pelas quais, nas Bibliotecas de Roskilde, temos funcionários com uma vasta gama de conhecimentos e competências profissionais. Entre as áreas prioritárias dos nossos projectos recentes estão a inclusão social, o acesso à informação sobre a sociedade dinamarquesa e os aspectos relacionados com a comunicação com as autoridades locais, a formação linguística, a ligação em rede e os intercâmbios culturais entre dinamarqueses e migrantes e refugiados.

Como acabei de dizer, sentimos um grande apoio e envolvimento das comunidades e instituições locais. Os dinamarqueses voluntariam-se nos nossos cafés e visitam as nossas exposições, e as instituições locais participam nos nossos projectos. Os migrantes e refugiados nas nossas comunidades locais também mostram uma grande disposição para partilhar as suas histórias, culturas e experiências e para se envolverem com a população local.

O que aprenderam no processo? Tanto em relação ao lidar com migrantes e refugiados como ao mediar os seus encontros com a população local? O que leva os recém-chegados a confiar em vós? Quão abertos estão à vossa abordagem? Consegue envolver pessoas que não são muito favoráveis à migração e à presença de migrantes e refugiados na Dinamarca?

Como o nosso mais recente projecto, *A Million Stories*, é relativamente novo, vou responder a esta pergunta de uma forma mais geral.

No que diz respeito aos refugiados e aos migrantes com quem trabalhei, a primeira coisa que me vem à cabeça são os seus notáveis recursos. Apesar das suas experiências traumáticas, eles parecem ter disposição e capacidade para participar nos nossos projectos e actividades, e fazem, realmente, um esforço para aprender dinamarquês e participar na sociedade em geral. Por exemplo, um casal com quem trabalhei em vários projectos, que vive no centro de acolhimento local, conseguiu, num curto espaço de tempo, fazer o seu caminho para o topo da cena cultural dinamarquesa. Ofereceram-se como figurantes, ao lado de outros 22 refugiados, na obra de Bertolt Brecht *Mahagonny* na Ópera Real Dinamarquesa em Copenhaga. Isto não é apenas um testemunho dos incríveis recursos que eles trazem para a nossa sociedade, mas também da abertura que muitos dinamarqueses e instituições dinamarquesas mostram em relação aos refugiados.

A um nível mais local, a minha experiência é de que muitos dinamarqueses estão bastante interessados em aprender sobre as experiências, histórias e culturas de migrantes e refugiados, e em oferecer apoio e amizade. No que diz respeito à questão da confiança, como em todos os aspectos da vida e do trabalho, é impossível fazer uma declaração geral que abranja uma grande variedade de pessoas com origens tão diferentes. É sempre, naturalmente, uma questão de explicarmos as nossas intenções, o que pretendemos com o nosso trabalho e a nossa agenda, para que eles sejam capazes de tomar decisões qualificadas sobre participar ou não. Acredito que este é o caso com a maioria das pessoas. Houve casos em que os refugiados, principalmente os requerentes de asilo, estavam desesperados por notícias sobre a sua situação e que pensavam que eu podia ajudá-los com isso. Tive que os decepcionar. Mas nunca senti desconfiança ou hostilidade.

É difícil medir ou saber se alguma das nossas actividades ou projectos conseguiu envolver qualquer pessoa que não fosse favorável às comunidades de migrantes ou refugiados. Tudo o que podemos fazer é fornecer e divulgar informações e convidar cidadãos de todos os contextos a participar.

Conte-nos um pouco mais sobre o vosso mais recente projecto, *A Million Stories*.

A Million Stories resultou de um convite da Agência de Execução para a Educação, o Audiovisual e a Cultura do Creative Europe, no âmbito da Comissão Europeia, à apresentação de projectos relativos à inclusão social, aos migrantes e aos refugiados. Trabalhámos com a Future Library em Veria (Grécia), a Malmö Public Library (Suécia) e a Stadtsbibliotek Cologne (Alemanha) para criar uma proposta que respondesse dos seguintes objectivos:

- Ajudar os refugiados e os migrantes a socializar e a expressar-se sem

necessariamente falar a língua do país de acolhimento;

- Criar plataformas de aprendizagem que promovam o respeito e a compreensão da diversidade, das competências interculturais e cívicas, dos valores democráticos e da cidadania;
- Dar aos cidadãos da UE a oportunidade de descobrir, aprender e compreender os valores e as culturas dos refugiados e dos migrantes, e redescobrir e enriquecer os seus próprios;
- Apresentar a co-criação de obras culturais e/ou audiovisuais em toda a Europa;
- Oferecer a possibilidade de colaboração com organizações de outros sectores, a fim de estimular uma resposta mais abrangente, rápida, eficaz e a longo prazo a este desafio global.

A Million Stories criará uma plataforma digital polivalente – um banco de memórias precioso para as gerações de hoje, mas também para as gerações futuras. Incluirá os seguintes aspectos:

- Contar histórias e expressar-se através de histórias audiovisuais e escritas (fomentar a participação activa, a compreensão intercultural e a tolerância, a documentação da história e o desenvolvimento positivo da situação dos refugiados);
- Exposições de fotos e artefactos que contam histórias (museu de cultura);
- Intercâmbio de informações (promoção da ligação em rede e da possibilidade de reagrupamento familiar);
- Aperfeiçoamento de competências (formação e participação em narrativas digitais);
- Informação sobre actividades das bibliotecas e de integração (intercâmbios entre cidadãos da UE e refugiados que promovem a inclusão social e a compreensão intercultural);
- Actividades interactivas de apoio à associação cultural.

Durante o curso deste projecto, que irá durar dois anos, os parceiros irão envolver nas suas actividades 640 refugiados. O projecto será pró-activo na obtenção de uma “massa crítica” de histórias digitais, uma vez que os refugiados provavelmente terão muito poucos recursos disponíveis para realizar actividades que, no início, podem não considerar essenciais para a sua sobrevivência. Por conseguinte, será muito importante que as bibliotecas trabalhem em parcerias locais com “organizações-guardiões”, que já estão a trabalhar com refugiados e que podem ajudar a abordá-los, explicar as possibilidades de contar histórias, etc.

Quando as histórias estão criadas, têm o potencial de se tornar num valioso recurso para a pesquisa de história social e cultural. O próprio projecto não terá recursos para realizar essa pesquisa por si, além de disponibilizar dados estatísticos e relacionados com determinadas categorias expressos através do *Painel Million Stories*. Os parceiros do projecto terão uma postura pró-activa para a comunicação e para tornar acessível o *corpus* de histórias a investigadores na área das ciências sociais e das humanidades digitais, incluindo universidades e agências sociais proeminentes que trabalham neste campo.

Parece concentrar os resultados esperados na pesquisa. Qual será o benefício para os envolvidos?

O foco na pesquisa deve ser entendido como um resultado adicional do projecto, sendo o principal a troca de histórias e experiências, a fim de promover maior compreensão e respeito pela diversidade entre os refugiados e as populações dos países de acolhimento. O benefício da pesquisa pode ser o de fornecer conhecimento sobre as condições nos seus países de origem, rotas de migração e países de destino. Podemos também compreender as correlações entre a forma como os refugiados se percebem, a sua situação e os seus recursos, dependendo das condições de onde provêm e, em particular, das condições a que chegam, sejam políticas, sociais ou não.

TODOS – Caminhada de Culturas (Portugal)

A interculturalidade no desenvolvimento da cidade de Lisboa

Miguel Abreu

Director da Academia de Produtores Culturais



Exposição *Todos por Janelas de Vida* de Rosa Reis, TODOS 2016. Foto: Céu Guarda

Miguel Abreu é produtor cultural, actor e encenador. Em 1987 criou a produtora de teatro CASSEFAZ, que dirige até hoje, e em 1990 o CENTA-Centro de Estudos de Novas Tendências Artísticas. Co-fundador do Fórum Dança. Foi director do Maria Matos Teatro Municipal (1999-2004) e Programador de Teatro no Centro Cultural de Belém (2000-2004). Em 1999 criou a Academia de Produtores Culturais. Programador de Teatro e Director de Produção de Faro 2005 - Capital Nacional de Cultura. Em 2009 criou o festival TODOS-Caminhada de Culturas, que dirige desde essa data. Este é um projecto da Academia de Produtores Culturais para a Câmara Municipal de Lisboa/Gabinete Lisboa Encruzilhada de Mundos, cujos programadores artísticos são Giacomo Scalisi, Madalena Victorino e Miguel Abreu. Email: abreuabreu@gmail.com

O TODOS realiza-se desde 2009 e procura contribuir para a destruição dos guetos territoriais. Quais as ferramentas usadas para isto acontecer?

A nossa principal estratégia para evitar a criação de guetos territoriais na cidade de Lisboa, associáveis aos imigrantes, é a de combater preconceitos, criando oportunidades de convívio entre as diferentes pessoas que compõem o tecido social da cidade. Como? No nosso caso, recorrendo às artes, valorizando o seu cariz contemporâneo e comunitário, e exigindo qualidade profissional.

Através de projectos associados a diversas expressões artísticas (fotografia, teatro, dança, música, novo circo, etc.) e a diversas expressões sociais (gastronomia, visitas guiadas, conversas e encontros, participação criativa, voluntariado, etc.), conseguimos atrair para os territórios onde o festival se realiza forasteiros interessados e interessantes, porque também curiosos e criativos. Logo, dinâmicos, críticos, pró-activos e transformadores. Acreditamos que, desta forma, criamos condições de reconhecimento e de diálogo, condições para a aproximação dessas pessoas entre si na construção de um espaço comum, independentemente das suas diversas origens e idades, sejam elas exógenas ou endógenas ao território. As artes são, pois, os principais estímulos de comunicação pessoal (relacional/interpessoal entre residentes e entre residentes e forasteiros, espectadores) e de comunicação mediática (difusão de uma imagem de desenvolvimento, criatividade e cosmopolitismo da cidade de Lisboa associada à interculturalidade).

O efeito de tudo isto é contínuo? É desejável que seja contínuo?

Temos a expectativa de que a médio e longo prazo essas relações sejam mais cúmplices e duradouras. Aqui, e na Cultura em geral, o factor “tempo” é uma variável que não podemos acelerar.

O festival tem ele próprio um carácter nómada. Deslocando-o a cada três anos para um outro bairro, afirmamos a nossa vontade em sensibilizar os cidadãos e os decisores políticos para a importância de pensar a cidade como um todo, onde *todos* devem estar próximos de *todos*. Identificando e fortalecendo os agentes artísticos, culturais, associativos, comerciais, políticos de cada território, e a propósito da realização de cada edição do festival, estimulamos, *a posteriori*, a criação de projectos artísticos e socioculturais, ou outros de natureza criativa, ou ainda de carácter comercial, tendencialmente mais cosmopolitas. É nesta perspectiva que se deseja entender a continuidade do TODOS, em cada território por onde passamos.

Oito anos depois, qual tem sido o impacto do festival na vida dos imigrantes?

Podemos considerar vários tipos de impactos: os directos e os indirectos, os qualitativos e os quantitativos, os de curto e os de médio/longo prazo.

Sobre a vida concreta dos imigrantes que colaboram no festival, valorizamos, essencialmente, o conjunto de aspectos emocionais: a elevada auto-estima e o prazer que eles têm em colaborar, fazer parte da Festa, que os orgulha. Contamos com algumas dezenas de imigrantes que nos vão acompanhando desde 2009, e de edição para edição. Os seus filhos vão crescendo sabendo que, em Setembro, há aquela festa onde reveem os amigos dos anos anteriores, e isso é muito bonito. Por outro lado, vão conhecendo outros bairros da cidade, vão estabelecendo novos contactos, enriquecendo as suas relações humanas e profissionais.

Há ainda outro aspecto importante: o TODOS chega também a pessoas de outros países europeus que, não sendo tecnicamente imigrantes, também não são portugueses. É possível esbater fronteiras e preconceitos entre hierarquias de mais ricos e de mais pobres, já que todos desempenham funções no festival em pé de igualdade, sem hierarquizações nem paternalismos. O TODOS também tem ajudado a enfraquecer o preconceito de que o tráfico de drogas, a prostituição, a degradação do espaço público estão associados aos imigrantes, sobretudo de países não europeus.

E na vida dos Lisboaetas em geral?

Aqui podemos também falar das relações de maior proximidade e cumplicidade entre vizinhos. Na realidade, há vizinhos que, muitas vezes, só se passaram a conhecer após o festival. Além disso, a programação artística, a intervenção dos artistas, os espectáculos no interior dos edifícios, nos jardins e nas ruas, nas lojas, etc., contribui para a criação de imaginários mais criativos e contemporâneos, que ajudam os residentes a valorizar melhor o património do seu bairro e a afirmar o seu sentimento de pertença.

Também devemos referir o esforço do TODOS, e sobretudo da Madalena Victorino (que juntamente comigo e com o Giacomo Scalisi desenha a programação artística do festival), na integração das populações mais solitárias e isoladas dentro da “grande cidade”, - nomeadamente, alguns idosos e os sem-abrigo-, que sabemos que naquele período estão mais acompanhadas, sentem-se úteis e mais confortadas.

Há ainda a carga simbólica do TODOS na afirmação de Lisboa como uma cidade intercultural. A capacidade do festival em contribuir para a afirmação do valor da interculturalidade e da importância dos imigrantes e dos estrangeiros para a cidade, valoriza progressivamente todos os imigrantes e estrangeiros que vivem e trabalham na cidade.

Por fim, o impacto mediático do festival na imprensa escrita, nas rádios e nas televisões, tem ajudado a difundir a visão e a missão intercultural do festival, e da cidade que o promove, familiarizando as pessoas com pensamentos, linguagens, práticas sociais, muitas vezes, ainda, estranhas.

Não quero deixar de referir, no entanto, que temos noção de alguns riscos associáveis, nomeadamente a constatação de que algumas mudanças nos territórios vão no sentido da gentrificação dos mesmos, com o perigo de criação de novas modalidades de exclusão. Uma evidência para a qual se deve ter consciência e para a qual o TODOS tem alertado os poderes locais (Câmara Municipal e Juntas de Freguesia).



Quer flor? Fotografia para o cartaz da 1ª edição do TODOS, 2009. Foto: Georges Dussaud

Há formas, ou interesse, em envolver pessoas que se opõem à imigração? Que têm medo dos imigrantes?

Os mais resistentes ao “*Outro*” devem ter oportunidades de ser incluídos, de um modo ou de outro, mais cedo ou mais tarde, em qualquer actividade em que o “*Outro*” esteja. Um exemplo: na Mouraria, face à resistência de uma senhora aí nascida e criada para conviver com vizinhos imigrantes, convidámo-la para *guia* de uma exposição de fotografia, apresentada no Arquivo Municipal de Lisboa. Para tal, recebeu formação, e muita informação, sobre os hábitos de vida e tradições das famílias imigrantes, fotografadas no seu bairro, que compunham os retratos da exposição. E, de facto, a percepção da senhora sobre essas famílias mudou.

Nem sempre conseguimos alcançar os nossos objectivos, naturalmente, mas a persistência é a nossa melhor opção. No fundo, o que verificamos é que a mediação artística e/ou social, com a participação de pessoas diversas em diversas actividades, estimula a “normalização da relação quotidiana”, directa ou indirecta, gerando novas relações empáticas e de cumplicidade, combatendo medos derivados de preconceitos e de informação de má qualidade.

Quais as vossas aprendizagens ao longo destes anos e através deste contacto e colaboração com imigrantes e refugiados?

Quanto aos refugiados, não temos grande experiência de trabalho com eles – convém, creio, distinguir que a situação dos imigrantes é diversa da situação dos refugiados. E ainda que tenhamos integrado, em 2016, um grupo significativo de refugiados nas nossas actividades, é sobre os imigrantes que temos reflectido mais.

Assim, confirmamos que estes processos implicam uma enorme vontade e disponibilidade da nossa parte para a inquietação, para ouvir e para compreender, bem como para estimular a participação de quem tem medo, ou vergonha, de se manifestar; confirmamos que devemos evitar paternalismos ou comiseração para com os imigrantes e refugiados. Que devemos estar próximos, cúmplices, comprometidos e críticos.

Também compreendemos que uma maioria expressiva de pessoas, venham de onde vierem, são conservadoras e desconfiadas, elas próprias vítimas dos seus muitos preconceitos e capazes de muita discriminação. Também é verdade que há manifestas resistências de algumas comunidades de imigrantes em se abrirem a terceiros e de criarem laços de proximidade e espaços comuns. No entanto, verificamos que a maior parte das pessoas têm muito orgulho nas suas raízes e tradições. Aprendemos, então, que, partindo desse orgulho, convidando as pessoas para a

partilha das suas tradições e memórias, também as podemos interessar pelas tradições dos outros, numa dinâmica de convívio e de inclusão em projectos artísticos e socioculturais.

Aprendemos ainda que a situação das segundas e terceiras gerações nascidas em comunidades imigrantes, e já em Lisboa (essencialmente comunidades de origem africana), é uma outra realidade a trabalhar, paralela e permanentemente.

Enfim, aprendemos que há muito trabalho para ser feito e que é urgente partilhar experiências; estabelecer redes e parcerias locais, nacionais, europeias e internacionais, com projectos similares ao TODOS. Mas com rapidez e vontade de agir no terreno – essa é a parte mais difícil! Enquanto agentes artístico-culturais estimulamos curiosidades, criamos expectativas e esperança, promovemos conexões humanas que geram capital social rico e interessante, mas não temos capacidade de avançar muito mais sem acções políticas e sociais estruturadas, complementares e devidamente concertadas.

NOESIS – Centro de Ciência e Museu de Tecnologia
de Salónica (NOΗΣΙΣ, Grécia)

A ciência encontra a humanidade

**Athanassios
Kontonikolaou**

Director



Parque tecnológico. Foto: NOESIS

Athanasios Kontonikolaou é o Director Geral e Director Técnico do NOESIS – Centro de Ciência e Museu de Tecnologia de Salónica. Além da gestão e acompanhamento da construção de novas infraestruturas do SCMTS, é responsável pelos novos projectos, concursos, avaliação de propostas, composição e verificação de projectos, serviços e fornecimentos. No período 2002-2008, foi responsável pela supervisão e verificação do financiamento do projecto pelo EFTA (Banco Europeu de Investimento) e também por encontrar novas fontes de financiamento. É formado pela Escola de Engenheiros Eléctricos da Universidade de Salónica e membro do Comité de Especialistas da Câmara Técnica. Email: kontonikolaou@noesis.edu.gr

Qual é a missão do Noesis?

NOESIS – Centro de Ciência e Museu de Tecnologia de Salónica é uma fundação cultural e educativa sem fins lucrativos que promove a compreensão pública da Ciência e Tecnologia de uma forma educativa e recreativa. O objectivo principal do Centro é a popularização do conhecimento científico e tecnológico moderno e a sua divulgação ao público através de exposições, filmes, programas educativos, seminários e palestras. A nome de marca do Centro pretende enfatizar a ligação entre a sua acção e a “noese”¹ humana, uma vez que a intenção é tornar o conhecimento científico disponível a todos. O Centro pretende tornar-se numa atracção principal no campo da cultura científica e tecnológica, não só na Grécia, mas no Sudeste da Europa também.

Como é que esta missão se relaciona com as comunidades migrantes e os refugiados?

O NOESIS acolhe as crianças dos campos de refugiados de Salónica e oferece-lhes um programa científico, educativo, cultural e social. A nossa instituição gostaria de contribuir com o seu *know-how* e valor cultural para a integração das crianças refugiadas e das suas famílias na sociedade e no sistema educativo grego.

A ciência deve ser acessível a todos e acreditamos que o NOESIS cumpre a sua missão oferecendo, por exemplo, às crianças refugiadas a possibilidade de assistir a um filme educativo que lida com as maravilhas do universo, narrado na sua língua materna. Elas visitam também o Museu de Tecnologia com a ajuda de um guia que fala a sua língua. Têm a oportunidade de jogar e aprender no parque tecnológico com exposições interactivas que tornam a física numa actividade divertida e educativa para elas. Na exposição de tecnologia grega antiga, elas familiarizam-se com a tecnologia antiga e as invenções dos cientistas gregos antigos. Percebem que a tecnologia é um campo dinâmico e que tecnologias futuras serão construídas sobre

1 nota do tradutor: (grego nóesis, -eos, inteligência)

conhecimentos do passado. Por fim, as crianças visitam a exposição do automóvel, onde aprendem sobre a história e a tecnologia por detrás da construção de um carro e sobre o desenvolvimento dessa indústria.

As actividades acontecem na língua das crianças. Isso faz sentido por agora, mas também significa que elas ficam entre si, não se misturam com crianças locais. Neste momento, o governo grego proporciona aulas de grego, portanto, num curto espaço de tempo, elas serão capazes de participar em todas as nossas actividades, juntamente com as crianças locais. O nosso objectivo é ajudá-las a integrar-se e não a mantê-las separadas.

Devo dizer que o programa funciona em associação com o Alto Comissariado das Nações Unidas, os Municípios de Thermi e de Salónica, numerosas organizações sem fins lucrativos e o apoio de empresas locais.

Quem tomou a decisão de se envolver com os refugiados?

Todas as decisões na nossa instituição são tomadas pelo Conselho de Administração. No início, a equipa foi relutante. Os colegas sentiram-se preocupados, pois essas pessoas passaram por muita coisa e a educação não era a sua prioridade. Além disso, todos nós estávamos cientes de que as diferenças culturais e religiosas fizeram certas pessoas questionarem se seria uma boa ideia integrar os refugiados na nossa sociedade.

Tanto o Conselho de Administração como a equipa do NOESIS abraçaram a ideia da nossa instituição participar na integração dos refugiados na nossa sociedade. É o mínimo que podemos fazer para aqueles que são menos afortunados do que nós. As poucas reservas que inicialmente surgiram tinham a ver com as reacções que os restantes visitantes poderiam ter. Mesmo assim, ao dar as boas-vindas às crianças refugiadas nas nossas instalações e ao proporcionar-lhes a oportunidade de experimentar a magia da ciência de uma forma criativa, ficamos com a sensação que estamos a cumprir a missão da nossa instituição – ciência para todos!

Como reagiram os refugiados?

As crianças sentem-se muito animadas com a participação neste programa. Têm um sorriso precioso nos seus rostos quando deixam o nosso centro de ciência! Isso é tudo o que precisamos para continuarmos com este esforço, sabendo, ao mesmo tempo, que estamos a fazer a coisa certa.

Os pais também participam nos nossos programas. Eles também estão muito satisfeitos porque os seus filhos têm acesso à educação, que foi uma das razões porque fugiram do seu país. O programa dá-lhes também uma pausa das difíceis condições em que estão a viver.



Exposição automóveis. Foto: NOESIS

Como é que os restantes visitantes reagiram?

No início, os outros visitantes podem ter tido algumas reservas, principalmente em relação à integração dos refugiados na nossa sociedade. No entanto, temos a sensação que, num curto período de tempo, os nossos visitantes, bem como a comunidade em geral, têm mostrado o seu apoio, como um sinal de solidariedade e de boa vontade para com os necessitados. Ao mesmo tempo, registamos uma resposta positiva da parte dos meios de comunicação social, que abraçaram a nossa iniciativa. O programa do governo para incluir as crianças refugiadas no sistema educativo é também uma forma de fazer avançar as coisas.

O que é que vocês aprenderam neste processo?

Graças à nossa longa experiência em receber visitantes de outros países, foi-nos bastante fácil planear algo para os refugiados. Não tivemos nenhum problema com o programa até agora. De todas as histórias que nos contam, tornamo-nos mais sábios e temos uma melhor compreensão do que é importante na vida.

Conselho Português para os Refugiados (Portugal)

RefugiActo: a voz e o eco dos refugiados através do teatro

Isabel Galvão Professora de Português
Sofia Cabrita Actriz e Encenadora



RefugiActo, *Fragmentos*, projecto Refúgio e Teatro: dormem mil gestos nos meus dedos.
Foto: Carlos Porfírio

Isabel Galvão é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Ingleses e Franceses, com formação de professores de Português Língua Estrangeira. Trabalha no Conselho Português para os Refugiados – CPR, desde 1997, como Professora de Português, utilizando e desenvolvendo metodologias de ensino-aprendizagem dirigidas às necessidades específicas dos refugiados, incluindo a criação e a adequação de materiais didácticos, e a realização de actividades socioculturais. Fundadora e dinamizadora do RefugiActo. Coordenou o projecto PARTIS – *Refúgio e Teatro: Dormem Mil Gestos nos Meus Dedos*, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Email: isabel.galvao@cpr.pt

Sofia Cabrita é actriz e encenadora. Pós-graduada em Comunicação e Artes pela Universidade Nova de Lisboa, formada pelas escolas de Teatro do Gesto Estudis de Teatre (Barcelona) e Kíklos-Scuola Internazionale di Creazione Teatrale (Pádua) e Licenciada em Formação de Actores pela Escola Superior de Teatro e Cinema (1999). Fundadora e responsável artística da Casear Criação – um colectivo de pesquisa e criação nas áreas do gesto, objectos performativos e máscaras. Tem estado ligada a vários projectos de formação sobre práticas artísticas, especialmente na Fundação Calouste Gulbenkian, onde é também mediadora artística no Museu. Colabora com o RefugiActo desde 2008, e foi a responsável artística do projecto PARTIS – *Refúgio e Teatro: Dormem Mil Gestos nos Meus Dedos*. Email: sofiacabrita@yahoo.es

Sobre o projecto RefugiActo, como surgiu, quais as motivações e objectivos?

Isabel Galvão (IG) – O RefugiActo surgiu em 2004 no contexto das aulas de língua portuguesa no Conselho Português para os Refugiados (CPR). É um grupo de teatro amador, onde se partilham emoções, saberes e experiências, e por onde têm passado pessoas de muitas origens diferentes (Afeganistão, Albânia, Arménia, Bielorrússia, Caxemira, Colômbia, Costa de Marfim, Etiópia, Gana, Geórgia, Guiné Bissau, Guiné Conacri, Irão, Iraque, Kosovo, Palestina, Mianmar, Nigéria, Portugal, Ruanda, Rússia, Sri Lanka, entre outros).

As aulas de português no CPR começaram em 1997. Acreditamos que a língua é muito mais do que vocabulário e gramática, encerra história, tradições e diferentes códigos sociais, culturais e comportamentais. Desde então, fomos adaptando as metodologias tendo em conta as necessidades dos refugiados e organizando também actividades socioculturais, cujo objectivo é facilitar o diálogo intercultural e cruzar diferentes expressões culturais e saberes.

Nas aulas partilhavam-se muitas peripécias e vivências. A ideia de as teatralizar surgiu concretamente em meados de 2004 com vista à sua apresentação numa festa de fim do ano. Começámos com pequenos *sketches*, num registo irónico e cómico, sobre situações da sua experiência enquanto requerentes de asilo e o seu acolhimento em Portugal; brincava-se com os mal-entendidos e os constrangimentos inerentes a um Centro de Acolhimento, com as condições de aprendizagem e as

dificuldades da língua portuguesa, com alguns aspectos do processo de integração, satirizando, por exemplo, o mau atendimento no Centro de Saúde, os obstáculos para obtenção da documentação, o trabalho ilegal, a dificuldade em arrendar uma casa, etc.

Para os refugiados, estar em grupo e teatralizar histórias do quotidiano ou situações dramáticas em que todos participavam era um modo de criar uma rede de apoio, de se fazerem ouvir, de aprenderem a língua, de conhecerem o “Outro”. Esses meses de criação, de adaptação dos textos e de ensaio foram de tal forma marcantes e positivos para os alunos que ninguém queria interromper as sessões de teatro. E assim se foi tornando claro para todos que o teatro podia, de facto, dar a conhecer um outro lado da causa dos refugiados e ser uma voz activa, interventiva e transformadora.

Nos primeiros anos deste projecto contámos com a ajuda e o empenho de muitas pessoas, desde logo de quem participou nas peças, mas também de voluntários, de familiares e de amigos, do CPR que disponibilizou as instalações e deu o apoio logístico, bem como de diversos profissionais das artes performativas.

Sofia Cabrita (SC) – Acreditamos que aliar a aprendizagem da língua ao teatro tem estimulado a expressividade e a criatividade, a comunicação através da palavra e do corpo, o autoconhecimento, o conhecimento do “Outro” e do mundo, o diálogo e o relacionamento entre as pessoas, além de melhorar a confiança e a autonomia de cada um. Através do RefugiActo, os refugiados podem expressar a sua voz, ter um papel activo e sensibilizar a sociedade portuguesa para esta realidade.

Em 2014 o RefugiActo passou a integrar o projecto *Refúgio e Teatro: Dormem Mil Gestos nos Meus Dedos*, com o apoio do programa PARTIS (Práticas Artísticas para a Inclusão Social) da Fundação Calouste Gulbenkian. O projecto divide-se em duas partes. Uma primeira parte inclui sessões de expressão dramática regulares e abertas a todos (uma a duas vezes por semana no auditório do Centro de Acolhimento para Refugiados – CAR, na Bobadela, em Loures), que complementam a aprendizagem da língua portuguesa (as sessões são pensadas em conjunto pela artista responsável e pela professora de Português Língua Estrangeira). A segunda parte tem como objectivo criar e montar uma peça de teatro de média duração.

O RefugiActo foi sempre um grupo aberto à entrada de novos elementos, contudo, entre 2014 e 2016, período que correspondeu à duração do projecto PARTIS, só puderam entrar pessoas que já tivessem estado com alguma regularidade e duração nas sessões de expressão dramática e que tivessem a sua situação de visto mais avançada. Esta situação permitiu uma maior estabilidade do grupo e uma maior garantia de um trabalho acompanhado.

O grupo sempre teve muitas solicitações para apresentar os espectáculos (quase

sempre de curta duração e com poucas exigências técnicas), por todo o país e em diferentes situações. Durante estes três anos, embora tivéssemos tentado reduzir o número de apresentações de modo a podermos focar-nos mais no processo de criação, houve um enorme crescimento da atenção mediática sobre os refugiados e também um aumento significativo de pedidos de asilo em Portugal. O CAR ficou acima das suas possibilidades, bem como todo o CPR e esta situação veio modificar algumas linhas do projecto, obrigando-nos a uma grande adaptação. Por outro lado, tornou ainda mais evidente a necessidade e a urgência do teatro como uma prática artística para a inclusão social.

O que têm aprendido com este projecto?

SC – Temos aprendido que fazer teatro é difícil se não te propuseres a um trabalho intenso sobre ti próprio; e esse trabalho exige tanto de ti como dos outros, e requer um grande apoio, coragem e disponibilidade. A visão que é “vendida” é muito mais leve, assente sobre os jogos e o prazer de estar em cena nos tempos livres, os aplausos e o que se pode aprender através destas coisas. Mas trata-se mais de dar do que de receber e é preciso criar nas pessoas e nas instituições promotoras e financiadores a noção de que para se tornar uma prática de sucesso há requisitos a serem cumpridos e que estes nem sempre correspondem aos resultados idealizados, exigidos ou esperados.

Por outro lado, temos aprendido que a arte une as pessoas de uma maneira única, cria empatia, laços, entendimento e gera um conhecimento humano, social e cultural que de outro modo seria impossível alcançar. E isto é essencial quando falamos da relação entre refugiados e as sociedades de acolhimento.

IG – Enquanto fundadora e dinamizadora do grupo, senti sempre que se desenvolvia uma dinâmica muito peculiar, em parte devido às diferentes culturas que integravam o grupo, surgindo muitas ideias que debatíamos e nos enriqueciam. Mas para transformar essas ideias em teatro faltava-nos inicialmente a orientação e o acompanhamento profissional. Sempre cultivámos o desejo de fazer melhor e a consciência de que precisávamos de ferramentas para potenciar e valorizar o desempenho do grupo. Nesse sentido, fizemos formações, tivemos ajudas pontuais, e procurámos partilhar essas aprendizagens com outros elementos que iam entrando no grupo.

A direcção artística continuada ao longo de três anos foi fundamental para ajudar a sistematizar este trabalho com características tão singulares. Desde logo, na compreensão do teatro e das disciplinas que o integram, alargando conhecimentos e léxico teatral, melhorando a forma de trabalhar em grupo, aperfeiçoando e desenvolvendo a consciência corporal, a capacidade crítica e a autocrítica, na necessidade de planejar e organizar, no conhecimento dos aspectos técnicos para a produção de uma peça e no processo de criação e interpretação de uma dramaturgia. Descobriram-se

novas formas de trabalho, mais focadas e mais centradas num caminho a percorrer, dirigidas por quem sabe como percorrê-lo e tem qualidades humanas e artísticas para lidar com um grupo de não artistas, de diferentes origens.

Ao longo deste percurso, o RefugiActo criou uma peça, *Fragmentos*, com uma duração mais longa e com maior qualidade artística, e tem hoje um maior suporte técnico para enfrentar novos desafios.



RefugiActo, Dia Mundial do Refugiado, 2014. Foto: PMR Photography

Na vossa opinião, de que maneira a participação dos refugiados no RefugiActo tem tido impacto nas suas próprias vidas?

IG e SC – Algumas afirmações de refugiados que têm participado no projecto ajudam a perceber esse impacto:

“Para mim, é um grupo que quer mostrar a todos os refugiados e imigrantes que estão em Portugal que a vida continua e pode ser melhor.” (Ajet Bunjaku, Kosovo)

“É a minha família! Mas além disso é o refúgio num mundo onde há paz, liberdade e arco-íris.” (Yana Schmid, Bielorrússia)

“Desde que cheguei a Portugal, a primeira vez que sorri foi no teatro.” (Felix Aganze, República Democrática do Congo)

Como é que os espectáculos do RefugiActo têm feito a diferença junto do público?

SC – O teatro tem um efeito muito maior sobre as pessoas do que qualquer nota informativa, comunicação ou imagem. O teatro é feito de, por e para seres humanos aqui e agora, acontece num presente irrepetível e único. Tudo isso gera empatia e as emoções unem as pessoas. É o que acontece cada vez que apresentamos uma peça com o RefugiActo. No palco não estão pessoas fragilizadas por uma situação desumana que as ultrapassa, estão, pelo contrário, pessoas fortes, a fazerem um trabalho de actor, a conseguirem a nossa atenção, a falar em português, portadoras de uma história que nos faz viajar a países maravilhosos, a apresentar uma criação sua, em grupo. Tudo isto lembra o público que, afinal, os refugiados são pessoas cheias de coragem, de cultura, que nos lembram e ensinam que há que ter esperança na vida! E, depois, trazem-nos as montanhas do Irão, a neve da Rússia, o *fou fou* da Costa do Marfim... Estas viagens só as podemos fazer através dos seus olhos, estas viagens são também a nossa história.

IG – A reacção empática do público e os muitos convites que se têm sucedido mostram que as apresentações do RefugiActo têm um efeito sobre o público, pelo facto de se encontrar perante um refugiado que se exprime em português, que diz poesia portuguesa, que conta a sua história na primeira pessoa, que partilha e questiona. O público identifica-se, surpreende-se, dá-se conta de quão estranhos podem ser certos hábitos nossos e alarga o conhecimento sobre outras culturas que vivem ao nosso lado.

Sentem mudanças na percepção das instituições promotoras e financiadoras quanto à relevância deste tipo de iniciativas?

IG e SC – A Fundação Calouste Gulbenkian e o júri do PARTIS, em 2013 ainda, perceberam que os refugiados (grupo pequeno na altura) eram, infelizmente, um grupo com tendência a crescer e a necessitar de atenção nestas questões. Hoje, no fim do projecto no âmbito do PARTIS e depois de grandes alterações, a Fundação continua a mostrar-se disponível para que o CPR mantenha as práticas artísticas no processo de inclusão. Assistimos actualmente à possibilidade de apresentar candidaturas a nível europeu para obter financiamento e a criarem-se eventos ligados às práticas artísticas para a inclusão, o que antes não acontecia. Nos países vizinhos, onde o número de pedidos de asilo e de refugiados sempre foi muito mais alto do que em Portugal, existem muitos projectos artísticos. Porém, o caso do RefugiActo é excepcional, já que o grupo existe há 11 anos, quase sempre em autogestão e nasceu de uma vontade e necessidade internas, sem a intervenção de um artista.

Que balanço é possível fazer?

IG e SC – Com este projecto ficou claro que a arte é uma área que junta as pessoas e as une através da partilha, que as ajuda a reflectir, que lhes dá uma outra perspectiva sobre os seus problemas e que influencia positivamente a auto estima, a disposição emocional e que activa a criatividade. Contudo, ao longo deste processo surgiram muitas vezes dúvidas sobre a melhor maneira de implementar algumas acções: devemos insistir numa monitorização e numa avaliação mais coordenada com os profissionais da área social do CPR? Como avaliar ou medir os resultados? Devemos ser mais exigentes em termos de compromisso artístico? Como gerir o cansaço inerente a um trabalho de criação artística? O que é mais importante (para as várias partes): o processo ou o resultado?

Apesar das dúvidas, o balanço é largamente positivo. Conseguimos esclarecer qual o objectivo maior do grupo, separar, onde se tornou necessário, a vida pessoal da cena, ter uma visão mais clara sobre as necessidades de uma criação artística, melhorar muito as performances individuais e reconhecer o potencial de cada elemento. O RefugiActo cresceu muito, como grupo e como fazedores de arte, preparando-se para continuar a ser a voz e o eco dos refugiados através do teatro. “Sentir por outro para ajudar outro a sentir” tornou-se um mote.

Quais as principais dificuldades sentidas em termos da operacionalização do projecto?

IG e SC – As dificuldades tem a ver quase sempre com os imprevistos: o enorme aumento das chegadas ao CAR, as diferentes nacionalidades e variados níveis de conhecimento da língua portuguesa, as rejeições e os entraves no processo de asilo em Portugal, e as mudanças repentinas nas vidas dos participantes estão entre as principais dificuldades. Algumas destas dificuldades são muito difíceis de ultrapassar, mas temos tentado manter o projecto flexível o suficiente para continuar a dar resposta a todos os interessados. No caso do RefugiActo aceitamos que, por vezes, não é possível realizar tudo aquilo que pretendemos. Passados todos estes anos de RefugiActo e estes três últimos de projecto PARTIS, fica assente que no CPR haverá sempre lugar de destaque para as práticas artísticas e que estas devem fazer parte do seu plano de actividades. Entre tantas solicitações urgentes no CPR, conseguir manter o teatro só é possível dando-lhe destaque, voz, espaço e tempo. Pensamos ter conseguido isso através do RefugiActo.

A partir desta experiência, que conselhos dariam a outros profissionais que pretendam envolver-se com o tema dos refugiados através da cultura?

IG e SC – As iniciativas culturais podem ser pontuais e/ou regulares, o importante é contextualizar devidamente os intervenientes (participantes e promotores), oferecer experiências de qualidade (concebidas e dirigidas por profissionais da área) e delinear objectivos gerais e específicos pensados tendo em conta as necessidades dos participantes. A criação de parcerias com instituições culturais de vários tipos é essencial, envolvendo comunidade e refugiados, bem como os técnicos e os profissionais das várias áreas de atendimento e inclusão (apoio jurídico, apoio social, apoio ao emprego, aprendizagem da língua portuguesa, etc.). A nosso ver, é também importante referir que as práticas artísticas para a inclusão devem constituir uma “interacção” e não uma “apropriação” da parte dos artistas para a sua criação individual (esta será porventura uma outra área a explorar, igualmente válida, mas consideramos que é uma outra coisa).

Museus Nacionais Liverpool
(National Museums Liverpool, Reino Unido)

Pensar estrategicamente a inclusão nos museus David Fleming

Director



Museu de Liverpool, exposição *Easter Rising* © National Museums Liverpool

David Fleming tornou-se director da National Museums Liverpool (NML) em 2001, momento a partir do qual o número de visitantes da NML não deixou de aumentar, passando de 700 000 para mais de 3 milhões por ano. Foi o responsável pela criação de dois museus de grande influência, o Museum of Liverpool (2011) e o International Slavery Museum (2007). David é Presidente da Museums Association no Reino Unido, membro da Comissão de Ética do ICOM, Coordenador da Social Justice Alliance of Museums (SJAM), Membro do Conselho Consultivo do Museum Slaskie (Katowice, Polónia) e Presidente da Federation of International Human Rights Museums (FIHRM). Tem escrito extensivamente e tem leccionado por todo o mundo sobre gestão e liderança, museus de história da cidade, inclusão social, direitos humanos e políticas, e ética em museus. Email: David.Fleming@liverpoolmuseums.org.uk

A inclusão tem sido uma palavra-chave na National Museums Liverpool (NML) – oito museus ao todo – e está bem sublinhada na vossa missão: “Ser o maior exemplo a nível mundial de um serviço de museu inclusivo”. O que entendem por inclusão? Como é que os museus conseguem fazer isso? E em que medida isso se relaciona com a diversidade cultural, as questões da migração ou dos refugiados em termos de abordagem?

Principalmente, procuramos garantir que pessoas de todas as origens e com várias experiências de vida possam ter acesso aos nossos museus, programas e projectos, da forma que querem. Também significa que procuramos assegurar que os nossos museus façam um esforço específico e concertado para incluir pessoas e histórias de pessoas que têm sido frequentemente excluídas da história e da oferta cultural. É uma declaração de intenções e, dessa forma, ajuda-nos enquanto serviço de museu a fazer escolhas sobre o que queremos, com base em princípios de justiça social.

No que diz respeito aos museus como parte da vida cultural de uma sociedade, podemos ser uma plataforma que permita que as pessoas se tornem visíveis, não escondidas, podemos encorajar a empatia, o respeito e a compreensão, podemos ser uma plataforma positiva, podemos apoiar, fazer campanha e ser participantes/colaboradores activos. Os museus são lugares que podem permitir que muitas vozes sejam ouvidas. Todo este trabalho se resume a que as equipas que trabalham nos museus estejam alinhadas no quadro de uma missão forte e de políticas interligadas. Sermos activos em matéria de inclusão significa estarmos voltados para o exterior, cientes das desigualdades sociais e globais, bem como das suas causas, e

vermos a vida contemporânea e o futuro como sendo influenciados pelo passado. Sermos activos em matéria de inclusão é uma questão de mentalidade e de determinação e significa trabalhar duramente para incluir. Incentivar a participação leva tempo (por isso, a estratégia, o alinhamento dos recursos e o trabalho contínuo de comunicação e de desenvolvimento das equipas, assim como a sua maneira de trabalhar, são todos aspectos importantes).

Os museus empenhados na inclusão pensarão no contexto mais alargado de qualquer assunto ou tema com que lidam. Terão que olhar para o passado de forma renovada, trabalhando com pessoas cujas histórias têm sido muitas vezes excluídas da narrativa principal, olhando para assuntos desconfortáveis (ou controversos ou contraditórios) de uma forma honesta e aberta. Mas trabalhar com pessoas/comunidades culturalmente diversas, com a migração e com os refugiados nem sempre tem a ver apenas com um museu a fazer campanha e a ser uma plataforma para o debate; tem também a ver com o museu como lugar “seguro”. Criar oportunidades dentro dos museus – para exposições de escala variável, espaço para eventos/educação ou outros programas – tem também a ver com dar oportunidades e visibilidade.

Em termos de abordagem, trata-se de garantir que um museu pensa sobre a humanidade e os direitos humanos, e como estas questões se relacionam com o nosso mundo contemporâneo. Assim, ser claramente anti-racista é vital, assim tal como explicar o passado imperial da Grã-Bretanha e a longa história de diversas comunidades/diásporas globais, e o *continuum* das histórias de migração.

Os NML têm uma *Política de Igualdade, Diversidade e Deficiência*, actualmente sob revisão, e tinha anteriormente uma *Política de Igualdade e Diversidade* (desde 2006). Porque é que é ainda relevante fazer uma declaração pública sobre estas questões? E o que aprenderam com a primeira política implementada, que está agora incorporada na nova?

É essencial que tenhamos um quadro de políticas que funcionem como um guia para nós mesmos, para os nossos apoiantes e para os nossos potenciais apoiantes. Esta declaração sobre inclusão, que tem de abraçar a lei e as políticas públicas, serve também para nos empurrar ainda mais em termos das nossas intenções quanto à inclusão. Desde que a política actual foi publicada, o Reino Unido actua com base na Lei de Igualdade de 2010, o que significa que temos que fazer mais, especialmente no campo das pessoas com “características protegidas”. Esta lei é sobretudo sobre a forma como funcionamos enquanto empregadores, e a diversidade

cultural dos trabalhadores dos NML precisa de mais trabalho para garantir uma melhor representação e apoio a esses funcionários. As equipas continuam a ser uma área de desenvolvimento. Devido à nossa declaração sobre inclusão, levamos as questões éticas nos museus muito a sério, o que significa que o nosso trabalho sobre ética também tem que ser aplicado.

No plano estratégico dos NML (2016-2019), um dos objectivos para os próximos anos é aumentar a diversidade das equipas dos museus. Em que termos é que a noção de “diversidade” está a ser aplicada?

Acreditamos que precisamos de debater isto internamente e, no mínimo, deve ser sobre pessoas com “características protegidas”, como sugerimos antes. Precisamos de olhar para a forma como nos relacionamos em relação a este assunto com a Liverpool City Region (LCR) e também a nível nacional. No mínimo, o nosso trabalho deve assegurar que somos representativos da sociedade mais alargada e da LCR. Para fazer isso, precisamos de recrutar externamente de forma activa e positiva. O recrutamento estritamente interno, devido aos cortes no financiamento, está a reduzir a nossa diversidade.

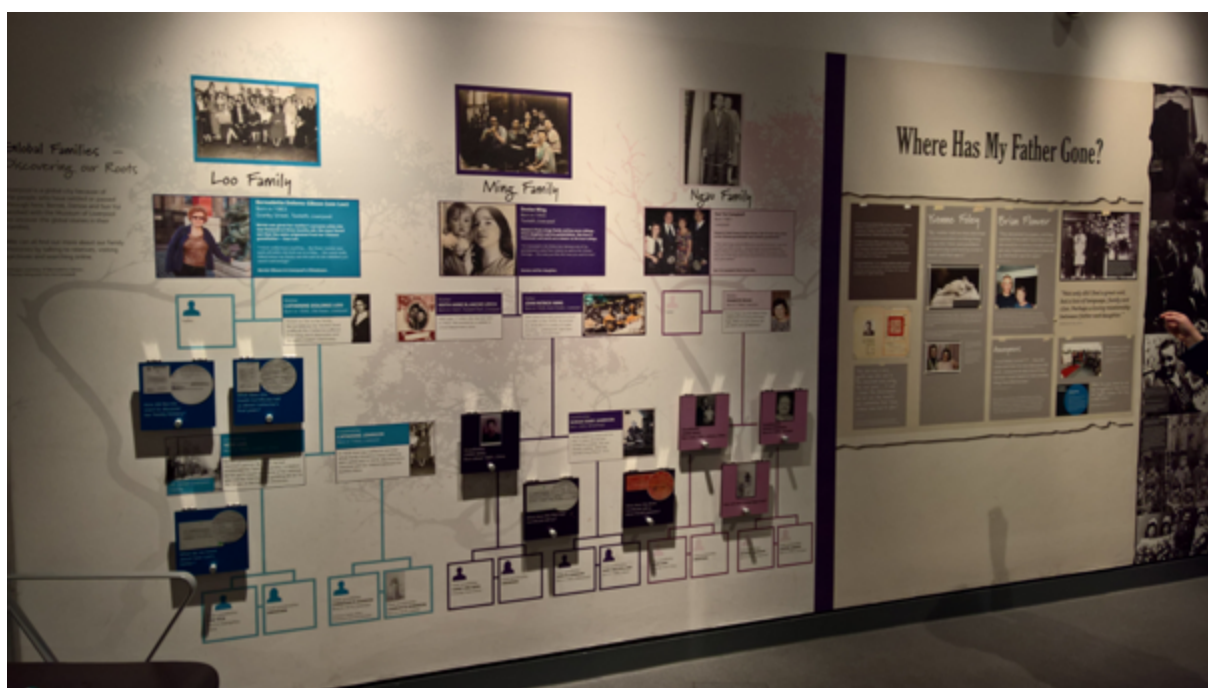
Tem também a ver com liderança, modelos, formação/desenvolvimento e apoios. Na questão da liderança e dos modelos, talvez precisemos de ser honestos e olhar para fora do sector dos museus. Precisamos de formar as equipas de museus em “preconceitos inconscientes” e compreender a diversidade (histórica e contemporânea) desta região. Precisamos também de considerar os índices de privação, de pobreza e de falta de acesso, que continuam a fazer desta área urbana um lugar para viver que apresenta muitos desafios para muitas pessoas.

Os NML têm desenvolvido vários projectos de longo prazo ligados à migração e aos refugiados. Pode contar-nos um pouco mais sobre alguns desses projectos e programas?

Posso dar alguns exemplos a partir de três dos nossos museus: o Museum of Liverpool (MoL), o International Slavery Museum (ISM) e o Merseyside Maritime Museum (MMM).

No MoL temos investido na incorporação activa de colecções durante todo o processo de desenvolvimento do museu e desde a sua abertura, em 2011. Um exemplo disso são dois projectos que contribuíram, em termos de conteúdos, para a exposição *Liverpool, Shanghai and China* na nossa sala *Global City*. Num desses projectos,

trabalhámos com pessoas da comunidade chinesa de Liverpool que experienciaram a migração forçada ou a “repatriação” dos seus pais marinheiros após o fim da Segunda Guerra Mundial, no contexto da realização do filme *Where has my Father Gone?* Num segundo projecto, trabalhámos com três famílias da comunidade chinesa de Liverpool, através da pesquisa sobre as suas histórias de família, para criar uma árvore genealógica de grande escala para a exposição. Começámos a trabalhar com cinco famílias e três delas ficaram no projecto e foram corajosas o suficiente para partilhar connosco as suas descobertas. Uma grande contribuição foi feita através da recolha de histórias orais para a colecção *Liverpool Voices*. O actual Plano de Desenvolvimento de Colecções do MoL continua a centrar-se na incorporação activa, tendo-se tornado mais representativo culturalmente, especialmente no que diz respeito às diversas comunidades.



Museu de Liverpool, sala *Global City* © National Museums Liverpool

Em termos de co-produção, desenvolvemos e continuamos a desenvolver exposições através da participação – exemplos disso encontram-se no programa continuado *Our City, Our Stories*. Um exemplo recente relaciona-se com a história da Irlanda e da migração para Liverpool com a exposição *1916 Easter Rising: The Liverpool Connection*, em 2016. Esta parceria com o Easter Rising Commemoration Committee analisou esta história contestada.



Museu de Liverpool, projecto *Galkoff's and the Secret Life of Pembroke Place*
© National Museums Liverpool

Actualmente, no MoL, estamos a trabalhar num projecto de grande escala – *Galkoff's and the Secret Life of Pembroke Place* – com a Liverpool School of Tropical Medicine e muitas outras partes interessadas de diferentes grupos, escolas e organizações comunitárias que representam a comunidade judaica de Liverpool. Estão a trabalhar connosco no sentido de olhar para a história desta área da cidade para onde muitos judeus migraram e se estabeleceram na viragem do século XX.

No ISM organizámos a exposição *Brutal Exposure: The Congo*, em 2015. Tratou-se de uma exposição fotográfica que analisou o tratamento daqueles que foram forçados a “trabalhar” no Congo Belga há mais de um século. A comunidade congoleza de Liverpool queria que a exposição mostrasse essa verdade horrífica, mas acabou por ser muito doloroso para eles. O museu trabalha com muitos parceiros e um deles é a City Hearts. A City Hearts apoia pessoas que foram traficadas para o Reino Unido e organiza actividades de sensibilização e eventos. O ISM é usado como um lugar seguro para as pessoas se encontrarem e terem acesso a apoios. Alguns dos conteúdos do ISM relacionam-se com a comunidade negra de Liverpool, ao representar três famílias, contando a sua história no contexto do comércio transatlântico de escravos. Desde que o museu abriu em 2007, um dos membros de uma das famílias continua a ser voluntário, realizando todas as semanas visitas guiadas.

No MMM fizemos investigação e uma exposição sobre a migração de crianças – *On Their Own: Britain's Child Migrants* em 2014-2015; temos em curso o Plano de Desenvolvimento de Coleções, que, no caso da renovação das *Sea Galleries* – com abertura prevista para o final de 2018 –, olha em especial para os marinheiros de ascendência culturalmente diversa. O trabalho actual inclui o projecto *Black Salt*,

que se debruça sobre o trabalho e o papel dos marinheiros de ascendência africana, para criar uma exposição no Outono de 2017.

Para além dos planos de incorporação activa, da investigação e das exposições desenvolvidas com parceiros e comunidades, o ISM e o MoL são ambos “centros de denúncia de crimes de ódio” (trabalhando com a Polícia de Merseyside). Além disso, estamos a usar as nossas salas de exposição para cursos de inglês como segunda língua (ESOL). Os cursos ESOL estão disponíveis para qualquer pessoa que não tenha as competências ou a confiança necessárias para se envolver na sociedade.

O que é que aprenderam através dos vossos projectos e programas na NML relacionados com questões de migração e dos refugiados?

De nossa experiência, ficam algumas ideias-chave:

- É importante ter bons níveis de participação em projectos específicos;
- É difícil avaliar o impacto a longo prazo;
- É difícil encontrar cultura material para ilustrar todas as histórias, mas temos melhorado a representação cultural das colecções de história no caso do MoL, do ISM e do MMM;
- Por vezes, os projectos e os seus resultados tiveram que se alterar em resposta ao que as pessoas queriam e ao que estava disponível;
- Qualquer trabalho é intensivo; precisa de muitos apoios, mas muitas vezes subestimamos a situação, porque é mais difícil e muito exigente em termos de tempo em comparação com os projectos em que apenas se utiliza o material dos próprios museus;
- Precisamos de desenvolver oportunidades para que as pessoas se mantenham em contacto numa base contínua;
- Por vezes, um verdadeiro desafio consiste em manter as relações quando um membro da equipa deixa o museu; por muito que queiramos que o relacionamento seja com a organização, no final é o contacto de pessoa para pessoa que faz com que as coisas funcionem/aconteçam;
- É um “longo jogo”, onde a construção de confiança e de respeito é fundamental, e isso precisa de tempo e de recursos.

Que conselhos daria a outros profissionais que pretendam envolver-se mais com o tema da migração e dos refugiados? Que cuidados devem ter?

Muito do que estamos a partilhar não está escrito, mas, na nossa opinião, aqui estão alguns conselhos com base em anos de trabalho sobre as mais variadas formas de participação:

- Primeiro: ouvir;
 - Preparar-se – compreender as histórias globais da diáspora; reconhecer as histórias controversas e contestadas;
 - Ser claro sobre o que está a oferecer; isso é vital para gerir expectativas;
 - Não se comprometer em demasia;
 - Estar aberto e preparado para mudar (o resultado final não é certo no início e tivemos muitas vezes dificuldades em lidar com os habituais “procedimentos de museu”);
 - Planear de modo a que o trabalho esteja incorporado no museu e não precise de recursos adicionais (e, portanto, incertos) de financiamento;
 - Investir no desenvolvimento dos membros da equipa – nesta matéria temos de ser emocionalmente resilientes;
 - Estar virado para o exterior e ter exemplos de trabalho similar para partilhar;
 - Não ter medo de ser honesto e aberto (especialmente sobre o trabalho feito antes). Os museus, tal como os líderes modernos, precisam de ser autênticos e de ser capazes de partilhar vulnerabilidades;
 - Começar com pequenos passos e depois desenvolver;
 - Partilhar qualquer estratégia ou quadro de referência;
 - Este é um trabalho vital, por isso, não se deve dar ouvidos àqueles que comentam sobre o uso de recursos para trabalhar com pequenos grupos de pessoas; não sabemos o impacto que um museu *pode* ter. Os museus fazem uma contribuição para “a liderança no pensamento”;
 - Cooperar com organizações que tenham interesses semelhantes; juntos, os museus são mais fortes e precisam de aprender também;
 - Focar-se nas histórias, no interesse humano, na humanidade e nos direitos humanos, e usar a cultura material e a voz humana para interpretar ou criar experiências memoráveis.
-

Museu Roterdão (Museum Rotterdam, Holanda)

Traduzindo a *hiperdiversidade* para o museu **Nicole van Dijk**

Curadora, Coordenadora de Programas de Investigação e de
Participação Comunitária



Authentic Rotterdam Heritage 0001, adoptado pelo Museu Roterdão, propriedade de Kamen Vladimirov, 2016. Foto: Salih Kilic

Nicole van Dijk é curadora e coordena os programas de investigação e desenvolvimento do Museum Rotterdam. Em 2016, coordenou a exposição de abertura no novo edifício do museu no centro de Roterdão – *Rotterdamers and their City*. É responsável pela investigação de carácter participativo e por projectos comunitários. A sua prática é guiada e colecções do museu, combinando-a com a experiência contemporânea de viver na cidade. Isso cria uma fusão de colecções e de abordagens participativas nos programas e na governança, que ajuda a moldar o papel do museu no século XXI. Actualmente, colabora também com museus na Bélgica e no Reino Unido em projectos participativos. Estudou no Arts School e tem Mestrado em Antropologia Cultural. Email: n.vandijk@museum-rotterdam.nl

O Museum Rotterdam passou de um museu histórico tradicional (fundado em 1905 como Museum of Antiquities) a museu da cidade de Roterdão, no qual a interacção e a participação se tornaram dimensões centrais do trabalho desenvolvido e onde as histórias sobre o património histórico e contemporâneo são contadas e partilhadas. O museu reabriu em 2016 num novo local no centro de Roterdão, elegendo como foco principal das suas estratégias a cidade transnacional contemporânea e a sua diversidade. Em que termos é aqui entendida a diversidade cultural?

Temo-nos inspirado muito no que o Professor Steven Vertovec tem defendido sobre “hiper-diversidade” (*Super-diversity and its Implications*, 2007) e no que está a ser desenvolvido em várias universidades. “Super-diversidade” ou “hiper-diversidade” significa que a diversidade não é apenas causada por diferentes origens culturais e étnicas. A diversidade é também o resultado de outros factores, tais como: diferentes idades, religiões, géneros, estilos de vida, etc. Assim, a diversidade não é só étnica; é muito mais do que isso.

A Nicole disse publicamente que “a diversidade urbana é um ponto forte e pode ser usado para criar cidades mais coesas, criativas e produtivas”. Como é que isto se pode traduzir na prática de um museu?

Nas exposições do museu centramo-nos em diferentes temas que acreditamos serem importantes ou um desafio para a cidade, no presente e no futuro, bem como em temas enraizados na nossa história (por exemplo, *Care in the City*; *Arrival City*; *City of Diverse Cultures*; *Innovative City*, e *Sustainable City*). Por exemplo, o tema *Care in the City* tem sido um dos focos do nosso trabalho no museu: como é que cuidamos das pessoas idosas ou das crianças? Como cuidamos das pessoas com problemas de saúde? Na nossa colecção temos vários objectos que contam esta história, por exemplo, as estátuas que representam a entrada de mulheres em idade avançada em casas assistencialistas (até à década de 1930, existiam casas assistencialistas concebidas especialmente para cuidar dos idosos, que eram na sua maioria financiadas pela Igreja). Nas décadas de 1950 e 1960, surgiu o sistema social que deu às pessoas a possibilidade financeira de cuidarem de si próprias em idade avançada. Mas, agora, estamos a ser desafiados por problemas como a solidão. As pessoas vivem sozinhas nas suas casas e ninguém se relaciona com elas. Como é que a cidade e os seus habitantes lidam com esta questão?

O museu tem-se focado nestes temas olhando para histórias muito pessoais na cidade. Por exemplo, como é que uma mulher de origem antilhana, no sul de Roterdão, lida com a prestação de cuidados em idade avançada? Essa mulher tem uma maneira diferente de cuidar das pessoas mais velhas, muito mais informal e inclusiva. Cuida naturalmente das pessoas que vivem em seu redor e que sofrem de solidão e organiza todo o tipo de actividades para elas. Portanto, esta é outra maneira de gerir estes problemas que constituem um desafio colectivo. O museu concentra-se em todas estas práticas diárias de pessoas com diferentes origens e abordagens.

Metade da população de Roterdão é estrangeira. O Museum Rotterdam reconhece o perfil transnacional da cidade, tendo desenvolvido vários projectos que envolvem os migrantes e dando visibilidade às suas histórias. Pode dar-nos alguns exemplos dessas iniciativas?

O museu centra-se principalmente na forma como as pessoas vivem em conjunto na cidade neste momento, com todas as suas diferenças – algumas causadas pela migração, mas também por diferentes estilos de vida. Não nos estamos a focar apenas num grupo, mas na forma como todos esses diferentes grupos estão a viver juntos.

Por exemplo, tivemos um projecto – *Caring in the West* – numa rua de comércio de grande diversidade em Roterdão. Nesse contexto, fizemos alguma investigação juntamente com estudantes universitários da área social. Desse projecto resultou a exposição *Caring in the West*, que foi montada nessa rua de comércio e que

incorporou as diferentes histórias de como as pessoas cuidam umas das outras, com todas as suas diferenças, e de como fazer da rua um lugar melhor para todos.

Em 2010, iniciámos um projecto com a comunidade búlgara. Víamos os carros e as carrinhas provenientes da Polónia e da Bulgária e de outros países da Europa Central – o museu não tinha conseguido manter um bom registo do fluxo de trabalhadores migrantes da Turquia e de Marrocos nos anos 1960 e 1970 – e quisemos acompanhar este movimento. Assim, iniciámos um projecto no estaleiro de uma obra e montámos uma cantina. Todos os dias almoçávamos com a comunidade búlgara de trabalhadores e aprendemos sobre a sua história, as suas razões para migrar e sobre as suas vidas. Percebemos que eles não sabiam muito sobre Roterdão, por isso contámos-lhes a história da cidade através de uma pequena exposição na cantina. Aí conhecemos Kamen Vladimirov, que está hoje representado na actual exposição do museu – *Rotterdamers and their City*. Ele é um homem especial, que organiza todo o tipo de coisas para a comunidade búlgara e também para outros migrantes, ajudando-os com a habitação ou com a língua. Temos seguido a sua vida desde há seis-sete anos e criámos uma boa relação com ele.

É assim que trabalhamos: construímos uma relação de longo prazo com um grande número de pessoas-chave nas comunidades de Roterdão. Ao desenvolvermos essas relações e ao vermos como as pessoas vivem, podemos também aprender mais sobre o impacto que a migração tem nas suas vidas, nas comunidades e na cidade.

Para a exposição de abertura no nosso novo museu, *Rotterdamers and their City*, honramos essas pessoas que estão associadas a temas que consideramos importantes para a cidade. Para cada tema, procurámos uma história personalizada, ligada aos projectos que desenvolvemos no passado, e identificámos cinco pessoas que humanizam esses temas: Kamen Vladimirov (*cidade de chegada*), Joyce de Lima (*cuidados*), Marco van Noord (*inovação*), Max de Korte (*sustentabilidade*) e Zeynep Altay (*cidade transnacional*), que estão actualmente representados na exposição através de grandes estátuas em tamanho real, concebidas através das mais recentes técnicas de impressão em 3D.

Trabalhámos juntamente com estas cinco pessoas num processo de co-criação. Perguntámos a cada uma como queriam ser representadas no museu e de que forma queriam trabalhar nisso. Kamen, por exemplo, escolheu abordar a sua viagem entre a Bulgária e Roterdão. Juntos desenvolvemos a ideia de fazer um filme dessa viagem. Kamen fez alguns cursos sobre produção de vídeo e, acompanhado de dois amigos, fez a viagem e o filme. A viagem foi feita na sua carrinha Volkswagen, que ele tantas vezes conduziu entre os dois países. Na exposição, são apresentados a carrinha e o filme junto à sua estátua. Seguimos o mesmo método com os outros participantes, alcançando no final cinco resultados diferentes.

Estamos a desenvolver um método para captar todo o tipo de histórias e temas importantes na cidade através do teatro. O primeiro passo é a recolha de histórias.

O museu não é o único que está a recolher histórias em Roterdão, há todo o tipo de organizações a fazer isso, e estamos a tentar trabalhar juntos.

Por exemplo, podem ser histórias sobre migração, mas também histórias sobre as vivências no bairro, onde existem todos os tipos de problemas urbanos. Através do teatro, procuramos interagir com outros grupos. Trazemos objectos relacionados com a peça e com essas histórias e incorporamo-las no museu, ligando-as às histórias colectivas que temos sobre a cidade. Voluntários treinados por companhias de teatro nossas parceiras contam as histórias recolhidas. Estas histórias são depois partilhadas com os visitantes no museu. Descobrimos que uma história escrita numa legenda no museu não tem um grande impacto, na maioria das vezes os visitantes não a lêem; por isso, estamos a “traduzir” as histórias para os visitantes, interagindo com eles e registando as suas reacções. A ideia principal é trazer as histórias aos visitantes de uma forma mais viva do que simplesmente através de um objecto ou de uma legenda.

Estamos também a desenvolver uma nova forma de incorporação de objectos através de um projecto chamado *Colecção Activa*. A maneira tradicional de coleccionar objectos numa cidade, tirando-os do seu local de origem e guardando-os nas reservas do museu, torna-os inactivos, não estão a ser usados, são apenas descritos e mantidos num contexto científico. Percebemos que há muitos objectos, pessoas e actividades que representam a história da vida quotidiana nas comunidades. Não podemos retirar esses objectos das comunidades, mas podemos “seguir-los”; perceber porque é que esses objectos são importantes para as comunidades e como estão a ser usados. Nesse sentido, iniciámos o que designamos por *Colecção Activa*, o que significa atribuir a um objecto uma espécie de marca ou selo *Património Autêntico de Roterdão*, e seguimos os objectos periodicamente. Esta é uma maneira de manter um registo das histórias da cidade e de as recolher, mas também dá reconhecimento às comunidades. Fazemos isso com objectos e com pessoas. Mais tarde, esta informação é incorporada nas exposições e os contadores de histórias falam sobre estes processos e objectos.

Por exemplo, a carrinha de Kamen é um objecto nesta colecção que incorpora a história da migração na Europa. Os critérios que usamos neste processo de colecção activa são simples: recolhemos objectos que ligam pessoas ou comunidades umas às outras ou à cidade. A crescente diversidade de Roterdão levou a que colocássemos a tónica neste contexto. As ligações e as redes ganham um poder de resiliência. Queremos seguir essas ligações. Ao contarmos as histórias ligadas a esta colecção e ao fazermos novas ligações, queremos ajudar a tornar a cidade mais resiliente e mais envolvida.



Museu Roterdão, exposição *Rotterdammers and their City*, 2016. Foto: Museum Rotterdam

O Museu de Roterdão preocupa-se com o registo e avaliação do impacto dos seus projectos. Na sua opinião, o que funcionou bem e o que correu menos bem em projectos com migrantes ou refugiados?

Por vezes, as vozes das pessoas não são ouvidas o suficiente, não tanto quanto gostaríamos. O museu como organização pode ser demasiado conservador e demasiado dominante. Às vezes, sentimos que não é apropriado lidar com todos os desafios contemporâneos que enfrentamos.

Por outro lado, é uma maneira – e vemos muito isso – das pessoas se sentirem honradas, seguras ou reconhecidas no que diz respeito às suas necessidades e ao seu lugar na cidade. Por um lado, o museu não é suficientemente flexível, mas, por outro, tem o estatuto de uma instituição que conta a verdade, que é de importância e que tem voz nos debates públicos. Nesse sentido, o museu é uma instituição importante porque pode fazer ouvir as histórias e ligá-las à História. Além disso, ganhar a confiança das pessoas e convencê-las a acompanhar-nos num projecto é um grande desafio.



Trabalhadores búlgaros no Museum Lunchcanteen, 2012–2013. Foto: Museum Rotterdam

O que diria a outros profissionais de museus que pretendam criar os seus próprios projectos e programas envolvendo migrantes e refugiados?

Uma das lições aprendidas é manter os projectos abertos e procurar entender as necessidades dos grupos com os quais estamos a trabalhar. Como profissionais de museus, o nosso foco pode estar, por exemplo, na recolha de histórias, de fotografias ou de objectos, mas isso pode estar para além do que as pessoas precisam para si próprias. Nesse sentido, deve existir sempre uma ligação entre o que se pretende alcançar como profissional de museu e o que as pessoas com quem estamos a trabalhar querem alcançar. Isso pode ser muito diferente. Muitas vezes isto é difícil e o resultado do projecto poderá não ser “aquela” exposição que se tinha inicialmente planeado. É sempre um pouco confuso, mas temos que contar com isso quando trabalhamos com todos os tipos de pessoas que não são profissionais de museu, mas têm as suas próprias necessidades no processo.

Projecto Museu da Migração
(Migration Museum Project, Reino Unido)

A minha arte pode viajar para a Inglaterra, mas eu não posso **Sophie Henderson**

Directora



Projecto Museu da Migração, exposição *Call me by my Name: Stories from Calais and Beyond*, instalação *The Dignity of Life* © branding by Garden

Sophie Henderson é directora do Museu Migration Project desde 2012, supervisionando a transição de organização voluntária para uma organização financiada. Antes disso, era advogada no Tooks Court, Chambers of Michael Mansfield QC, onde se especializou em imigração, asilo e direitos humanos. Foi também juíza do Asylum and Immigration Tribunal e defendeu recursos no Social Security and Child Support Tribunal. Email: sophie@migrationmuseum.org

A migração não é um fenómeno novo, mas é um tópico de renovado interesse na actualidade, que não só é complexo como urgente. Na sua opinião, como pode um museu fazer a diferença nestas discussões?

Pode fazer a diferença porque podemos levar a discussão sobre migração para fora do debate aceso no contexto da política e da comunicação social, onde os argumentos tendem a ser apresentados em termos muito extremados e polarizados, e onde, por vezes, há uma escassez de informações mais realistas. Se levarmos o debate para um espaço cultural mais calmo – e o mundo cultural é onde as pessoas estão habituadas a testar o que pensam sobre as coisas –, então, este é um benefício. Quando as pessoas vêem filmes, lêem livros ou visitam museus, fazem-no para ver o mundo através dos olhos de outras pessoas. Isso automaticamente faz com que questionemos as nossas próprias atitudes e a relação com as outras pessoas. Eu penso que é através do mundo da cultura que, muitas vezes, processamos as nossas respostas emocionais. Por vezes, as pessoas têm sentimentos complicados ou internamente inconsistentes sobre a migração. É o assunto de que todos falam hoje em dia – na verdade é um tema que se discute há décadas, mas agora o foco é particularmente intenso. Se pudermos ajudar a levar este debate para um espaço cultural bem informado, então penso que podemos dar um verdadeiro contributo para um debate público mais calmo e mais razoável sobre a migração.

O Migration Museum Project tem vindo a trabalhar desde 2013, organizando exposições temporárias, programas e eventos sobre a emigração e imigração por todo o Reino Unido. Qual é a missão do museu?

Temos agora uma sede permanente em Londres, mas a nossa aspiração é deixar uma marca a nível nacional, através de uma rede de parceiros ligados ao património e empenhados em dar visibilidade às histórias de migração que as suas

colecções contêm. No passado, discutimos potenciais modelos para o Migration Museum Project, por exemplo, a possibilidade de ser uma entidade itinerante, percorrendo todo o país em contentores, ou como um centro de coordenação, a trabalhar em cooperação com outros museus para contar histórias de migração em contexto local e por todo o país. Mas, no final, sentimos que o tema da migração é tão importante e que a história do movimento de pessoas dentro e fora do país ao longo de centenas de anos é tão central para a nossa narrativa nacional que nada menos que um museu permanente dedicado à migração daria a dignidade e a proeminência que esta questão merece. Sendo Londres um dos lugares mais diversos da Grã-Bretanha, pensamos que seria a escolha mais natural para albergar o Migration Museum. Mas, reconhecendo que a história da migração na Grã-Bretanha tem sido - e ainda é - uma história de contornos nacionais e não apenas restrita a Londres, o nosso objectivo é trabalhar por todo o país, através do desenvolvimento de uma sólida rede de parcerias.

O Migration Museum Project pode contribuir para afirmar publicamente que a migração é uma parte suficientemente importante da narrativa nacional da Grã-Bretanha que merece ser apresentada numa instituição cultural própria. Na minha opinião, a temática da migração não merece nada menos do que isso. Esta é uma maneira de mostrar o que é culturalmente valorizado pela nação e de proporcionar um lugar onde as pessoas possam ser desafiadas a reflectir sobre o que realmente pensam sobre o tema da migração, porque este é um problema que realmente importa. Ao dar destaque à história da migração na Grã-Bretanha e convidando as pessoas a encontrar o seu próprio posicionamento sobre o tema - porque *todos* nós temos alguma ligação a histórias de migração no nosso passado, seja de imigração ou emigração -, estamos a convidar as pessoas a olhar para a história partilhada da Grã-Bretanha e para aspectos que temos em comum, ao invés de coisas que nos dividem.

Uma outra coisa importante que podemos fazer é envolver as pessoas contando histórias no museu, através da criação de conteúdos co-produzidos com as comunidades que estão representadas. Desta forma, penso que podemos juntar as pessoas e traçar temas comuns para ajudar a um melhor entendimento entre grupos e indivíduos.

Em relação à exposição temporária, *Call me by my Name: Stories from Calais and Beyond*, que esteve patente em Londres em Junho de 2016, como surgiu a ideia? Quais foram as motivações e os objectivos?

Quisemos testar-nos a nós próprios abordando um tema contemporâneo particularmente premente, que era a actual “crise” dos migrantes e refugiados, com especial incidência para o campo de refugiados conhecido como a “Selva”, em Calais.

A nossa curadora, Sue McAlpine, foi uma das pessoas particularmente interessadas nesse tema e esse foi também um estímulo importante. Enquanto a exposição estava patente ao público, a “Selva” estava sob constante ameaça de demolição, e era uma notícia de primeira página dos jornais. Foi um grande desafio comissariar e apresentar uma exposição sobre uma história que estava a mudar tão rapidamente.

Ao montarmos a exposição, quisemos abordar uma série de questões prementes que preocupavam as pessoas. Penso que muitas pessoas se interrogavam sobre o porquê de um campo de refugiados em Calais. E por que razão estavam lá seis mil pessoas – mais perto de Londres do que de Birmingham –, todas a tentar chegar à Grã-Bretanha, sendo que algumas delas morriam durante essa tentativa? Queríamos que as pessoas pensassem em como responder a estas questões e que considerassem quais poderiam ser as suas responsabilidades. Queríamos ir para além das manchetes dos jornais e do anonimato e aprofundar a humanidade das histórias individuais das pessoas. Além disso, mostrar que este é um tema complicado, onde não há soluções simples, e que há uma série de opiniões legítimas. Queríamos reflectir essa variedade de vozes e não apresentar quaisquer respostas – simplesmente pedir às pessoas que reflectissem sobre quais poderiam ser as suas próprias respostas.

Esta exposição utilizou diferentes meios de representação (arte, filmes, áudio, fotografia, instalações, recreações, etc.), apresentando obras de artistas emergentes e de artistas já reconhecidos, mas também a arte e os testemunhos de refugiados. Daí resultou um conjunto muito diverso em termos de recursos e de vozes.

Todos os tipos de materiais foram utilizados e sentimos que foi isso que funcionou bem. Estamos muito habituados a ver imagens de refugiados em barcos sobrelotados no Mediterrâneo e agora talvez haja uma certa familiaridade ou até mesmo fadiga em relação a essas imagens. Pensámos que ao usar diferentes meios de representação seria uma maneira de apresentar as histórias e as questões de uma forma mais viva, no sentido de provocar e captar a atenção dos nossos públicos.

Por exemplo, tivemos uma instalação de coletes salva-vida (*The Dignity of Life* de Sarah Savage) que foram recolhidos numa praia em Kos (Grécia) e que foram deixados para trás por migrantes. Eram coletes salva-vida falsificados, cheios de material barato de embalagem, que na água arrastariam para baixo uma pessoa em vez de boiar, um tipo de coletes que é distribuído frequentemente por contrabandistas.

Também tínhamos fotografias, filmes e áudio. Havia um espaço onde se podia ouvir

uma variedade de vozes, desde Nigel Farage a condutores de camiões em Calais, até aos próprios refugiados e pessoas que com eles trabalhavam. Tivemos uma fantástica exposição de arte feita no próprio campo de refugiados, incluindo pinturas e esculturas, e objectos extraordinários feitos a partir de objectos encontrados. Foram ainda expostas peças maravilhosas, muito inventivas, feitas de garrafas de plástico e copos, obras de arte inspiradoras. Também queríamos transmitir na exposição a pura energia criativa e o espírito das pessoas que se encontram no campo de refugiados. O que vemos na televisão é a lama, o frio e os incêndios, mas para além disso há música, livros e arte. Há uma vida cultural muito rica a acontecer e nós quisemos trazer esta dimensão para a exposição.

Um outro retrato muito pungente foi o de um artista refugiado de Mauritânia, chamado Alpha Diagne (posteriormente foi-lhe concedido estatuto de refugiado em França), cuja obra de arte apresentava uma legenda que dizia: “A minha arte pode viajar para a Inglaterra, mas eu não posso”. Uma outra pintura muito comovente foi a do filho de um refugiado sírio, que desenhou o seu pai a afogar-se.

Uma outra peça marcante, logo à entrada da exposição, era uma instalação escultórica, *Wanderers*, pelo artista Nikolaj Bendix Skyum Larsen. A instalação era constituída por cerca de 300 figuras anónimas apresentadas num plinto e representando as “hordas” de migrantes que são tantas vezes citadas na imprensa. À medida que o visitante percorria a exposição, emergia a humanidade destas pessoas e, no final, havia uma verdadeira recreação de parte de um acampamento de refugiados, com barracas e abrigos. Era esta a trajectória da exposição.



Projecto Museu da Migração, exposição *Call me by my Name: Stories from Calais and Beyond*, instalação *Wanderers* © Nikolaj Bendix Skyum Larsen

O que aprenderam com esta exposição?

A exposição foi muito visitada, atraindo mais de quatro mil visitantes em apenas três semanas. Por isso, percebemos que há um real interesse das pessoas em conhecer e envolverem-se mais com temas provocadores e complicados como este, temas que podem causar eventualmente algum desconforto. Eu penso que isso acontece porque as pessoas querem realmente tentar entender as questões que envolvem a migração e quais são as suas próprias visões acerca do assunto. A maioria das pessoas não é simplesmente “pro” ou “anti” migração, mas ao invés disso tem perspectivas bastante complicadas; podem sentir que há demasiada migração, mas ao mesmo tempo sentem que a migração é, em muitos aspectos, benéfica para eles e para o país. As visões anti-migração não tornam as pessoas necessariamente fanáticas ou racistas. Por vezes, têm opiniões contraditórias dentro de si e têm dificuldade em reconciliá-las.

Uma outra coisa que aprendemos é que numa exposição como esta podemos envolver os visitantes de uma forma interactiva. Uma outra iniciativa muito apreciada foi a dos professores *pop-up* da Universidade de Oxford e da Open University, que estavam disponíveis na exposição para responder às perguntas dos visitantes em determinados momentos. Percebemos que há um grande potencial para colaborações académicas como esta, que podem ajudar a esclarecer aspectos da exposição por via de um conhecimento especializado, permitindo que se leve esse mesmo conhecimento para além das universidades, a públicos de arte não académicos.

Eu gostaria que pudéssemos ter prolongado a exposição por mais de três semanas! Tendo agora um espaço mais permanente, estamos a planear repor parte da exposição *Call me by my Name: Stories from Calais and Beyond* entre Abril e Julho 2017 e, posteriormente, montar uma nova exposição sobre momentos cruciais da história da Grã-Bretanha na perspectiva da migração.

Um outro aspecto que gostaríamos de melhorar é conseguirmos levar esta exposição a públicos diferentes – muitos dos visitantes, embora fossem etnicamente diversos, e abrangendo um grande leque de idades, eram de um modo geral visitantes altamente escolarizados e já bastante envolvidos com o sector cultural. Em contrapartida, os grupos escolares que visitaram a exposição com os seus professores eram tendencialmente de meios mais desfavorecidos e com muito menos envolvimento cultural prévio do que os nossos visitantes adultos. Idealmente, gostaríamos de alargar o nosso alcance de forma a trazer um tipo diferente de público adulto. Não temos os recursos necessários para levar esta exposição para fora de Londres, mas seria realmente interessante testar o seu impacto em diferentes áreas do país, particularmente onde as atitudes em relação aos migrantes são menos compreensivas.

Da sua experiência, que conselhos daria a outros profissionais que pretendam planejar actividades que envolvam as questões da migração e dos refugiados nos seus museus?

Eu não pressuporia saber o que outros profissionais deveriam fazer, mas, se eu tivesse algum conselho, seria simplesmente não ter medo de abordar estas questões. Parece-me que a migração é um tema sobre o qual as pessoas têm realmente interesse. Devemos reconhecer que as pessoas têm perspectivas subtis e complicadas sobre a migração e que têm um desejo real de desfazer. Eu diria, olhe para suas próprias colecções e para a sua própria instituição, veja onde existem histórias sobre migração para serem contadas – porque certamente haverá histórias sobre migração – e dê-lhes visibilidade onde seja possível. Suponho que também querem envolver o mais possível as comunidades para contar essas histórias, de forma a que as pessoas envolvidas realmente tenham um sentimento de pertença e sintam que isto vem – pelo menos em parte – delas próprias.

Algumas das peças da exposição *Call me by my Name: Stories from Calais and Beyond* foram criadas pelos próprios refugiados do campo de Calais, mas o resto da exposição, em grande parte, não o foi. Se levássemos esta exposição para fora de Londres, seria óptimo poder produzir mais conteúdos em co-criação, porque isso traz vida à narrativa. Por exemplo, poderíamos adicionar uma galeria no final da exposição dedicada à “viagem” pós-chegada, momento em que o migrante chega ao Reino Unido e requer asilo. A nossa exposição cobriu, em certa medida, as “viagens” extraordinárias que muitos refugiados e requerentes de asilo realizaram – por vezes através do Sara, depois através do Mediterrâneo e pela Europa, depois de Calais para a Grã-Bretanha. Mas depois disso, uma outra “viagem” muito longa começa frequentemente com o pedido de regularização do estatuto de requerente de asilo no Reino Unido. Isso pode levar muitos meses ou mesmo anos para ser concluído – essa é uma parte da história que frequentemente não é contada. No futuro, gostaríamos de abordar isso, contando essa parte da história em parceria com os requerentes de asilo que já chegaram ao Reino Unido, através da criação de obras de arte ou de outros meios.

Instituto para a Cidadania Canadiana
(Institute for Canadian Citizenship, Canadá)

A diversidade é uma realidade. A inclusão é uma escolha. **Charlie Foran**

CEO



Museu McCord, projecto *Ahlan*. Foto: ICC/Nadia Zheng

Charlie Foran é CEO do Institute for Canadian Citizenship (ICC). É diplomado pela Universidade de Toronto e pelo University College, em Dublin, e tem ministrado cursos na China, Hong Kong e Canadá. Publicou onze livros, incluindo cinco romances. Ex-presidente da PEN Canada, é membro sénior do Massey College e Professor Adjunto do Departamento de Inglês da Universidade de Toronto. Em 2014 foi nomeado para a Ordem do Canadá. Mora em Toronto com a sua família. Email: jphillips@icc-icc.ca (Manager, Communications)

Primeiro, gostaria de perguntar sobre o projecto *Ahlan*. Por que foi criado? Por que é que o Institute for Canadian Citizenship (ICC) considera que levar as pessoas aos espaços culturais canadianos será uma maneira de as ajudar a sentir-se bem-vindas e a conhecer o país onde chegaram recentemente? Construir relações e criar ligações à cultura partilhada do Canadá?

O programa *Ahlan Canada* foi criado pelo ICC em resposta à chegada de refugiados Sírios em 2015 e 2016. Descobrimos que muitos dos nossos parceiros do programa *Cultural Access Pass* (CAP) queriam abrir as suas portas a esses recém-chegados. Parecia fazer sentido. Uma vez que nós temos uma larga e profunda rede de parceiros culturais, esta situação colocou-nos numa posição única para criar ligações entre os recém-chegados sírios e os maravilhosos lugares e espaços culturais da nossa rede. Trabalhando em estreita colaboração com os nossos parceiros, desenvolvemos percursos para famílias em espaços culturais. *Ahlan* (árabe para “bem-vindo”) ajuda os recém-chegados a construir relações e a criar ligações à nossa cultura partilhada.

Porquê a cultura? Na maioria dos países, governos e organizações concentram-se nas necessidades imediatas, práticas: habitação, saúde, emprego, educação. Raramente a cultura faz parte das políticas.

Acreditamos que a cultura é um portal de pertença e que é importante acelerar a familiarização e o conforto dos recém-chegados com o sector cultural do Canadá. Como escrevi neste artigo no [Quartz](#): “Acolher as pessoas é uma série de gestos que podem assumir muitas formas. A arte retira essa ideia da alteridade, das

pessoas serem estranhas... é fundamentalmente sobre o como os seres humanos estão ligados.”

As outras necessidades estavam a ser tratadas por patrocinadores privados e pelo governo.

A integração requer muitas métricas. Há as preocupações mais imediatas que mencionou – habitação, saúde, emprego, educação. Mas a familiaridade com a cultura local, a oportunidade de explorar os paralelismos entre esta nova cultura e a sua própria, é um bom começo. Tivemos um encontro entre sírios recém-chegados e a obra-prima de Norval Morrisseau *Man Changing into Thunderbird*, de 1977, na Art Gallery of Ontario, onde eles desenharam paralelismos entre a transformação do artista e as suas viagens pessoais. Estes são momentos incríveis de reconhecimento mútuo.

Quanto à reciprocidade – somos um projecto cultural inacabado e contínuo. Os nossos espaços culturais partilhados e imaginários evoluem e expandem-se com os nossos novos canadianos. O que é necessário para que esta experiência prossiga com o espírito certo é uma abertura a esse processo.

O programa é financiado por um departamento governamental, o da Imigração, Refugiados e Cidadania do Canadá. Quão importante é esse apoio para o ICC? Qual é o seu significado?

Temos um acordo de financiamento com o governo federal para cobrir outros programas do ICC. Quando respondemos às chegadas dos sírios, e desenvolvemos muito rapidamente o programa *Ahlan*, tivemos muita sorte em ver o nosso pedido de reafecção de parte do nosso financiamento existente a essa iniciativa inesperada a ser rapidamente aprovado. Vale a pena notar que o programa *Ahlan*, assim como o nosso *Cultural Access Pass*, não é um programa caro. Foi um sucesso graças à generosidade dos nossos parceiros culturais, que abriram as suas portas aos participantes do *Ahlan* sem nenhum custo para o programa; às agências de realojamento que nos punham em contacto com os recém-chegados sírios; e a um grupo de maravilhosos voluntários de línguas que deram o seu tempo e trabalharam como tradutores informais durante as visitas culturais.

Tivemos a sorte de receber financiamento do governo para o nosso programa *Ahlan Canada*. Não vamos presumir falar em nome da política governamental em geral, mas acreditamos que moldar e habitar espaços culturais partilhados é fundamental para a construção de sociedades verdadeiramente inclusivas.

O projecto *Ahlan* parte de outro projeto do ICC, o *Cultural Access Pass* (CAP), que descobri há alguns anos, quando li que as cerimónias de cidadania tinham lugar em museus. Vi um grande simbolismo nisso. O que é exactamente o CAP? Qual considera que é o papel que as organizações culturais desempenham na construção de uma sociedade mais inclusiva?

O CAP é um programa nacional que oferece aos novos cidadãos canadianos a oportunidade de explorar, viajar e descobrir durante seu primeiro ano de cidadania, dando acesso gratuito a mais de 1.200 das principais atracções culturais do Canadá, incluindo museus, galerias de arte, centros de ciência, parques nacionais e locais históricos. O programa é usado todos os anos por mais de 50.000 novos cidadãos canadianos. É o único programa deste tipo no mundo. É eficaz porque cria ligações entre os novos cidadãos e as suas famílias e a cultura e identidade partilhada do Canadá, construindo um sentimento único de inclusão e de pertença.

A cultura é, por definição, inclusiva. Ambos estes programas do *Building Citizenship* (o nosso programa de cerimónias comunitárias de cidadania da comunidade, onde as cerimónias de cidadania ocorrem em locais culturais muito especiais) e CAP – enfatizam os espaços culturais como espaços partilhados e respondem ao nosso maior desejo de fazer com que os novos canadianos sintam essas instituições e espaços como deles também. Sabemos que mais de 240.000 novos cidadãos canadianos tiveram acesso a espaços culturais icónicos através do programa CAP. Este tipo de envolvimento activo na paisagem cultural é transformador, para o indivíduo e para a instituição.

Que *feedback* estão a receber dos utilizadores do CAP? Os resultados do projecto correspondem aos objectivos iniciais?

O sucesso do CAP torna-se óbvio com os números que acabei de referir – desde que o CAP começou em 2008, mais de 240.000 novos cidadãos canadianos inscreveram-se no programa. Outros novos cidadãos aderem ao programa todos os dias. Aqui está uma amostra do que eles nos dizem:

“Penso que o CAP é um presente impressionante para os novos cidadãos do Canadá. Não consigo pensar num presente melhor do que isso para incentivar os novos cidadãos a sair e explorar o seu novo país.”

“Obrigado por esta grande oportunidade que nos faz (a mim e à minha esposa) sentir-nos bem-vindos na família canadiana.”

“Acho que o CAP é um presente maravilhoso para os novos canadiano. Deu-me a oportunidade de explorar vários museus, locais históricos e culturais e gostaria de ter mais tempo para visitar outros lugares maravilhosos que não consegui ver. Os meus parabéns por este programa.”

“Muito obrigado por este programa! Foi uma surpresa muito doce depois de eu adquirir a cidadania. Não teria ficado tão imersa na cultura se não fosse pelo programa. Foi um dos melhores anos de minha vida graças a todos vocês, envolvidos no programa. Obrigado novamente!»



Museu de Antropologia na UBC, projecto *Ahlan*. Foto: ICC/Lisa King

O ICC afirma que o seu objectivo é inspirar os canadianos a serem inclusivos, abraçar um pensamento novo, praticar a cidadania activa e ser donos da nossa cultura e de espaços colectivos. O que é uma cultura colectiva? É uma mono-cultura? Como é negociada? As pessoas não mantêm as suas diferenças? Quais as diferenças que podem manter sem se afastarem da sociedade?

Justin Trudeau surpreendeu o resto do mundo euro-americano ao chamar ao Canadá de estado pós-nacional, mas, para a maioria dos canadianos, a observação foi excepcional. Há uma longa e complexa história do que se poderia chamar de pós-nacionalismo aqui – desde o primeiro encontro dos colonizadores com ideias indígenas de acolhimento, até ao nosso lento despertar do sono colonial e os projectos literários e intelectuais do último meio século que criticaram, exaltaram e, finalmente, normalizaram a ideia (Marshall McLuhan disse uma vez que “Qualquer sentido de identidade que tenhamos é o nosso sentido de densidade”). Somos um espaço cultural experimental. Talvez ainda não tenhamos o vocabulário para apresentar um caso – talvez seja a nossa predisposição para o auto-apagamento –, mas há já algum tempo que pensamos de forma diferente sobre a nossa complexa paisagem cultural, que se desenvolve em várias camadas. Aqui o pós-nacionalismo pode ser pensado, de uma forma que escapa ao actual modelo europeu ou americano.

O co-fundador do ICC, John Ralston Saul, cita frequentemente as palavras do Chefe John Kelly – “com o passar dos anos, o círculo do Ojibway fica cada vez maior”. Esta é a visão do multiculturalismo canadiano – um círculo, cuja circunferência se expande constantemente, para dar espaço àqueles que se juntam. É uma narrativa nacional que não é uma, mas muitas.



Glendon College, Cerimónia de cidadania. Foto: ICC/James MacDonald

O vosso inquérito Canadians on Citizenship (2012) mostrou, entre outras coisas, que a maioria das pessoas pensa que ser um bom cidadão é aceitar outros, que são diferentes, mas também partilhar os valores canadianos. Isto pode parecer contraditório. É?

Para os canadianos, que tendem a abraçar a confusão da identidade, isso, realmente, não seria contraditório. Os recém-chegados podem manter a sua identidade e valorizar a sua herança e história, mas também aceitar os princípios básicos que definem a sociedade canadiana – democracia, direitos humanos fundamentais, etc. Só porque alguém é “diferente” não significa que eles não suportam essas coisas. Além disso, a identidade está constantemente a mudar/a evoluir, particularmente quanto mais tempo uma pessoa vive noutro lugar. Uma das questões levantadas em relação ao inquérito é que, realmente, não define “os valores canadianos”.

Citando o inquérito: “Embora a pesquisa não tenha definido quais valores seriam aplicáveis, os pontos de vista dos canadianos sobre o que faz um bom cidadão (por exemplo, igualdade de género, respeito pelos outros e responsabilidade ambiental) são indicadores do tipo de valores aos quais eles provavelmente se referem.”

Na maioria dos países, há pessoas, cidadãos, que expressam a preocupação que o fluxo de migrantes e refugiados fará com que eles percam a sua própria cultura e que o seu modo de vida e os seus valores sejam afectados. Por que é que o Canadá escolhe a inclusão? Como é que o trabalho do ICC se enquadra na política actual do governo? E de que forma é afectado pelas mudanças de governo?

O compromisso do Canadá com a inclusão não é um optimismo ingénuo. Há razões práticas para apoiar a imigração. Desde a década de 1990, uma baixa taxa de natalidade e uma população em envelhecimento atrasam a taxa de crescimento da população. Há dez anos, nós devíamos dois terços do nosso crescimento populacional à imigração. Esse número está a crescer. Há razões económicas; nós ouvimos isso do governo e vimo-lo nas nossas estatísticas – a diversidade alimenta a prosperidade económica. Há também essa abertura filosófica à complexidade e à contradição, à experiência e à irresolução. No ICC, referimo-nos a 2016 como o ano do nosso “teste de cidadania” colectivo. Haverá mais testes, se as nuvens escuras

da negatividade que se juntam à volta da imigração forem uma indicação. Vamos enfrentá-los com o mesmo optimismo e postura que mostrámos este ano.

O ICC conseguiu fazer parcerias com o governo do Canadá para celebrar os novos cidadãos através das nossas cerimónias comunitárias de cidadania. Também temos a sorte de trabalhar com uma incrível rede nacional de parceiros e voluntários que partilham o nosso compromisso com a inclusão. À medida que o trabalho do ICC se expande, à medida que as nossas redes crescem, continuaremos a avançar com uma programação ponderada, deliberada e envolvida.

Parte II

Museus, Migração e Diversidade Cultural: Recomendações para Museus

1. Introdução

- 1.1 A migração é parte da história da humanidade
- 1.2 Objectivos e estrutura das orientações

2. Uma nova perspectiva sobre as colecções

- 2.1 Re-examinar e re-explorar as colecções já existentes
- 2.2 Coleccionar novos testemunhos
- 2.3 Perguntas e contributos

3. Expor a migração e a diversidade cultural

- 3.1 Incorporar as testemunhas contemporâneas e as histórias das famílias
- 3.2 Exposições temporárias
- 3.3 Exposições permanentes
- 3.4 Perguntas e contributos

4. Novas oportunidades para o trabalho de *outreach*

- 4.1 Estimular o interesse pela história da migração e pela diversidade cultural**
- 4.2 Promover o diálogo intercultural**
- 4.3 Abordar a diversidade social de forma produtiva**
- 4.4 Abordar novos grupos-alvo**
- 4.5 Desenvolver competências interculturais**
- 4.6 Perguntas e contributos**

5. Recomendações

- 5.1 Intensificar o estudo de públicos**
- 5.2 Novos canais de comunicação**
- 5.3 Iniciar contactos de forma activa**
- 5.4 Participação e formação**
- 5.5 Outros conhecimentos especializados**
- 5.6 Designar pontos de contacto**

Glossário

Outras leituras

Equipa editorial

Colaboração e contributos

Tradução do inglês: Ana Braga, Hugo Sousa
Revisão: Maria Vlachou

1. Introdução

A sociedade actual é formada por pessoas com uma ampla variedade de estilos de vida e de origens. Reconhecer esta diversidade² como sendo a norma é uma tarefa que enfrentamos nas nossas interacções sociais, quer no dia-a-dia, quer a longo prazo. Numa sociedade com um elevado nível de imigração, como na Alemanha, a diversidade cultural conduz a novas perspectivas e novas direcções no trabalho museológico. Isto decorre da definição de museus estabelecida pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), que os descreve como instituições sem fins lucrativos “ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento”³. As presentes orientações visam mostrar aos museus que abordagens lhes permitem desempenhar um papel activo neste desafio social.

O envolvimento na questão da imigração acontece em paralelo com os esforços que muitos museus estão a fazer para se tornarem mais abertos e para desenvolverem novas formas de trabalhar com e para o público. Os museus têm o potencial de “explicar a sociedade como uma sociedade em transição, em movimento, em perpétua transformação, como uma sociedade caracterizada por culturas no plural e, portanto, por encontros contínuos com o “Outro”, por experiências contínuas de contacto e contraste.”⁴ No futuro, as experiências e as necessidades das pessoas com e sem passado de migração devem desempenhar um papel mais importante nos museus e nas exposições.

A tendência avança na direcção de museus participativos, que incentivam o envolvimento de todos os grupos sociais e que entendem a integração como um processo bidireccional. Uma mudança de perspectiva permitirá que as pessoas vejam o museu sob uma nova luz e que o museu veja o mundo sob uma nova luz. Idealmente, o envolvimento activo dos visitantes facilitará uma nova compreensão do passado e do presente, da cultura e do ambiente, e de muito mais.

O “museu para todos” pode muito bem continuar a ser um sonho utópico, mas o “museu

2 Nota: As palavras sublinhadas ao longo do texto encontram-se no Glossário.

3 ICOM – The International Council of Museums: ICOM Switzerland, ICOM Germany, ICOM Austria ICOM (Ed.) Ethische Richtlinien für Museen (Code of Ethics for Museums), German Translation, 2006, Berlin/Wien/Zürich 2010, p. 29.

4 Korff, Gottfried: “Fragen zur Migrationsmusealisierung”. In: Henriette Hampe (Ed.): Migration und Museum. Münster 2005, p. 13.

para tantos quanto possível” deve tornar-se realidade. Para atingir esse objectivo, são necessárias novas estratégias de trabalho em museus de todas as categorias e tamanhos.

1.1

A migração é parte da história da humanidade

A migração não está a acontecer só agora, no mundo moderno e globalizado. Na verdade, é uma característica de todas as eras, desde que as primeiras pessoas deixaram África e se espalharam pelo mundo. Assim, ao longo da história, a migração tem sido a norma.

A migração conduz a uma mudança temporária ou definitiva do local onde os indivíduos ou os grupos vivem. A imigração e a emigração podem assumir várias formas, incluindo a migração transfronteiriça, a migração dentro de um mesmo território e a migração circular. As razões para a migração são tão diversas quanto as formas que os movimentos podem tomar.

Durante séculos, factores como a disponibilidade de recursos naturais, o trabalho, a prosperidade, a comunidade, a família, a religião e as necessidades culturais têm motivado as pessoas a deixar as suas casas. Nesses casos, a migração pode ser uma parte consciente do seu plano de vida. No entanto, a perseguição política, as guerras, as ditaduras, as revoluções, a discriminação por motivos étnicos ou religiosos, as catástrofes naturais e a pobreza são factores desencadeadores da migração forçada que ainda hoje são relevantes. Além disso, os limites entre migração voluntária e involuntária são muitas vezes fluídos.

Desde o início da era moderna, o aparecimento de estados-nação e de conflitos territoriais e religiosos têm estimulado as noções de conhecido e de desconhecido, de fronteiras e de violação das mesmas. No entanto, as sociedades industriais e pós-industriais do nosso mundo globalizado também se caracterizam por um elevado grau de mobilidade, que deu à migração uma nova importância.

1.2

Objectivo e estrutura das orientações

O tema da diversidade cultural e o desafio do trabalho museológico virado para uma sociedade pluralista exigem novos pontos de vista e novas narrativas. Isto aplica-se a todas as tipologias de museus: museus de história natural, museus de arte, museus de tecnologia, museus de etnologia, museus de história, museus regionais, museus de cidade, museus de património local, museus da criança, ecomuseus, etc. A configuração que esta nova perspectiva assume pode variar, dependendo do tipo de museu.

Estas orientações contêm recomendações sobre que estratégias podem ser vistas no contexto específico das funções museológicas nucleares de aquisição (incluindo conservação e investigação), de exposição e de divulgação. Descrevem pequenas medidas que podem ser implementadas a um custo razoável, bem como mudanças extensas que afectam todo o museu e que exigem processos de desenvolvimento a longo prazo. O leque de tarefas varia de acordo com as capacidades, recursos e objectivos de cada museu. As orientações também abordam outros aspectos que são importantes para as entidades financiadoras e patronos dos museus, para os que definem políticas e para os entusiastas da cultura. Em consonância com a estrutura do Bunte Reihe (série de orientações e recomendações publicadas pela Associação de Museus Alemães), as presentes orientações não são uma investigação académica sobre o tema. Pelo contrário, representam um apoio prático para todos os que trabalham para e com os museus.

O glossário em anexo explica palavras-chave importantes e de que forma são usadas nestas orientações. A bibliografia destina-se a incentivar os leitores a aprofundar o tema.

Os museus terão alcançado o primeiro objectivo destas orientações quando começarem a ver os desafios da pluralidade social e do envolvimento com o tema da migração como tarefas que são transversais a todas as áreas do seu trabalho.

2.

Uma nova perspectiva sobre as colecções

A base de um museu é a sua colecção e a natureza da colecção caracteriza cada museu. Os temas da migração e da diversidade cultural não têm um papel importante a desempenhar apenas nos museus de história cultural e de arqueologia. São relevantes em todos os tipos de museu. Por exemplo:

- Alguns aspectos da disseminação global da tecnologia podem ter interesse para museus que se concentram na história da tecnologia.
- Para os museus de arte, a migração e a diversidade cultural podem ser relevantes em questões relacionadas com o estilo e a sociologia da arte, mas também enquanto fenómeno social explorado pelos artistas.
- A migração é também um princípio da natureza. As colecções científicas podem mostrar muitas mudanças na biodiversidade causadas pela influência humana – em particular mudanças nos habitats, na existência e no alcance geográfico de diferentes espécies. Uma reflexão crítica sobre a história da colecção e a ponderação de aspectos culturais poderiam fornecer numerosos pontos de partida para museus de história natural.

2.1

Re-examinar e re-explorar as colecções já existentes

A migração e a diversidade cultural ainda não são temas explícitos nas colecções de todos os museus. No entanto, as colecções podem e devem ser re-examinadas

e re-exploradas partindo desta perspectiva. Os funcionários dos museus podem fazê-lo. No entanto, deverão contar com a colaboração de especialistas externos e com recurso a grupos de interesse especial.

Ao examinar e reavaliar a colecção existente, é importante evitar basear-se nos conhecimentos tradicionais; em vez disso, a equipa deve deliberadamente expor os objectos a perguntas diferentes. Esta é a única forma de saber como surgiram certas ordens e lógicas na exposição, e como o arquivo e as colecções foram influenciados pelos contextos históricos e pelas (pre-)interpretações. Devemos ter em mente que um número razoável de colecções teve origem no seio de visões colonialistas e racistas, tendo sido por elas influenciadas. Os contextos originais das colecções devem ser reconstruídos e depois desconstruídos para que se abram novas perspectivas e se crie espaço para expô-las.

A história nacional alemã é o quadro de referência na maioria dos museus de história cultural na Alemanha, independentemente do seu foco local ou regional. Apesar do objectivo ser alcançar a cultura para todos, este aspecto ainda tem que mudar substancialmente. Para a comunidade imigrante na Alemanha continuam a faltar memórias partilhadas e a consciência dos contextos transnacionais no passado e no presente.

Durante décadas, a vida quotidiana das pessoas tem sido poli-local e transcultural. Lembrar-se repetidamente disso é a chave para evitar qualquer prossecução da dicotomia implícita entre “nós” e “eles”, quando se documentam objectos ligados à migração. O objectivo é narrar uma história de migração e de diversidade cultural que se integre na história da sociedade como um todo.

2.2

Coleccionar novos testemunhos

Além de re-examinar e re-explorar as colecções existentes, os museus devem também recolher activamente novos testemunhos ligados à migração e à diversidade cultural. Existem várias formas de o fazer.

Coleccionar com associações e organizações

As pessoas que fazem parte de grupos de interesse especial, associações e organizações ligadas à migração, são diferentes no que diz respeito às suas raízes regionais, crenças religiosas, orientação política e interesses nacionais, culturais e sociais. Quando se trata da recolha de testemunhos sobre a história ou as histórias

da migração, estes grupos e instituições podem ser pontos de contacto iniciais para chegar a estas pessoas, às histórias, às recordações e a informações sobre colecções particulares já existentes. As organizações devem ser informadas das actividades do museu e ser convidadas a ajudar a desenvolver as suas colecções.

Colecções em instituições públicas e agências

Os arquivos municipais e estatais são fontes potencialmente importantes de textos sobre a história da migração. Normalmente, estas instituições documentam a perspectiva administrativa oficial. Os arquivos empresariais também podem conter documentos e diagramas que mostram como a empresa mudou devido à migração de mão-de-obra.

Para além dos arquivos e dos registos oficiais, outras instituições públicas (por exemplo: hospitais, departamentos da Segurança Social e comissões de refugiados) são frequentemente fontes de material escrito e até mesmo de objectos tridimensionais. No entanto, os detalhes acerca da história específica destes objectos ou da sua atribuição são muitas vezes pouco documentados ou impossíveis de encontrar.

Coleccionar em espaços públicos

Os museus podem complementar as suas colecções fazendo actividades em espaços públicos relevantes. Ocasões específicas, como as semanas interculturais, as efemérides relacionadas com acordos laborais, os festivais sazonais e religiosos e os eventos temáticos (familiares, musicais, corporativos) podem também tornar mais fácil explicar o que motivou as actividades de recolha. Este tipo de iniciativas constitui uma boa oportunidade para fazer um primeiro contacto com as partes interessadas e para estabelecer uma base de diálogo.

Recolher objectos numa determinada localidade ou numa parte da cidade é outra forma de aceder às histórias de vida das pessoas, a fotografias e a objectos de um dado contexto. Esta estratégia chega a imigrantes e pessoas que não têm passado de imigração, de diferentes meios sociais. Relacionar-se com um local específico torna mais fácil desenvolver mais do que uma perspectiva sobre um assunto. Isto também pode ser conseguido através de projectos conjuntos com as escolas.

A colaboração baseada no diálogo com testemunhas contemporâneas pode permitir o acesso a objectos e a significados que até agora não estavam representados na colecção do museu. Os empréstimos temporários para exposições são oportunidades para o proprietário e o museu explorarem as camadas de significado dos objectos, e para reforçar a compreensão mútua e a confiança. A apreciação visível da história de um objecto, que resulta da sua exposição, pode inspirar os proprietários a permitirem que as suas recordações se mantenham permanentemente na colecção do museu como parte de um património cultural partilhado.

2.3

Perguntas e contributos

Origens da colecção do museu

Todos os museus devem ter um Programa de Colecções escrito que deve ser actualizado regularmente.⁵ Dado que as colecções do museu podem ter surgido com motivações e origens muito diferentes, faz sentido olhar com mais atenção para o desenvolvimento da própria colecção:

- Como surgiu a colecção do museu?
- Existe um perfil específico de colecção definido desde o início (regional, nacional, científico ou temático – por exemplo, história da indústria e da técnica, história comercial, cultura quotidiana)?
- Que questões ou interesses estiveram em foco (temas-chave)?
- Como e quando foi alterado o perfil da colecção?
- O perfil da colecção foi desenvolvido ou alterado ao longo do tempo?
- Foram adicionados novos temas?

Lista de questões para os objectos

Para garantir a consistência e a qualidade da colecção, é normalmente aconselhável desenvolver uma lista interna de questões que podem ser usadas para ponderar e avaliar possíveis incorporações. Esta lista de questões deve ser ampliada para garantir que os temas da migração e da diversidade cultural também são incorporados na colecção.

- Até agora, que questões foram colocadas sobre os objectos?
- Que quadros de referência foram usados para interpretar os objectos (por exemplo: enquadramentos locais, regionais ou nacionais, um sistema científico, temas sociopolíticos)?
- As questões relacionadas com a migração e a diversidade cultural foram tomadas em consideração durante o tratamento científico da colecção?

5 Ver German Museums Association em cooperação com ICOM Germany (Ed.): Standards für Museen. Kassel/Berlin 2006; German Museums Association (Ed.): Nachhaltiges Sammeln. Ein Leitfaden zum Sammeln und Abgeben von Museumsgut. Berlin/Leipzig 2011.

Examinar e re-avaliar a colecção existente

As colecções existentes devem ser sujeitas a questões deliberadamente diferentes das que foram feitas no passado. Esta abordagem revela como surgiram alguns sistemas de ordens e relações na interpretação dos objectos. Também mostra que os objectos são sempre ambíguos nas suas declarações e que devem ser considerados tendo em conta o seu contexto histórico e suas (pre-)interpretações.

- No que diz respeito à diversidade cultural na sociedade, que questões são relevantes actualmente? Estas questões podem ser aplicadas a todas as áreas da colecção? São relevantes para todas as áreas?
- Como pode o objecto ser lido ou interpretado segundo a perspectiva da migração e da diversidade cultural?

Competências para explorar os objectos através de novas questões

- Os funcionários do museu têm as competências necessárias para determinar as informações-chave de um objecto – por exemplo: conhecimento da língua, conhecimento sobre a história e a cultura quotidiana do país de origem, e conhecimento acerca do seu contexto de uso?
- Pessoas com conhecimentos especializados, como os membros de associações de migrantes, podem ser envolvidas como consultores?
- As testemunhas contemporâneas podem contribuir com as suas experiências e competências?

3.

Expor a migração e a diversidade cultural

As exposições são locais de representação social e de diálogo cultural. O contacto com os objectos expostos encoraja a formação de opiniões pessoais e pode estimular conversas entre visitantes, ajudando a desenvolver a compreensão de diferenças e semelhanças. As exposições podem tornar visíveis a história e a presença de pessoas com e sem passado de migração. Fornecem um espaço para ilustrar processos recíprocos e o significado da migração na história. Isto cria múltiplos pontos de referência e oportunidades de identificação.

Enquanto as exposições permanentes mostram uma secção representativa da colecção do museu, as exposições temporárias focam-se em temas específicos, como as investigações a decorrer. Também podem ser usadas para experimentar abordagens e formatos de exposição diferentes.

O objectivo a longo prazo é incorporar devidamente, nas exposições permanentes, a história das migrações e da diversidade cultural, enquanto temas que se cruzam, e trazer para as exposições temporárias mais abordagens com múltiplas perspectivas.

3.1

Incorporar as testemunhas contemporâneas e a história familiar

Todas as categorias de museus podem usar abordagens que se focam na história biográfica, na história do dia-a-dia e na arte para encorajar as pessoas, com ou sem passado de migração, a participar na conceptualização e no desenho das exposições, e a acompanhar alguns eventos. Através desta colaboração, os significados tradicionais podem ser questionados, podem ser desenvolvidas novas questões e podem ser adoptadas novas perspectivas.

A exposição de recordações autobiográficas dá às pessoas a oportunidade de contarem as suas histórias na primeira pessoa. Isso pode abrir novas perspectivas e colmatar falhas sistemáticas no património. As recordações autobiográficas podem comunicar pontos de vista subjectivos e percepções sobre experiências, atitudes e impressões. Estas também podem ser expressas através de abordagens artísticas.

Muitas vezes, os objectos e documentos quotidianos adquirem importância para a história das migrações através das histórias pessoais que lhes estão anexas. O significado pessoal do objecto e um contexto histórico mais amplo criam várias camadas de significado e, assim, em última análise, tornam o objecto relevante para os indivíduos e para o público como um todo.

3.2

Exposições temporárias

As exposições temporárias são especialmente adequadas para abordar temas actuais e para experimentar diferentes formas de colaboração, de exposição e de trabalho de proximidade com a comunidade. Também podem ser usadas para explorar gradualmente a história das migrações e da diversidade cultural na sua região, na sua tipologia ou no seu foco temático.

Os aniversários e as efemérides proporcionam oportunidades para ligar o passado ao presente. Atraem maior atenção do público e podem abrir oportunidades para captar apoio financeiro ou outro tipo de apoios. As exposições sobre a história das migrações e a diversidade cultural podem servir de exemplo para o público e podem estimular a colaboração com novos parceiros.

Em linha com a ideia de participação, os temas gerais podem também ser investigados considerando os seus diferentes aspectos numa sociedade diversa. Por exemplo, temas como o “amor”, a “família” e o “trabalho” podem ser investigados e apresentados de acordo com os seus diferentes sentidos e significados. As semelhanças e as diferenças muitas vezes não correspondem às habituais características étnicas ou nacionais. Oferecem, assim, a oportunidade para debater e para abrir novas perspectivas e, deste modo, tornar visível a diversidade social. As exposições podem destacar tendências, questionar causas e mecanismos e apontar a mudança e a natureza maleável das circunstâncias.

As exposições temporárias podem ser usadas para testar o empréstimo de objectos. Os proprietários podem ver como o museu aborda o objecto e o seu significado na exposição, e que efeito tem essa abordagem sobre eles próprios e sobre os visitantes. Por outro lado, o museu pode testar o significado e a interpretação do

objecto. Com base nestas experiências, ambas as partes podem desenvolver ideias para continuar a colaboração ou para transformar o empréstimo numa aquisição permanente para a colecção.

A apresentação de exposições temporárias fora do museu pode inspirar grupos de pessoas a envolver-se e a colaborar com o museu. Pode também ser uma nova forma de trazer os temas da migração e da diversidade cultural para a atenção pública.

3.3

Exposições permanentes

As exposições permanentes estão sujeitas a longos ciclos de inovação. As mudanças, parciais ou completas, têm muitas vezes uma fase de planeamento prolongada e envolvem um investimento financeiro significativo. Para garantir que os museus possam representar melhor a história das migrações e a diversidade cultural, recomendamos que também façam alterações nas suas exposições permanentes. Os primeiros passos para desenvolver as exposições desta forma podem ser tomados através de caminhos diferentes e sem gastar muito dinheiro.

Sem ter que rever completamente a exposição, optar por intervenções específicas pode introduzir novas perspectivas nas exposições permanentes (por exemplo: mudar a organização das exposições, adicionando novos objectos ou utilizando dispositivos artísticos).

Em consonância com o objectivo de incentivar a participação, ver e discutir a exposição com pessoas de diferentes origens culturais e com perspectivas diferentes pode lançar a luz sobre novas camadas de significado, sobre falhas e sobre as ampliações desejadas.

Aumentar as legendas, adicionar comentários, usar ferramentas digitais e introduzir iluminação diferente pode tornar estes aspectos mais visíveis e criar novas relações. Os aspectos e os significados adicionais surgem frequentemente de novas constelações e da adição ou da remoção de objectos em exposição. A utilização de ferramentas digitais com diferentes idiomas e/ou comentários aprofundados pode também ajudar.

Idealmente, a longo prazo, os museus desenvolverão sistematicamente as suas exposições permanentes para que, das secções que foram revistas individualmente, possa emergir um fio condutor.

3.4

Perguntas e contributos

Conceito, grupos-alvo e objectivos

- Qual é a orientação conceptual de base da exposição?
- Foca-se no processo de migração ou no desenvolvimento de uma sociedade com um grande nível de imigração?
- O objectivo é apresentar o presente e o passado de um grupo específico?
- Que época histórica é relevante para demonstrar os aspectos escolhidos?
- A exposição tem como objectivo mostrar um tema geral sob diferentes perspectivas em relação a grupos sociais específicos?
- As relações transculturais são relevantes para a narrativa de fundo da exposição?
- Que grupos-alvo podem ser alcançados e com que temas?
- Como podem ser incluídos os grupos-alvo no desenvolvimento do conceito da exposição?

Diálogo e participação

- Que objectivos comuns unem os parceiros na colaboração?
- Quão extensa deve ser a participação?
- Como pode a colaboração ser incluída na fase de conceptualização?
- Devem ser entrevistadas testemunhas contemporâneas?
- Os objectos e as suas camadas de significado podem ser investigados e explorados em conjunto através do diálogo?
- Existe vontade de discutir o tipo de apresentação e de design?
- Como será orientado o processo de participação? As várias expectativas, os objectivos e caminhos de decisão são claros?

Atrair parceiros de cooperação

- Que grupos de pessoas, de grupos de interesse especial, de associações e de organizações são relevantes para os temas seleccionados e para os grupos-alvo? Que interesses representam?
- Qual o canal de comunicação mais adequado? Contacto pessoal, redes pessoais, anúncios, avisos em pontos de encontro, locais de trabalho, actividades de lazer, redes sociais, novos media?
- Que parceiros de contacto fiáveis, com tempo suficiente e competências linguísticas/interculturais, pode o museu fornecer?
- As colaborações devem continuar além da exposição? Se assim for, em que medida?

Preparar a exposição

- Como pode a exposição apresentar múltiplas perspectivas e diferentes interpretações?
- A exposição esclarece ou aborda diferentes contextos culturais e possíveis interpretações?
- Como são contextualizados os objectos? Qual é a relação entre os objectos individuais, as histórias pessoais e a história em geral?
- Os objectos seleccionados e a forma como são apresentados tocam em tabus culturais ou religiosos? Foi uma escolha consciente e deliberada?
- Que linguagem é utilizada nos textos, nos *media* e nos materiais que acompanham a exposição?

4.

Novas oportunidades para o trabalho de *outreach*

No que diz respeito à abertura dos museus para a interculturalidade, o trabalho de *outreach* tem um papel extremamente importante. Isto aplica-se especialmente quando se pretende comunicar novos conteúdos, promover competências interculturais para lidar com diversidades sociais de longa data ou atrair novos grupos-alvo.

O trabalho de *outreach* cria um diálogo entre o público e o museu, incorporando o interesse dos visitantes no trabalho museológico. O *outreach* deve estar intimamente ligado às áreas de aquisição, de investigação e de exposição.

Os museus devem orientar o seu trabalho de *outreach* para os grupos-alvo. Os grupos devem ser definidos pelo seu meio social, sem que a migração tenha um papel preponderante. Como o estudo *Sinus studies*¹⁴ demonstra, o uso da cultura e dos *media* entre as pessoas com passado de migração coincide com o do resto da população – está ligado à educação e ao meio. Desta forma, o desenvolvimento de serviços e a comunicação com os grupos-alvo devem ser inicialmente orientados para os contextos de vida das pessoas e de acordo com a sua afinidade em relação aos museus. Alguns grupos-alvo darão mais atenção às questões interculturais, enquanto que outros terão mais interesse na história das migrações, na cultura do país de origem ou na história e na cultura do local onde moram, da região ou da Alemanha.

Usar os meios definidos no estudo Sinus como um guia pode ajudar a gerar ideias e conceitos para o desenvolvimento de públicos-alvo, especialmente para aqueles que não costumam visitar museus.

4.1

Estimular o interesse pela história da migração e pela diversidade cultural

Nas áreas da educação e de *outreach*, pode ser construído um maior interesse pela história da migração e pela diversidade cultural através de actividades temáticas e pela introdução de áreas de enfoque específico no programa de educação geral. Para ser eficaz, o trabalho de *outreach* precisa de pontos de referência nas exposições e nas colecções. Em vez de estar demasiado focada na migração de mão-de-obra para a Alemanha Ocidental nas últimas décadas, a temática da migração deve ser colocada num contexto mais geral. Questões relacionadas com a inclusão e a diversidade podem ser abordadas em quase todas as exposições da esfera da história, da arte, da natureza e da tecnologia.

4.2

Promover o diálogo intercultural

O trabalho de *outreach* é dar início a um diálogo envolvente entre pessoas, no qual todos são tratados como iguais. A sua contribuição em termos de conhecimento cultural especializado – por exemplo, um conhecimento especial sobre objectos e o seu contexto, aspectos linguísticos, e conhecimentos acerca de técnicas ou rituais – irá enriquecer a experiência do museu para todos. Ao trocar as visitas guiadas tradicionais por actividades de proximidade baseadas no diálogo, a abordagem intercultural pode tornar-se numa peça fundamental dos métodos educativos dos museus. Isto requer uma atitude de abertura e flexibilidade. Ao invés de se focar na comunicação de um conteúdo específico, o ênfase coloca-se em facilitar o diálogo entre as expectativas pessoais dos visitantes e aquilo que está a ser apresentado no museu.

Para permitir a participação das pessoas na vida cultural de uma cidade ou de uma comunidade, os projectos de cooperação precisam de promover formas de colaboração concretas. Os museus devem abordar potenciais parceiros de cooperação – por exemplo, organizações de migrantes, instituições de caridade, associações, escolas e outros grupos de interesse social. Na prática, isto também significa o desenvolvimento de iniciativas noutros espaços que não apenas no do museu.

4.3

Abordar a diversidade social de forma produtiva

Muitos grupos de visitantes, em particular as turmas escolares, são culturalmente diversos. Para desenvolver um trabalho de *outreach*, é necessário possuir sensibilidade e competências interculturais que permitam chamar a atenção para diferentes perspectivas e envolver os visitantes num diálogo. Isto aplica-se sobretudo a museus históricos, histórico-culturais e etnológicos, uma vez que são muitas vezes dominados por perspectivas nacionais resultantes da forma como as suas colecções se foram desenvolvendo ao longo dos anos.

A diversidade social também significa diversidade linguística. Os museus são locais ideais para experimentar e encorajar o multilinguismo. Todos os museus podem facilitar um acesso criativo através da linguagem e podem ultrapassar as hierarquias impostas pelas línguas.

Reinterpretar as exposições existentes a partir da perspectiva da migração e da diversidade cultural também é uma abordagem adequada a museus de todas as categorias. Isto pode ser implementado através de iniciativas de *outreach*, como visitas guiadas ou workshops. De facto, a reinterpretação é uma ferramenta básica para o trabalho de *outreach*. Para isso, deve ser disponibilizada informação que permita contextualizar os objectos.

4.4

Abordar novos grupos-alvo

As exposições e as colecções dos museus não alcançam todas as camadas da população, independentemente de terem ou não um passado de migração. Por isso, os museus devem procurar abrir-se o mais possível à sociedade em geral. Para conseguir-lo, podem fazer com que as suas exposições reflectam a diversidade social de forma mais alargada, desenvolvendo novos conceitos para grupos especiais e eliminando barreiras. As possíveis abordagens podem passar por projectos no âmbito da linguagem, cursos de integração, ou eventos sobre a transculturalidade e a globalização.

Encontrar formas para comunicar eficientemente é uma das tarefas-chave quando nos queremos dirigir a grupos que têm poucos hábitos de ir a museus. Isto implica

usar canais de comunicação que permitam que esses grupos estejam a par daquilo que o museu tem para lhes oferecer.

O *outreach* também se deve basear nos princípios da formação de públicos: a oferta e a procura influenciam-se mutuamente – o museu forma os seus visitantes e os visitantes também formam o museu. Uma tendência parecida com aquela que observamos na comunicação na era digital, onde os utilizadores são chamados a participar e também contribuem activamente. Estes recursos também podem beneficiar os museus – não apenas no mundo virtual, mas também no mundo real. Eles representam uma enorme oportunidade para o desenvolvimento dos museus, uma vez que combinam autenticidade e diálogo.

4.5

Desenvolver competências interculturais

No trabalho de *outreach*, o conhecimento e a *expertise* dos serviços educativos são particularmente importantes dado que estes têm contacto directo com o público. Além das competências profissionais, isto também exige um elevado grau de competências interculturais, o que significa a necessidade de formação regular. Também é desejável que o conjunto dos trabalhadores, permanentes e temporários, reflitam a diversidade da sociedade em que o museu está inserido.

4.6

Perguntas e contributos

Inspirar o interesse: a diversidade cultural como pergunta-chave

- Que pontos de referência são oferecidos pelas exposições e pelas colecções?
- Que tipos de eventos podem ser desenvolvidos (visitas guiadas, workshops, etc.)?

- Que objectos permitem reinterpretar a exposição permanente através da perspectiva da migração?

Diálogo intercultural

- Com que parceiros podem ser desenvolvidas iniciativas de diálogo intercultural?
- Qual é o objectivo comum de determinado projecto que une os parceiros?
- Que pontos de referência existem na exposição para atingir esse objectivo?
- Quais são as iniciativas destinadas aos grupos-alvo e como é que são comunicadas?
- Como é que as diferentes competências e conhecimentos podem ser usados em conjunto?
- Como é que os resultados podem ser transferidos para o trabalho do dia-a-dia?

Iniciativas destinadas a grupos-alvo

- A quem se destina a iniciativa?
- Que organizações podem ajudar a desenvolver a iniciativa (por exemplo: associações, instituições de ensino ou similares)?
- Que possíveis parceiros podem desenvolver, comunicar e implementar a iniciativa?
- Como é que a iniciativa vai ser financiada?
- Como é que o *feedback* vai ser tido em conta em desenvolvimentos futuros?
- Que ligações se vão manter depois do projecto estar concluído?

Manter o desenvolvimento profissional nos museus

- Que tipo de formação em competências interculturais têm os profissionais que trabalham em *outreach*, e para que públicos?
- Como podemos aumentar o número de profissionais que fazem um trabalho de *outreach* e que também têm um passado de migração?
- Que parceiros podem ajudar o museu nestes processos?

- Que funcionários do museu estão afectos a esta área?
- No âmbito do desenvolvimento de públicos, que estratégias de longo prazo são passíveis de se concretizar de forma realista?
- Como é que a implementação destas estratégias vai ser avaliada?

Parcerias entre museus e cursos de línguas e de integração

- Quem dirige os cursos e que parceiros podem ajudar a desenvolvê-los?
- Quais são as orientações das organizações parceiras? Qual é o âmbito do papel do museu?
- Que pré-requisitos organizacionais precisam de ser clarificados (tempo, instalações, tecnologia)?
- Que capacidades devem ter os participantes?
- Que ligações de longo prazo podem ser estabelecidas com o projecto?
- Que tipo de projectos de acompanhamento podem ser desenvolvidos?

5.

Recomendações

Quando um museu integra as questões da migração e da diversidade cultural na colecção, nas exposições e no trabalho de *outreach*, isso tem um impacto global na instituição. Torna-se mais aberta à sociedade e consegue, por isso, atrair mais visitantes. As recomendações que se seguem foram pensadas para facilitar este processo.

5.1

Intensificar o estudo de públicos

Os museus que querem focar-se a sério nos visitantes precisam de investir mais no estudo dos seus públicos. No panorama museológico alemão, este é um aspecto ao qual ainda não é dada a devida importância.

Como podem os museus tirar partido da informação recolhida em investigação de campo para desenvolver os seus públicos? Consoante os recursos financeiros disponíveis, podem ser feitos inquéritos específicos, debates com peritos ou usadas plataformas online. Quais são as expectativas dos potenciais visitantes em relação ao museu? Que interesses os ligam ao museu? O que os impede de visitar o museu? Como podem os museus tornar-se mais atractivos para determinados grupos-alvo? Ao mesmo tempo, o museu também pode aproveitar a oportunidade de estar a falar com os seus visitantes (potenciais) para aumentar a sua visibilidade pública.

Deve ser realizado um estudo de nível mais avançado sobre a forma como os conteúdos são estruturalmente apresentados nas exposições, permanentes e temporárias, e no que diz respeito à compreensão dos textos que as acompanham. Isto é igualmente válido para a avaliação de projectos de médio prazo, iniciativas e programas.

Sem estes fundamentos empíricos é difícil garantir que os recursos humanos e financeiros são usados de uma forma cada vez mais orientada e eficaz.

5.2

Novos canais de comunicação

É importante que a abordagem a novos grupos-alvo, que tenham visitado pouco o museu ou participado raramente nas actividades de *outreach*, seja feita através de formas de comunicação pertinentes. Neste contexto, os canais de comunicação mais tradicionais, como os jornais, os órgãos de comunicação locais, folhetos ou cartazes, têm um grau de eficiência limitado.

Caso a caso, é preciso tirar partido dos canais de comunicação “mais acertados” (ou os métodos de comunicação mais adequados) para que os grupos-alvo tenham conhecimento das iniciativas do museu. Estes canais de comunicação variam de acordo com o grupo-alvo. Devem ser tão específicos quanto diversos e apropriados à idade dos indivíduos. Por exemplo, rádio e televisão através da internet, imprensa multilingue ou específica de grupos-alvo, redes sociais digitais ou analógicas. As redes sociais digitais abrem novas oportunidades para diálogo e colaboração.

5.3

Iniciar contactos de forma activa

Numa sociedade com um elevado nível de imigração, o envolvimento de pessoas com e sem antecedentes de migração é um factor essencial para o sucesso do trabalho museológico. No entanto, isso ainda não é a norma. Um primeiro passo é encontrar os parceiros adequados na comunidade, o que à partida existirá em qualquer cidade ou contexto.

Para isso, o método mais recomendado é o trabalho de *outreach* fora do museu. É possível ultrapassar os défices de informação, as barreiras ao acesso e construir confiança com a ajuda de líderes de opinião, de convites específicos para visitas ao museu, de visitas a organizações, e de idas a locais de encontro ou a eventos de potenciais parceiros.

5.4

Participação e formação

Os museus dependem dos indivíduos e das associações, enquanto conselheiros e colaboradores, para documentar e apresentar a história da migração. Sem as pessoas e as suas experiências, não é possível levantar novas questões acerca das colecções actuais ou desenvolver novas perspectivas.

A formação de ambos é necessária para garantir uma colaboração positiva com novos parceiros. A formação em competências interculturais é essencial para todos os funcionários dos museus – desde os vigilantes aos gestores. Ter em conta as semelhanças e as diferenças culturais, assim como reflectir sobre os nossos estereótipos, lugares-comuns ou preconceitos, é um importante ponto de partida para trabalharmos em conjunto, permitindo-nos fortalecer a nossa empatia, a tolerância e a compreensão clara dos papéis de cada um. A equipa de gestão do museu deve organizar formação adequada neste domínio.

Durante o processo de colaboração, os parceiros de cooperação devem receber formação em museologia. Os conhecimentos acerca das práticas mais comuns e dos mecanismos do trabalho museológico, assim como um acordo em relação às normas comuns, têm um importante papel no processo de trabalho em parceria. As propostas que proporcionam um maior conhecimento sobre o que acontece “nos bastidores” podem cultivar o interesse pre-existente pelo trabalho dos museus.

5.5

Outros conhecimentos especializados

Dependendo do contexto da cooperação e do parceiro com quem se está em diálogo, é útil – e às vezes, até essencial – desenvolver competências linguísticas ou ter a ajuda de um “tradutor cultural”. Além de tornarem mais fácil a comunicação com os outros, as competências linguísticas também são indispensáveis para reinterpretar alguns objectos.

O conhecimento acerca da história e das culturas do país de origem, assim como acerca da situação política actual, são igualmente importantes.

Para fazer perguntas pertinentes quando se debatem diferentes perspectivas e para considerar a informação e os objectos nos contextos certos, os museus precisam de equipas com conhecimentos relevantes ou de indivíduos de confiança que lhes dêem a informação necessária.

No médio a longo prazo, os museus devem empenhar-se para que as suas equipas reflectam a diversidade da sociedade.

5.6

Designar pontos de contacto

O contacto com novos parceiros deve ser activamente mantido para que seja estabelecida uma base de confiança. Para isso, a continuidade das equipas é muito importante e essa tarefa não deve ser delegada em consultores externos ou em trabalhadores provisórios. Ao invés, deve ser um trabalho feito por pessoas claramente definidas como pontos de contacto, comparados com os *community officers* de alguns museus britânicos. Tal como o volume de trabalho que este tema acarreta não deve ser subestimado, especialmente durante a fase inicial, é necessário que haja o empenho da instituição e, sempre que fizer sentido, de quem a financia.

Os museus devem promover a participação em todos os grupos sociais. Para fazer isso, o acesso deve ser simplificado e estar aberto a todos. É preciso desenvolver uma nova cultura de percepção e de recepção para promover o intercâmbio entre museus e visitantes, para identificar mais eficazmente as necessidades dos visitantes e para abordar novos grupos de visitantes de forma direccionada. Este processo também exige o desenvolvimento das competências interculturais - tanto dos trabalhadores como dos visitantes dos museus.

Glossário

Actualmente, o tema da migração é debatido no contexto de inúmeros interesses políticos, sociais e culturais. Por vezes, é um tema ambíguo e não está isento de controvérsias. Para evitar mal-entendidos, incluímos um glossário neste manual.

Assimilação

É quando uma pessoa adopta totalmente a cultura do país de acolhimento e abandona a cultura de origem. À luz da pluralização cultural que caracteriza a era da globalização, o modelo da assimilação é criticado por estar obsoleto. Ver também: hibridismo, integração, interculturalidade, transculturalidade.

Associações sociais

São organizações de bem-estar – tais como a Caritas, a Diakonisches Werk e a Arbeiterwohlfahrt – mandatadas pelo estado para fornecer aos migrantes orientação e ajudá-los na sua integração.

Comunidades

São redes sociais de pessoas da mesma cultura de origem. Estas redes baseiam-se na partilha de valores e de práticas, que têm vindo a ser estabelecidas há um período de tempo relativamente longo. Uma identidade cultural comum pode ser mantida dentro das comunidades através de estruturas, como as associações culturais e desportivas ou os grupos religiosos.

Desenvolvimento de públicos

É um desenvolvimento estratégico com o objectivo de captar novos públicos para as instituições culturais. Para desenvolver, comunicar e disseminar iniciativas culturais para diferentes grupos-alvo são usados métodos do marketing cultural, das relações públicas culturais e do trabalho de *outreach*, entre outros.

Diversidade

Representa a variedade e as diferenças que existem nos conceitos de vida. O conceito de diversidade implica aceitar e respeitar as diferenças de todo o género, por exemplo, no que diz respeito às origens culturais e étnicas, à sexualidade, às crenças e aos estilos de vida.

Diversidade cultural

É a existência de diferentes grupos culturais numa sociedade. A diversidade refere-se, simultaneamente, às diferenças e à variedade, à pertença a um grupo com base na língua, normas de comportamento, valores, objectivos de vida, formas de pensamento e visões do mundo. Nas suas declarações políticas, tanto a UNESCO como a União Europeia defendem a preservação da diversidade cultural e a promoção do dinamismo e do desenvolvimento cultural.

Hibridismo

É o resultado da hibridização (do processo de formação de novas identidades através da mistura). Refere-se à mistura de identidades que transcendem as identidades originais. Devido à generalização das viagens e da mobilidade na era da globalização, as culturas não podem ser apenas definidas com base no território geográfico. No entanto, a ligação aos lugares continua a ser importante. A utilidade analítica do termo “hibridismo”, que vem da genética, é criticada por presumir que identidades culturais previamente puras foram misturadas através do processo de globalização. O teórico cultural Homi Bhabha descreve o hibridismo como um “terceiro espaço”, que não é uma identidade fixa, mas antes um processo de identificação e uma negociação discursiva. Ver também: interculturalidade, transculturalidade.

Inclusão

É a igualdade de direitos de participação social e cultural para todos os grupos da população. Os indivíduos e as suas diferentes características são aceites, sem a expectativa de que se devem adaptar a uma suposta norma. As diversidades cultural e física são consideradas um facto evidente da sociedade dos nossos dias. Assim, a tarefa de todos é garantir o acesso sem barreiras à participação social.

Integração

É um processo baseado em valores comuns e conduz a uma participação igualitária na sociedade, incluindo todos os direitos e deveres, sem a obrigação de uma pessoa ter de abdicar da sua identidade étnica, cultural ou religiosa. Ver também: assimilação

Interculturalidade

É a relação entre a cultura de cada indivíduo e outras culturas, por exemplo, a forma como se influenciam mutuamente através da incorporação, da mistura e da sobreposição. As fronteiras entre culturas estão constantemente a ser relativizadas e redefinidas. De acordo com o conceito de interculturalidade, o diálogo intercultural

entre duas ou mais culturas na sociedade é caracterizado pela compreensão e respeito mútuos, o que resulta numa influência mútua. Ver também: hibridismo, transculturalidade.

Competências interculturais

É a capacidade para comunicar entre diferentes culturas. Ao nível da comunicação pessoal, a ênfase é dada à expressão e ao entendimento de sistemas de emoções e de valores (por exemplo: distância física, entoação, gestos e expressões faciais e gestos de delicadeza). Ao nível colectivo, refere-se à comunicação dentro e entre (sub-)culturas (por exemplo, no que diz respeito a territórios, migração, e processos de construção discursiva de culturas e de nações). As competências interculturais estão frequentemente relacionadas com o intuito de ultrapassar os preconceitos e o etnocentrismo, mediando situações de conflito ou usando os conflitos de forma produtiva para inovar e criticar. Ver também: interculturalidade.

Meio social

Os estudos Sinus, realizados pela empresa Sinus Sociovision (uma empresa alemã de estudos sociais e de mercado), identificaram grupos-alvo na Alemanha que se baseiam em características demográficas (educação, profissão, rendimento) e aspectos da vida quotidiana (visões da vida, modos de vida). De acordo com a orientação básica dos seus valores (tradição, modernização/individualização, nova orientação) e da sua situação social (classe média-baixa/classe baixa, classe média, classe alta/classe média-alta), estes grupos-alvo podem ser classificados nos seguintes tipos: meio Tradicional, meio Nova Classe Média, meio Precário, meio Esquivo, meio Adaptivo-Pragmático, meio Sócio-ecológico, meio Conservador Estabelecido, meio Intelectual Liberal, meio de Alto Desempenho, Meio dos Grandes Líderes.

Migração

A migração leva a uma mudança, temporária ou permanente, do lugar onde os indivíduos ou os grupos vivem.

Formas de migração

As formas de migração incluem a migração transfronteiriça, a migração dentro de um mesmo território (migração interna), a imigração, a emigração, a migração circular e a re-emigração. Foi desenvolvido um modelo baseado nos diferentes tipos de migração. Este modelo identifica cinco tipos de migrantes, que não se excluem mutuamente: o tipo clássico ideal é o do “imigrante” (visto da perspectiva da sociedade de acolhimento) ou do “emigrante” (visto da perspectiva do país de origem) que estabelece residência permanente na sociedade de acolhimento. Mais tarde, quando os migrantes regressam ao seu país de origem são descritos como

“retornados”. Os “migrantes periódicos” mantêm ligações ao seu país de origem, deixando-o ocasionalmente ou por períodos sazonais de menos de um ano. Os “migrantes da diáspora” também mantêm uma ligação ao seu país de origem mas, em vez das razões económicas, são motivados por razões políticas, religiosas ou por organizações. Os “transmigrantes” migram por razões económicas (por exemplo: como gestores ou especialistas). Podem passar um longo e indefinido período de tempo a mudar-se de lugar para lugar e têm relações multi-direccionais. Desta forma, são formados espaços e estruturas sociais pluri-locais, por exemplo, a participação em diferentes sistemas sociais é espalhada entre múltiplas localizações.

Razões para migrar

As razões para migrar podem ser voluntárias ou involuntárias, e as fronteiras entre estas podem ser fluidas. A decisão de migrar pode ser influenciada por diversos factores no país de origem e de destino, bem como por factores pessoais (por exemplo, factores económicos, políticos, religiosos, ambientais e familiares).

Multiculturalismo

É o conjunto ou a coexistência de diferentes culturas numa sociedade. Este conceito vê as diferentes culturas como internamente homogéneas e externamente delimitadas. É baseado no pressuposto de que as diferentes culturas não se fundem, coexistindo lado a lado. De acordo com este modelo, os migrantes conseguem manter a sua identidade original no domínio da privacidade, enquanto que formam outra identidade pública ao nível político-institucional. Ver também: interculturalidade, transculturalidade.

Participação

Participação social. Relativamente aos museus, a museóloga americana Nina Simon define o conceito de “museu participativo”, no qual os profissionais do museu, os participantes e o público estão envolvidos num intercâmbio devidamente enquadrado e apoiado. A museóloga define diferentes níveis de participação, que dependem da relação que o museu tem com os seus participantes e com o público, de quem está envolvido na participação e da autonomia que lhes é dada: contributivo, colaborativo, co-criativo e participação acolhida. Os museus podem progredir, de forma flexível, ao longo das seguintes etapas: 1. Os visitantes consomem conteúdos; 2. Os visitantes interagem com os conteúdos; 3. Os visitantes associam os seus interesses aos do público-geral do museu; 4. Os visitantes estabelecem contacto com outros visitantes e funcionários do museu, que partilham dos mesmos interesses e actividades; 5. Os visitantes passam a ver o museu como um espaço social que potencia o envolvimento.

Transculturalidade

É um conceito da identidade cultural nas sociedades modernas (ver também hibridismo). Considera-se que as culturas de hoje em dia são constituídas por diversas identidades culturais e não são delimitadas por fronteiras. Este termo refere-se quer ao cruzar de fronteiras, quer à sua superação ou eliminação. De acordo com o filósofo Wolfgang Welsch, as sociedades transculturais são diferentes das sociedades interculturais, porque nas primeiras as culturas não discriminam entre “próprio” e “do outro”. O prefixo “trans” indica o conceito de transversalidade, dado que os determinantes culturais irrompem através das culturas. Também reflecte a ideia de “ultrapassagem”, no sentido em que as culturas modernas se tornam diferentes das suas formas anteriores. Dependendo da perspectiva de cada um, a crescente mobilidade, a flexibilidade e a indefinição podem ser entendidas como riscos maiores ou como a criação de novas liberdades. A superação das fronteiras tanto pode focar-se primariamente em entender múltiplas culturas, como em encontrar ou estabelecer um ímpeto crítico que seja transversal a múltiplas culturas. Ver também: hibridismo, interculturalidade.



Exposição *Rotterdammers and their city*, 2016. Foto: Museum Rotterdam

Outras leituras

Map for ID Group (Simona Bodo, Kirsten Gibbs, Margherita Sani) (2009):
Museums as places for intercultural dialogue: selected practices from Europe

Lisa Chandler (2009): 'Journey without maps': unsettling curatorship
in cross-cultural contexts

LEM (The Learning Museum) Working Group (2013): Museums and intercultural dialogue

MeLa Project (Christopher Whitehead, Susannah Eckersley, Rhiannon Mason)
(August 2012): Placing Migration in European Museums: Theoretical, Contextual
and Methodological Foundations

MeLa Project (Luca Basso Peressut and Clelia Pozzi) (March 2012) Museums in
an age of migration

François Matarasso (2013): Bread and Salt. Stories of Artists and Migration

Politecnico di Milano (Luca Basso Peressut, Francesca Lanzand Gennaro
Postiglione) (February 2013): European Museums in the 21st century.
Setting the framework

More Europe Initiative (2014): Engaging the World: towards Global Cultural
Citizenship

Eurocities, KEA and ERRIN (2014/2015): Culture for Cities and Regions.
Catalogue of practices

Julien Dorra (2015): Building an open community: a new opportunity for scholarly
projects

NEMO (last updated March 2016): Collection of initiatives of museums in Europe
in connection to migrants and refugees

NEMO (2016): "Revisiting the educational value of museums: Connecting to
Audiences"

MAPSI (2016): Managing Art Projects with Societal Impact. Study Book for Students,
Stakeholders and Researchers.

Anexo

Estas orientações foram desenvolvidas com base no diálogo intenso entre especialistas de museus, grupos de migrantes auto-organizados e outras instituições sociais. Estão aqui listados estes indivíduos, bem como as instituições em que trabalhavam à data.

Equipa Editorial

Thomas Brehm, Kunst- und Kulturpädagogisches Zentrum der Museen in Nürnberg (KPZ) (Vermitteln)
Anja Dauschek, Stadtmuseum Stuttgart (Sammeln)
Henriette Holz, Büro für Museumsberatung, München (Grundlagen)
Dietmar Osses, LWL-Industriemuseum Zeche Hannover, Bochum (Ausstellen)

Colaboração

Arda Akkus, Deutsches Technikmuseum, Berlin
Rosemarie Amelung, Naturkundemuseum Bielefeld
Asligül Aysel, Stadtmuseum Duisburg
Kirsten Baumann, Museum der Arbeit, Hamburg
Peter-René Becker, Landesmuseum Natur und Mensch, Oldenburg
Rosmarie Beier-de Hahn, Deutsches Historisches Museum, Berlin
Anne-Kathrin Bicher, Frankfurt am Main
Kerstin Brüneberg, LWL Museum für Naturkunde, Münster
Oliver Doetzer-Berweger, Emschertal-Museum Herne
Silke Eilers, LWL-Museumsamt, Münster
Silke Engel, Kultur- und Museumsamt Oberbergischer Kreis, Gummersbach
Ursula Eymold, Stadtmuseum München
Gisela Framke, Museum für Kunst und Kulturgeschichte, Dortmund
Jana Golombek, LWL-Industriemuseum Zeche Hannover, Bochum
Nina Gorgus, historisches museum Frankfurt
Matthias Hamann, Museumsdienst Köln
Thorsten Heese, Kulturgeschichtliches Museum Osnabrück
Hanna Huhtasaari, Bundeszentrale für politische Bildung, Berlin
Tanja Karrer, Landesmuseum Württemberg, Stuttgart
Sarah Katzinger, Städtische Museen Hanau
Dagmar Kift, LWL-Industriemuseum, Dortmund
Rita Klages, Nachbarschaftsmuseum Berlin
Jessica Leffers, Landesmuseum für Kunst und Kulturgeschichte, Oldenburg
Christine Lehmann, Stadtmuseum Stuttgart
Katarzyna Malaczynska, LWL-Industriemuseum Zeche Hannover, Bochum
Simone Mergen, Stiftung Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland, Bonn
Peter Mesenhöller, Rautenstrauch-Joest-Museum, Köln
Sarah Metzler, Deutscher Museumsbund e. V.
Isolde Parussel, Museum für Kunst und Kulturgeschichte, Dortmund
Luca Pes, Landesstelle für nichtstaatliche Museen in Bayern, München
Wolfgang Pledl, Bayerischer Landesverein für Heimatpflege, München
Kerstin Pöhls, Institut für Europäische Ethnologie der Humboldt-Universität Berlin
Yannik Porsché, Berlin
Peter Pretsch, Stadtmuseum Karlsruhe
Anne Marie Rahn, Senckenberg Gesellschaft für Naturforschung, Naturmuseum Frankfurt

Bettina Scheeder, Museumsverband Rheinland-Pfalz, Ludwigshafen
Judith Schühle, Museum Europäischer Kulturen, Berlin
Sigrid Schulze, Mitte Museum, Berlin
Sybille Schwab, Reiss-Engelhorn-Museum Mannheim
Wolfgang Stäbler, Landesstelle für nichtstaatliche Museen in Bayern, München
Elisabeth Tietmeyer, Museum Europäischer Kulturen SMB, Berlin
Brigitte Vogel, Deutsches Historisches Museum, Berlin
Markus Walz, Hochschule für Wissenschaft und Künste Leipzig
Katrín Winter, Stiftung Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland, Bonn
Anna Wirt, Stadtmuseum Duisburg
Ingrid Wölk, Bochumer Zentrum für Stadtgeschichte

Sugestões e comentários

Lisanne Ackermann, Berlin
Acelya Bakir, Deutsches Historisches Museum, Berlin
Natalie Bayer, München
Lorraine Bluche, Miera | Bluche, Berlin
Kathrin Brumm, Landesmuseum Mainz
Libuse Cerna, Bremer Rat für Migration
Patricia Deuser, Berlin
Anissa Finci, Stipendiatin "Kulturelle Vielfalt und Migration", Stadtmuseum Duisburg
Rolf Graser, Forum der Kulturen, Stuttgart
Carolin Gritschke, Haus der Geschichte Baden-Württembergs, Stuttgart
Gülay Gün, Stipendiatin "Kulturelle Vielfalt und Migration", Museum der Arbeit, Hamburg
Robert Hillmanns, Kulturzentrum zakk, Düsseldorf
Ana Mariá Jurisch, Aachen
Claudia Kanowski, Bröhan-Museum Berlin
Ute Karrer, Völkerkundemuseum Herrnhut
Axel Kreienburg, Bundesamt für Migration und Flüchtlingen (BAMF), Nürnberg
Laila Koller, E-Werk, Freiburg
Vanja Mandic, Stipendiatin "Kulturelle Vielfalt und Migration", LWL-Industriemuseum
Zeche Hannover, Bochum
Frauke Miera, Miera | Bluche, Berlin
Jonas Müller, Museen der Stadt Rendsburg
Antje Neumann, Kunst- und Kulturpädagogisches Zentrum der Museen in Nürnberg
Marissa Pablo-Dürr, Migrantinnen-Netzwerk Bayern e. V.
Roberto Pera, Stipendiat "Kulturelle Vielfalt und Migration", Museum für Kunst und Gewerbe, Hamburg
Petronela Soltesz, Stipendiatin "Kulturelle Vielfalt und Migration", Kunstmuseum Stuttgart
Ayken Spura, Historisches Museum Bielefeld
Mark Terkessidis, Berlin / Köln
Mehmed Tanriverdi, Bundesarbeitsgemeinschaft der Immigrantenverbände in der Bundesrepublik Deutschland, Bonn
Sandra Vacca, DOMID, Köln
e outros parceiros de discussão.

Parte III

Contactos úteis

Sector Cultural

Biblioteca de Livros Digitais

www.observalinguaportuguesa.org/bibliotecadelivrosdigitais

Email: observatoriolp@gmail.com

Tel. 217 577 816

Enciclopédia dos Migrantes

www.encyclopedia-dos-migrantes.eu

Espaço T

<http://www.espacot.pt/>

Email: espacot@espacot.pt

Tel. 22 608 19 19 | 20 | 21

Festival ImigrArte

www.festival-imigrarte.com

Email: festivalimigrarte@gmail.com

Tel. 218 870 713

Festival Olhares do Mediterrâneo

www.olharesdomediterraneo.org/o-festival

Email: olharesdomediterraneo@gmail.com

Festival Todos

www.festivaltodos.com

Email: festival.todos@gmail.com

Tel. 213 420 136

Palco Planisfério

www.renovaramouraria.pt/palco-planisferio

Email: geral@renovaramouraria.pt

Tel. 218 885 203

RefugiActo - Grupo de Teatro

www.facebook.com/refugiacto

Email: geral@cpr.pt

Tel. 218 314 372

Transmouraria

www.transmouraria.com

Email: carlalrosado@gmail.com

Tel. 914 967 463

Sector Social

Associação de Refugiados em Portugal

<https://www.facebook.com/Associa%C3%A7%C3%A3o-de-Refugiados-em-Portugal-303682035420/>

Email: associacao.refugiados.portugal@gmail.com

Tel. 920 088 824 / 920 249 487

Conselho Português para os Refugiados (CPR)

www.cpr.pt

Email: geral@cpr.pt

Tel. 218 314 372

FEMAFRO

www.facebook.com/femafroportugal

Email: femafroportugal@gmail.com

Renovar a Mouraria

www.renovaramouraria.pt

Email: geral@renovaramouraria.pt

Tel. 218 885 203

Serviço Jesuíta aos Refugiados

www.jrsportugal.pt

Email: jrs@jrsportugal.pt

Tel. 217 552 790

Solidariedade Imigrante

www.solimigrante.org

Email: solidariedade_imigrante@hotmail.com

Tel. 218 870 713

Entidades governamentais

Alto Comissariado para as Migrações (ACM)

www.acm.gov.pt

Email: acm@acm.gov.pt

Tel. 218 106 100

O site do ACM disponibiliza alguns contactos úteis:

Associações de imigrantes em Portugal

Equipas Municipais de Mediação Intercultural (EMMI)

Centros Locais de Apoio à Integração de Migrantes (CLAIM)

Embaixadas de outros países em Portugal

Gabinetes de Inserção Profissional Imigrante (GIP)

Centros Nacionais de Apoio ao Imigrante (CNAI)

Gabinetes de Apoio Especializado ao Imigrante (GAEI)

Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR)

www.cicdr.pt

Email: cicdr@acm.gov.pt

Tel. 218 106 100

Observatório das Migrações (OM)

www.om.acm.gov.pt

Email: om@acm.gov.pt

Tel. 218 106 170

Plataforma de Apoio aos Refugiados

www.refugiados.pt

Programa Escolhas

www.programaescolhas.pt

Tel. 218 103 060

Programa de Mentores para Migrantes

mentores.acm.gov.pt

Tel. 218 106 170

Academia

Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA)

www.cria.org.pt

Email: cria@cria.org.pt

Tel. 210 464 057

ISCTE/IUL

www.iscte-iul.pt

Projecto “Living in a Different Culture”

CRIA | ISCTE-IUL | Câmara Municipal de Lisboa (Pelouro dos Direitos Sociais)

<http://cria.org.pt/wp/formacoes/>

Internacional

Organização Internacional para as Migrações (OIM)

www.iom.int

hq@iom.int

+41 22 717 9111

Rede Europeia das Migrações (REM)

rem.sef.pt

GEPF@sef.pt

214 236 200

Museus de migrações

África do Sul

Lwandle Migrant Labour Museum

<http://lwandle.com>

Alemanha

Ballinstadt

www.ballinstadt.de

German Emigration Center

www.dah-bremerhaven.de

Argentina

Museo de la Inmigración
www.migraciones.gov.ar

Austrália

Immigration Museum
<http://museumvictoria.com.au/immigrationmuseum>

Migration Museum
<http://migration.history.sa.gov.au>

Bélgica

Red Star Line Museum
www.redstarline.be

Brasil

Museu da Imigração
<http://museudaimigracao.org.br>

Canadá

Canadian Museum of Migration at Pier 21
www.pier21.ca

Dinamarca

Danish Immigration Museum
www.danishimmigrationmuseum.com

Estados Unidos da América

African American Museum in Philadelphia
www.aampmuseum.org
Immigration Station
www.parks.ca.gov/?page_id=1309
Arab American National Museum
www.arabamericanmuseum.org
Ellis Island National Museum of Immigration
<http://libertyellisfoundation.org/immigration-museum>
Japanese American National Museum
www.janm.org
National Museum of African American History and Culture
<https://nmaahc.si.edu/>
Nordic Heritage Museum
<http://nordicmuseum.org/>
Tenement Museum
www.tenement.org

Espanha

Museo de Historia de la Inmigración de Cataluña
www.mhic.net

França

Musée national de l'histoire de l'immigration
www.histoire-immigration.fr

Irlanda

Cobh Heritage Center
www.cobhheritage.com

Itália

Fondazione Paolo Cresci

<http://museo.fondazionepaolocresci.it>

Galata-Museo del Mare e delle Migrazioni

www.galatamuseodelmare.it

Museo Interattivo delle Migrazioni

www.mimbelluno.it

Museo Nazionale dell'Emigrazione Italiana

www.museonazionaleemigrazione.it

Museo Regionale dell'Emigrazione Piemontese

www.museoemigrazionepiemontese.org

Museo Regionale dell'Emigrazione Pietro Conti

www.emigrazione.it

Japão

Japanese Overseas Migration Museum

www.jomm.jp

Holanda

Humanity House

www.humanityhouse.org

Noruega

The Migration Museum

<http://migrasjonsmuseet.no>

Polónia

Emigration Museum

www.polska1.pl

Portugal

Museu da Emigração Açoriana

<http://museuemigracao.cm-ribeiragrande.pt>

Museu das Migrações e das Comunidades

www.museu-emigrantes.org

Reino Unido

Migration Museum Project

<http://migrationmuseum.org>

19 Princelet Street

www.19princeletstreet.org.uk

San Marino

Museo dell'Emigrante

www.museoemigrante.sm

Suécia

The House of Emigrants

www.kulturparkensmaland.se/1.0.1.0/14/2/

Parte IV

Referências bibliográficas e outras



Museu Roterdão, Uma família de Roterdão com raízes búlgaras, 2012-2013. Foto: Joop Reijngoud

Livros e outras publicações

CAMOC Museums of Cities Review. *Dossier Migration: Cities | (im)migration and arrival cities*, 1/2017.
<https://museumsandmigration.files.wordpress.com/2017/04/camoc-review-no-1-apr-2017-fr3.pdf>

Chambers, I., De Angelis, A., Ianniciello, C., Orabona, M. and Quadraro, M. eds. (2014). *The Postcolonial Museum. The Arts of Memory and the Pressures of History*. Routledge.
www.routledge.com/products/isbn/9781472415677

Chávez, A., Arzoz, M., eds. (2017). *Global Migration: Resilient Cities at the Forefront*. 100 Resilient Cities
http://action.100resilientcities.org/page/-/100rc/pdfs/Global%20Migration_Resilient%20Cities%20At%20The%20Forefront_DIGITAL%20%28High%20Res%29.pdf

Deutcher Museums Bund (2016). *Museums, Migrants and Cultural Diversity* (Transl. NEMO).
http://www.ne-mo.org/fileadmin/Dateien/public/NEMO_documents/Nemo_Museums_Migration.pdf

Eurocities (2016). *Guidelines for cities on the role of culture in the integration of refugees, migrants and asylum seekers*.
<http://www.eurocities.eu/eurocities/allcontent/Guidelines-for-cities-on-the-role-of-integration-of-migrants-refugees-and-asylum-seekers-WSPO-AE7DMC>

European Agenda for Culture (2014). *Report on the Role of Public Arts and Cultural Institutions in the Promotion of Cultural Diversity and Intercultural Dialogue*.
http://ec.europa.eu/culture/library/reports/201405-omc-diversity-dialogue_en.pdf

European Union (2017). *How culture and the arts can promote intercultural dialogue in the context of the migratory and refugee crisis*.
<https://bookshop.europa.eu/en/how-culture-and-the-arts-can-promote-intercultural-dialogue-in-the-context-of-the-migratory-and-refugee-crisis-pbNC0117271/>

Gourievidis, L. (2014). *Museum and Migration: History, Memory and Politics*. Routledge.
<https://www.amazon.co.uk/Museums-Migration-History-Politics-Meanings/dp/0415838762>

IETM (2016). *Creation and Displacement: Developing new narratives around migration*.
<https://www.ietm.org/en/publications/creation-and-displacement-developing-new-narratives-around-migration>

IETM (2016). *Fortress Europe*.
https://www.ietm.org/en/system/files/publications/fortress_eu.pdf

Innocenti, P., ed. (2014). *Migrating Heritage. Experiences of Cultural Networks and Cultural Dialogue in Europe*. Routledge.
<https://www.routledge.com/products/isbn/9781472422811>

L'Internationale (2017). *Subjects and Objects in Exile*.
http://www.internationaleonline.org/media/files/subjectsandobjectsinexile_pdf_def.pdf

MeLa* Project Publications
<http://www.mela-project.polimi.it/publications.htm>

National Museums Liverpool, et al. (2007). *Engaging Refugees and Asylum Seekers: A Best Practice Guide for Museums and Galleries*. National Museums Liverpool et al.

Peressut, L.B., Lanz, F. and Postiglione, G., eds (2013). *European Museums in the 21st Century: setting the framework*, Vol. 2, Politecnico di Milano
https://issuu.com/melaproject/docs/melabook_07_vol2_hq-single_page

Rodier, C. (2016). *Migrants et réfugiés: Réponses aux indécis, aux inquiets et aux réticents*. Éditions La Découverte

ULCG-Agenda21 for Culture publication (2015). *Cities, refugees and culture*.
http://www.agenda21culture.net/images/a21c/key-thematics/docts/Briefing-Cities_refugees_culture-ENG.pdf

Vertovec, S. (2007). *New Complexities of Cohesion in Britain: Super-diversity, Transnationalism and Civil-integration*. [n.p.]: Commission on Integration and Cohesion.
https://www.compas.ox.ac.uk/media/ER-2007-Complexities_Cohesion_Britain_CIC.pdf

Whitehead, C., Lloyd, K., Eckersley, S. and Mason, R. eds. (2015). *Museums, Migration and Identity in Europe. Peoples, Places and Identities*. Routledge.
<https://www.routledge.com/products/isbn/9781472425188>

Artigos, posts e vídeos

Art Basel (2016). Cultural Institutions Respond to Migration conference - video
https://www.youtube.com/watch?v=7_in1pySnQg

Bodo, S. (2013). "New Paradigms for Intercultural Work in Museums – or Intercultural Work as a New Paradigm for Museum Practice?", In *The Inclusionum*
<https://inclusionum.com/2013/04/18/new-paradigms-for-intercultural-work-in-museums-or-intercultural-work-as-a-new-paradigm-for-museum-practice-part-i/>

Boccalatte, P. (2017). "Migrations and spontaneous museums in Italy". In: CAMOC Museums of Cities Review, 1/2017
<https://museumsandmigration.files.wordpress.com/2017/04/camoc-review-no-1-apr-2017-fr3.pdf>

Chiu, C. (2017). "Presenting immigrant culture at the National Museum of Ethnology, Japan". In: CAMOC Museums of Cities Review, 1/2017
<https://museumsandmigration.files.wordpress.com/2017/04/camoc-review-no-1-apr-2017-fr3.pdf>

Cimoli, A.C. (2015). "Identity, Complexity, Immigration. Staging the Present in Italian Migration Museums". In *Museums, Migration and Identity in Europe. Peoples, Places and Identities*, Whitehead, C., Mason, R. and Eckersley, S. (eds), Farnham, Ashgate, pp.285-315

Cimoli, A.C. (2014). "From Representation to Participation: The Voice of the Immigrants in Italian Migration Museums". In *The Journal of the Inclusive Museum*, Vol. 6, n. 3, pp. 111-121.
<http://annachiaracimoli.cgpublisher.com/product/pub.177/prod.290>

Cimoli, A.C. (2014). "The Memory of the Sea: Exhibiting a Museum". In *Museum Multiplicities. Field Actions and Research by Design*, Basso Peressut, L., Colombo, C.F. and Gennaro Postiglione, Politecnico di Milano, pp.36-51

Cimoli, A.C. (2014). "Immigration: Politics, rhetoric and participatory practices in Italian museums". In *Museums and Migration: History, Memory and Politics*, Gouriévidis, L. (ed), London-New York, Routledge, pp.83-102

Cimoli, A.C. (2013). "Complexity Represented. The Role, Challenges, Paradoxes of Migration Museums". In *Red Star Line Antwerp 1873-1934*, Davidsfonds Uitgeverij, pp. 164-170.

Cimoli, A. C. (2013). *Migration Museums, in European Museums in the 21st Century: setting the framework*, edited by Luca Basso Peressut, Francesca Lanz and Gennaro Postiglione, Vol. 2, Politecnico di Milano, pp. 9-107.
https://issuu.com/melaproject/docs/melabook_07_vol2_hq-single_page

Deufel, N. (2016). "Thinking about Refugees, Heritage and Integration". In Nicole Deufel's blog. <https://nicoledeufel.com/2016/05/09/thinking-about-refugees-heritage-and-integration>

Jenkins, T. (2016). "Politics are on exhibit at migration museums, not history". In The Journal. <http://www.cortezjournal.com/article/20161020/AP/310209918/Politicsareonexhibitatmigrationmuseumsnothistory>

Lannes, P. (2015). "Calta 21: A Model for Bridging Museums and Immigrant English Learners". In The Inluseum. <https://inluseum.com/2013/05/23/calta21-a-model-for-bridging-museums-and-immigrant-english-learners/>

Lanz, F. (2016). "Staging Migration". In *Museums: A Reflection on Exhibition Design Practices for the Representation of Migration in European Contemporary Museums*, "Museum & Society", 14 (1), pp. 178-192. <https://www2.le.ac.uk/departments/museumstudies/museumsociety/documents/volumes/lanz>

Nightingale, E. (2016). "A whistle-stop tour of migration in museums and galleries across the world". In Migration Museum Project. <http://migrationmuseum.org/a-whistle-stop-tour-of-migration-in-museums-and-galleries-across-the-world/>

Schuster, E. (2017). "Migration and Museums". In ASTC website <http://www.astc.org/astc-dimensions/migration-and-museums/>

Shih, W.C (2017). "Why and how does the National Museum of Taiwan History represent the history of Southeast Asian immigrants?" In: CAMOC Museums of Cities Review, 1/2017 <https://museumsandmigration.files.wordpress.com/2017/04/camoc-review-no-1-apr-2017-fr3.pdf>

Sutherland, C. (2014). "Leaving and Longing: Migration Museums as Nation-Building Sites". In *Museums & Society*, 12(1), pp. 118-131 <https://www2.le.ac.uk/departments/museumstudies/museumsociety/documents/volumes/sutherland-1>

Vertovec, S. (2007). "Super-diversity and its Implications". In *Ethnic and Racial Studies*, 30 (6): 1024-1054. <http://dx.doi.org/10.1080/01419870701599465>

Visser, J. (2016). "Museums and migration – building sustainable, peaceful communities". In The Museum of the Future. <http://themuseumofthefuture.com/2016/06/14/museums-and-migration-building-sustainable-peaceful-communities/>

Vlachou, M. (2017). The role of museums and science centers in the refugee crisis. In *Dimensions*, Association of Science-Technology Centers http://musingoncultureextra.blogspot.pt/2017/03/article-role-of-museums-and-science_28.html

Vlachou, M. (2016). "Museums and refugees: beyond an assistentialist attitude?". In ICOM Portugal Bulletin, Series III, Nr. 5, Jan 2016, p.13 <http://musingoncultureextra.blogspot.pt/2016/01/article-refugees-and-museums-beyond.html>

Vlachou, M. (2015). "Are we failing? What are museums about?". NEMO annual conference. In Musing on Culture. http://musingoncultureextra.blogspot.com/2015/11/conference-are-we-failing_6.html



Heritage Park Historical Village, projecto *Ahlan*. Foto: ICC/Neil Zeller